

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ELEONÔRA TORRES PRESTRELO

**HISTÓRIAS QUE (NOS) CONTAM:
O ENCANTAMENTO DOS DIAS DE UMA “VIDA VIVIDA”**

NITERÓI - RIO DE JANEIRO

2017

ELEONÔRA TORRES PRESTRELO

**HISTÓRIAS QUE (NOS) CONTAM:
O ENCANTAMENTO DOS DIAS DE UMA “VIDA VIVIDA”**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Psicologia.

Orientadora: Prof. Dra. Marcia Moraes

Niterói - Rio de Janeiro

2017

P936 Prestrelo, Eleonôra Torres.
Histórias que (nos) contam: o encantamento dos dias de uma "vida vivida" / Eleonôra Torres Prestrelo. – 2017.
128 f. ; il.
Orientadora: Marcia Moraes.
Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal Fluminense. Instituto de Psicologia, 2017.
Bibliografia: f. 118-124.

1. Psicologia. 2. Narrativa pessoal. 3. Apoio social. 4. Ciência no feminino. I. Moraes, Marcia. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Psicologia. III. Título.

ELEONÔRA TORRES PRESTRELO

**HISTÓRIAS QUE (NOS) CONTAM:
O ENCANTAMENTO DOS DIAS DE UMA “VIDA VIVIDA”**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Psicologia.

Aprovada em _____ de _____ de _____.

Banca Examinadora

Profa. Dra. Maria de Fátima Aranha de Queiroz e Melo – UFSJ

Profa. Dra. Laura Cristina de Toledo Quadros - UERJ

Profa. Dra. Angela Maria Carneiro Silva- UERJ

Profa. Dra. Ana Claudia Monteiro- UFF

Profa. Dra. Marcia Moraes - UFF

AGRADECIMENTOS

Me pego a adiar essa escrita. A gratidão me é exercício cotidiano, conscientização de interdependência, não reconheço dificuldade em expressá-la, deixei-a marcada no texto, inclusive. Agradecer neste momento, no entanto, me conecta a muitas histórias, muitas presenças, algumas ausências... Tentarei honrá-las.

A Newton e Carmelita, origem de tudo.

A Guido, amor e parceria de uma vida.

A Luana, história de amor continuada.

A Laura, parceira de trabalho, alegrias e tanto, tanto mais.

A Marcia Moraes pelo acolhimento, paciência nos primeiros passos dessa estrada e pelo sorriso doce a cada encontro.

Ao grupo de pesquisa do Laboratório PesquisarCOM pela partilha de dizeres e fazeres, risos, descobertas, esperanças.

A todas as alunas (os) que, delicada e corajosamente, confiaram parte de suas vidas a feitura desse trabalho.

À diretora do Instituto de Psicologia da UERJ, Marcia Mota, pelo apoio no período de doutorado.

A minha família nordestina, irmã (os), sobrinhas (os), primas (os) e amigas pela presença à distância.

A Taís e Mauro, filhos “do coração”, e meu netinho Théo, pela vida tecida.

A Cristina, Wallace, Miguel e Carol, família carioca escolhida.

Às amigas da “Casa 91” pela presença constante, especialmente a Luciana Cavanellas, por seus olhos e ouvidos atentos e colo amoroso.

À família Palmeira, especialmente a D. Jacy, pelo acolhimento,

Às minhas “cuidadoras” Maria Bernadete Vidaurre, Eliane Janssen, Adriana Gailey e Adriana Castro.

À CAPES, pelos meses de bolsa recebida, ajuda importante à feitura de um trabalho como esse.

À Camila Kurdian, aluna da graduação em psicologia do IP/UERJ e atual estagiária bolsista do projeto de extensão “Laboratório Gestáltico: configurações e práticas gestálticas”, pelas montagens presentes no texto.

A Alvanísio Damasceno pela ajuda na formatação do texto e algumas “coisitas” mais.

RESUMO

Esta é uma pesquisa que foi tomando forma a partir da escuta de narrativas de alunas do curso de psicologia do Instituto de Psicologia da UERJ. Falas de um sofrimento testemunhado, quase sempre não contado/falado. Presente nas entrelinhas do dito, nos olhares esquivos, lacrimejantes, nas ausências, nas crises da existência concretizadas em aprisionamentos diagnósticos. Através do “GAPsi: grupos de apoio psicológico”, projeto de extensão cuja proposição é cuidar das alunas (os) desse curso, outras modulações da existência foram surgindo e tomando a forma de histórias de vida, nos convocando, ante sua força expressiva, a contá-las e ao que elas nos “faz fazer”. Utilizamos, para tal fim, uma diretriz metodológica que afirma contar histórias como leitura de mundo, histórias que contem de nós e que nos interessam contar, histórias presentes no campo de pesquisa e que fazem ver as tensões presentes na experiência de cuidar e ser cuidado, proposição que se coloca, muito especialmente, nessa profissão. Contar histórias como diretriz metodológica marca uma forma de fazer ciência que privilegia as marcas do fazer, que mostra o cotidiano da pesquisa e seus atravessamentos em suas afetações, uma ciência que se faz no feminino. Iniciamos localizando a construção dessa tese através das conexões presentes no percurso profissional da autora, a fim de marcar no texto, desde o início, a condição de que todo saber é local, situado e performa uma prática. Acompanhamos os grupos do GAPsi e acolhemos suas narrativas, registrando-as em diários de campo, realizando algumas entrevistas e fabulando histórias, muitas delas presentes nessa tese, a fim de marcar o cuidado nessas interconexões ou estabelecer nas conexões a marca do cuidado. A tese aqui colocada, portanto, é a de que o conhecimento se dá a partir da experiência e que formar alunas (os) de psicologia vai muito além do que lhes transmitimos em sala de aula. E, principalmente, que ensinar a cuidar implica, inexoravelmente, cuidar, na prática. Um cuidar que se faz COM. Não existem formas dadas *a priori*; a encontrada nessa tese foi sendo feita, efeitos do olhar de uma Gestalt-terapeuta na graduação em psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e os atores envolvidos nesse processo. Um olhar que acolheu o que se fazia figura e ninguém via e no que esse olhar nos fez fazer, contar histórias de uma “vida vivida”. Contar histórias como uma forma de cuidar, da vida, da pesquisa, da escrita.

Palavras-chave: Cuidar. Narrativas. Grupos de apoio psicológico. Ciência no feminino. “Vida vivida”.

ABSTRACT

This research was taking form from the listening of the narratives of the women that attend the course of psychology of the Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Words of a observed, in many cases untold/not talked suffering. Present in the lead of what was said, in the elusive, lachrymose looks, in the absences, in the crisis of existence made real in diagnostic imprisonments. By means of the "GAPsi: grupos de apoio psicológico [groups of psychological support]", further education project of which proposal is to attend the students of this course, other existence modulations appeared and took the form of life histories, convoking us, by their expressive force, to tell these histories and tell what they "make us make". For this, we have used a methodological guideline that accounts telling histories as world reading, histories that tell about us and that interest us to tell them, present histories in the research field and that show the tensions of the caring and being cared experiences, very specially typical proposition of this profession. To tell histories as methodological guideline marks a form of making science that privileges the marks of making, that shows the research daily routine and its crossings in their affectations, a science made in the feminine. We began by situating the construction of this thesis by the present connections in the professional trajectory of its author, in order to mark in the text, from the first, that every knowledge is local, situated, and performs a practice. We accompany the GAPsi groups and receive their narratives, writing them out in the field diaries, fulfilling some interviews and fabling histories, many of them present in this thesis, in order to mark the care in that interconnections or to establish in the connections the mark of the care. The thesis here defended, therefore, claims that the knowledge occurs from the experience and that the graduation of psychology students is more than what we transmit in the classroom. It claims, mainly, that teaching to care entails, inexorably, to take care, in practice. A care made WITH. There are no *a priori* forms; the form found in this thesis has been made step by step, effects of the look of a Gestalt-therapist in the graduation in psychology of the Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro and of this process actors. A look that received what made itself figure and nobody saw, and what this look made we make, to tell histories of a "lived life". To tell histories as a manner of taking care of the life, of the research, of the writing.

Keywords: To care. Narratives. Groups of psychological support. Science in the feminine. "Lived life".

SUMÁRIO

A TÍTULO DE INTRODUÇÃO:

HISTÓRIAS QUE FALAM DE NÓS: ERA UMA VEZ..., 10

HISTÓRIA UM: O INÍCIO OU O QUE NOS FAZ FAZER?, 13

Histórias que ninguém vê: a contação de histórias como dispositivo para se pensar a vida e a pesquisa, 23

HISTÓRIA DOIS: A MENINA QUE VEIO DE LONGE..., 30

Entrelaçamentos de um trabalho/pesquisa: o início do GAPsi, 35

HISTÓRIA TRÊS: NA CHEGADA, O COLORIDO DA VIDA..., 41

O GAPsi: uma prática de cuidado, 47

O cuidar como ação, 49

HISTÓRIA QUATRO: QUANTO VALE UMA VIDA?, 58

Delineamentos de uma luta: cuidar da UERJ, 62

Tornar a vida possível: condições de interdependência, 69

HISTÓRIA CINCO: AS MENINAS QUE SE PERGUNTAVAM..., 71

A contação de histórias como diretriz de método, 76

HISTÓRIA SEIS: O QUE FAZ UM SOFRIMENTO MAIOR QUE OUTRO? – 76

O “rigor da experiência”: marca de uma nova ciência, 78

“Pensar nós devemos”, 80

HISTÓRIA SETE: CONTAR (NOS) COMO UMA FORMA DE CUIDAR: VERSÕES DE UMA CIÊNCIA QUE SE FAZ NO FEMININO, 85

Contar histórias: uma forma de fazer ciência, 85

HISTÓRIA OITO: “SE PODES OLHAR, VÊ. SE PODES VER, REPARA” – 89

Olhar, ver, reparar e nomear, 93

Versões de histórias: uma política de escrita, 96

HISTÓRIA NOVE: O ENCANTAMENTO DOS DIAS..., 105

Ensaiai a escrita: exercício de liberdade, 105

Reenamorar o pensamento: conexão com o sensível, 107

O encantamento de uma “vida vivida”, 112

HISTÓRIA DEZ: “TÔ AQUI PENSANDO: SE A GENTE QUER TANTO SER VISTO, POR QUE A GENTE SE ESCONDE?”, 114

FINALIZANDO COM MAIS UMA HISTÓRIA..., 115

Não agüento mais viver nesse mundo!, 115

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, 118

APÊNDICES, 125

Apêndice A – Roteiro de entrevista, 125

Apêndice B – O que o olho não vê o coração também sente: como cuidar do invisível que nos salta aos olhos, 126

Apêndice C – “Ouvir é como a chuva”: o apoio psicológico como parte da formação em psicologia, 127

Apêndice D – Laboratório Gestáltico e Laboratório PesquisarCOM: práticas no rastro de uma “psicologia no feminino” (no prelo), 128

HISTÓRIAS¹ QUE (NOS) CONTAM: O ENCANTAMENTO DOS DIAS DE UMA “VIDA VIVIDA”

A TÍTULO DE INTRODUÇÃO:

HISTÓRIAS QUE FALAM DE NÓS: ERA UMA VEZ...

Contar a história de uma tese me parece algo bem difícil. Onde foi que esse tema tomou forma, que conexões o fizeram aparecer? Serei eu capaz de acompanhar os rastros e alcançar os atores² nesse caminhar? Identificando-os, ainda tanto me escapará... Inquietação que me acompanha no ato da escrita, pois um conhecimento não se tece apenas numa historicidade cronológica, nas elaborações conceituais. Da forma como o entendo hoje, o conhecimento se faz numa infinidade de conexões e especialmente, muito especialmente, nos pequenos/grandes acontecimentos que performam uma vida, se tecem e que assim nos contam. O que trarei nesse texto, portanto, se constitui em uma das tecituras possíveis dessa trama. E me caem nas mãos as palavras de Lygia Fagundes Telles que, entrevistada por Clarice Lispector quanto à inspiração para a feitura de um texto, nos diz:

Lembro que algumas ideias podem nascer de uma simples imagem. Ou de uma frase que se ouve por acaso. A ideia do enredo pode ainda se originar de um sonho. Tentativa vã de explicar o inexplicável, de esclarecer o que não pode ser esclarecido no ato da criação (TELLES, 2007, p.14).

¹ No uso dessa grafia quero deixar registrado, desde já, que não trabalho nem no título, nem no corpo do texto, com a distinção história/estória. História como “Narração do que acontece no tempo; reprodução do passado; estudo relativo a determinado período [...]” (KOOGAN; HOUAISS, 1999, p. 826) nem estória como “narrativa de ficção; exposição romanceada de fatos puramente imaginários” (KOOGAN; HOUAISS, 1999 p. 632). Utilizo apenas uma grafia, numa tomada de posição que segue os passos de uma diretriz metodológica que acolhe no que se conta elementos formais e fabulados, como a leitora(o) vai poder acompanhar no corpo desta tese, não incorrendo, portanto, no uso de uma distinção que se faz utilizando critérios próprios de uma ciência dita “moderna” (LATOURE, 1994). A quem interessar ver mais sobre essa tomada de posição e inspiração ver o belo texto de Bellacasa (2000), “Feminist knowledge politics in situated zones: A different history of knowledge construction”. Deixando aqui registrados nossos agradecimentos a Stefan Rotenberg pela cuidadosa tradução do texto, que facilitou sua leitura pelo nosso grupo de pesquisa.

² Latour nos diz que nenhuma ciência do social existe se não explorarmos o que e quem participa da ação e que “[...] *qualquer* coisa que modifique uma situação fazendo diferença é um ator (LATOURE, 2012, p. 108). Além das obras do Latour, os textos de Arendt (s/d) e Moraes (2004) contribuíram para minha iniciação na TAR.

Na tentativa, pois, de iniciar de algum ponto, me vem à mente a leitura do texto do professor e colega, bem nessa ordem, Ronald Arendt, incluído no livro *Cartas para pensar políticas de pesquisa em psicologia* (2014), em que ele discorre sobre a troca de correspondências entre Franz Kappus e Rainer Maria Rilke, como inspiração para sua carta aos colegas da Comissão de Avaliação dos Programas de Pós-Graduação em Psicologia da CAPES. De acordo com Arendt (2014), Rilke, na recusa em avaliar os escritos de Kappus, ressalta a importância de que ele abra mão da preocupação com a opinião externa e mergulhe na sua motivação para a escrita, na identificação do que ela lhe move de maneira visceral. Diz que ele deveria buscar os motivos de sua escrita nas coisas da natureza, na simplicidade de sua existência cotidiana. Inspirada por essa fala me³ pergunto o que me faz pensar e pesquisar o cuidado? E o que me move ao pesquisar num campo de existência cotidiano, a graduação em psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro?

Lembro que, de alguma forma, sempre quis apreender os pequenos grandes momentos da existência. Aqueles momentos onde a vida se torna de repente, não mais que de repente, tão plena! E talvez por isso, tão fugaz! O que me mostram eles? O que me dão a conhecer?

Eis aqui um fio me encaminhando para o tema dessa tese. Porque aprendemos que toda história tem um “fio da meada”, ou vários deles, entrelaçamentos que vão lhe dando forma e fazendo sentidos! Nessa introdução da leitora (or) ao texto, procurarei pontuar alguns desses fios, pois essa tese será composta por pequenas/grandes histórias de vida, do caminho de sua feitura e de vidas na graduação em psicologia de uma universidade do Rio de Janeiro, indissociáveis em seus entrelaçamentos, conexões e proposições, no sentido usado por Latour (2008). Segundo ele, proposições indicam articulações (ou sua falta) de elementos humanos e não humanos em relação, o que as diferenciaria de afirmações, que implicariam a noção de falso e errado.

³ A (o) leitora (or) perceberá que escolho ao longo da tese uma colocação pronominal, a próclise, para marcar no texto a forma de falar o português usada no nosso cotidiano. Para justificá-la, me apoio em Domingos Pashoal Cegalla, que afirma: “Na pronúncia do Brasil, as formas pronominais oblíquas não são completamente átonas; são antes, semitônicas. Assim se explica por que entre nós é predominante a tendência para a próclise: Ele terá de *se explicar*” [...] “[...] o pronome átono proclítico ao verbo principal espelha um fato inequívoco da língua falada e escrita no Brasil. A Gramática não pode senão sancioná-la.” (CEGALLA, 2010, p.540 e 545)

Por que contar histórias? Porque o mundo é feito delas, como diz Eduardo Galeano, “[...] isso que o mundo é feito de átomos... o mundo não é feito de átomos, o mundo é feito de histórias” (GALEANO, 2012, n. p.) e, penso, contá-las nos aproxima da vida como ela é, à multiplicidade das formas de existência, não a uma vida teorizada, suposta, e sim a uma “vida vivida”. Ao me deparar com os depoimentos de alunas⁴ do curso do qual faço parte e me surpreender com tamanha força expressiva, me senti convocada a ouvir-lhes, o que encaminhou uma mudança da proposição inicial contida no projeto de tese, a escuta de alunos, professores e funcionários para a atual, ouvir apenas as alunas (os), em função da dimensão que esse universo foi apresentando, ante a convocação da força expressiva dessas narrativas e o que elas nos fazem fazer, no entendimento que essa tese precisaria fazer falar essas histórias, as diversas versões de alunas(os) da graduação em psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro acerca das práticas de cuidado experienciadas. Ao nos referirmos a versões imprimimos uma diretriz de método na produção dessa pesquisa, uma versão (DESPRET, 2016)⁵ implica conexões presentes ao sermos afetadas na apreensão de um evento ou forma de conhecimento, o que leva em conta agenciamentos múltiplos coexistentes, noção que não se conecta a busca de verdades nem comprovação de acontecimentos. Penso, pois, que ao contar essas histórias, elas “nos” contam, na ampla expressão dessa conjunção, contam de nós e para nós.

⁴ No texto escolhemos nos referir a alunas, no feminino, pois a grande maioria das participantes do GAPsi, durante o período da pesquisa, foram estudantes mulheres. Quando o masculino se fizer presente nas narrativas, o apontaremos. Essa escolha é efeito de uma diretriz metodológica que nos norteia as pesquisas, a de marcarmos o que se dá no campo, uma diretriz de fazer uma “ciência no feminino”, o que trabalharemos de forma mais detalhada posteriormente.

⁵ Sobre esse tema nos debruçaremos mais a frente no texto, já que consiste em importante diretriz de método que orienta nossas pesquisas, o que implica uma tomada de posição política na produção do conhecimento científico que produzimos.

HISTÓRIA UM: O INÍCIO OU O QUE NOS “FAZ FAZER”?⁶

Entrar como professora de Gestalt-terapia no Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro⁷, num concurso público para essa área, único realizado até então numa universidade pública do Rio de Janeiro e do Brasil, uma abordagem clínica onde o contato com a presentificação da experiência⁸ é uma de suas proposições principais, performa⁹ um caminho. Um caminho de valorização de ficar no “aqui e agora”¹⁰, com tudo que dele emerge como figura num campo de possibilidades. E para isso precisamos estar em contato com os pequenos grandes acontecimentos que performam uma vida, tema que perpassa todo esse trabalho.

O cotidiano na universidade me contava muitas histórias, e muitas delas de sofrimento. Fui capturada por algumas:

O mundo da psicologia é um mundo encantado. As pessoas são encantadoras, a profissão é encantadora; e você, claro, quer ser também uma dessas pessoas encantadoras... um encantador... é um mundo fantástico e você não acredita ter entrado ali. [...] Existe um sentimento ao entrar na faculdade que foge às palavras. [...]

No princípio, te perguntam a toda hora, a cada momento, o que você acha das aulas. E você: “legal”. Esse “legal” é assim meio amarelo, meio sem gosto, meio apagado. [...] Mas você está destinado a ser um encantador, e seu encantamento te permite uma esperança sem limites. Então, a certeza de que o próximo ano será melhor tem início (XISTO, 2006, p. 224 e 225).

Ora, como professora dessa instituição, essas palavras contam, também, de mim! Como ignorá-las?

⁶ “Faz fazer”, uma duplicação que a língua francesa preserva que nos remete ao que nos faz agir, ao que nos coloca em movimento. Uma indicação contrária à noção de causalidade, pois desconstrói qualquer noção de domínio na relação sujeito-objeto e vice-versa, trazendo a simetria para o campo das relações (LATOURET ET AL., 2015).

⁷ A partir desse momento utilizarei no texto as siglas IP quando me referir ao Instituto de Psicologia e UERJ para Universidade do Estado do Rio de Janeiro, forma usada no cotidiano institucional.

⁸ Nos referimos aqui a noção de experiência trazida por Jorge Larrosa Bondía (2002), como “aquilo que nos acontece, o que nos toca”, referência que contempla esse movimento de contato na abordagem gestáltica, pois “nesta concepção [a Gestalt-terapia], como vimos, a vida, a própria vida, é compreendida como eminentemente experimental” (FONSECA, 2017, n. p.).

⁹ Performar: produzir efeitos. Expressão que pretende distribuir a rede de ações que interfere na produção de um acontecimento. Opõe-se à noção de “atribuição”, a partir da proposição que nada se dá *a priori*. A quem se interessar por essa discussão, ver Law (2008) ou Moraes (2004).

¹⁰ “[...] *viver o aqui e agora* é um experienciar a realidade interna e externa, como ela acontece, tenha ou não antecedentes que a expliquem ou justifiquem” (RIBEIRO, J. P., 1985, p. 79, grifo nosso).

Procurei então, inicialmente, acompanhar essas falas de sofrimento. Do sofrimento intuído, testemunhado, quase sempre não contado/falado. Presente nas entrelinhas do dito, nos olhares esquivos, lacrimejantes, nas ausências, nas crises da existência concretizadas em licenças, aprisionamento em diagnósticos. Por que, inicialmente, olhar só para o sofrimento? Pergunta presente, em alguns momentos, no grupo de pesquisa¹¹ do doutorado, companheiras (os) queridas (os) e valiosas (os) nesse percurso. Na tentativa primeira de elaboração de uma resposta, penso que porque, na vida, o caminho que me levou a priorizar esse olhar foi se fazendo.

Numa origem nordestina... O sofrimento do nordestino só aparece, quando aparece, para salvaguardar as vozes de poucos, naquilo que os interessa e aqui relembro parte de minha história, entrelaçamentos do campo de pesquisa. Desde a lembrança mais remota de minha infância me interesse em saber histórias, buscar-lhes o sentido, me fazer ouvinte atenta e perspicaz às conversas dos mais velhos, nas narrativas dos livros infantis, nas rodas de conversa da “casa de farinha” da fazenda de minha avó paterna... Uma construção circular com um grande forno no meio, chão de cimento onde em cantos se amontoava a mandioca, no sudeste conhecida como aipim, recentemente arrancada do chão para ser descascada e o cheiro de mato constante dado a proximidade da terra circundante, já que a construção não tinha paredes. Ali, onde durante o dia e a noite, dia após dia durante a safra, se reuniam trabalhadores e trabalhadoras da fazenda responsáveis pela produção da farinha de mandioca que supriria suas mesas, alimento em que se baseava a nutrição de suas famílias e parte da produção a ser vendida pela fazenda que as contratavam, com frequência única fonte de trabalho disponível naquela região, um mundo de histórias se fazia, histórias que ninguém via. Ninguém via por ser um mundo próprio a uma minoria, ninguém via, literalmente, por serem construídas por seres mágicos como a *mula sem cabeça*, o *Saci*, o *João sem braço*, entre outros.

Durante anos, tomada pela curiosidade e pelo medo, me perguntava e perguntava aos adultos que me rodeavam sobre esses seres que performavam a produção de farinha, no movimento de ir e vir do rodo no forno a lenha sob a luz do candeeiro a querosene. Hoje, na UERJ, a roda se faz em salas de aula, nos grupos do GAPsi, nos encontros em corredores, nas trocas relacionais, no ir e vir de

¹¹ Grupo de pesquisa do Laboratório PesquisArCOM, ligado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFF/Niterói.

palavras, sorrisos, lágrimas, abraços, compartilhamento de nós. Nessas e outras ações o cuidado é performado por alguns professores, alunos, funcionários e vice-versa, dentro e fora das salas de aula. A forma, no entanto, nem sempre é clara, perceptível; assim como na casa de farinha, são constituídas por histórias que muitas vezes ninguém vê¹², na divisão do cotidiano.

Voltando à casa de farinha, naquele cenário os homens eram os responsáveis por espremer a massa de mandioca e torr  -la no forno, tarefas que requeriam o uso de maior força braçal.



Fotos de Guido Palmeira (1978), trabalhadas por Ivayr Borges, em montagem de Camila Kurdian. Elas retratam uma casa de farinha típica da época de minha infância, choupana aberta, coberta por telhas tendo no meio uma constru  o de cimento de forma circular com uma parte mais funda no meio. Essa constru  o    um forno que    alimentado por lenha colocada abaixo dessa parte central, na qual a mandioca raspada que    colocada ali    torrada como parte do processo de produ  o da farinha. Na imagem, homens se debruçam no movimento de remexer com a mão ou um rodo de madeira a farinha até que alcance o ponto esperado de torra  o¹³.

  s mulheres cabia, na maioria das vezes, descascar a mandioca, tarefa na qual me incluía com enorme prazer. Ao redor do monte de mandioca, sentada no chão, com um candeeiro no topo a fim de iluminar o lugar, no fim de um dia que

¹² Não posso deixar de registrar aqui, a alegria do encontro com os escritos de Eliane Brum (2014; 2015), mais um dos que vivi no doutorado, e o acolhimento sentido em seu olhar, que me afirmou, dentre tantos outros, mais uma vez, a importância de se dar a ver o extraordinário de vidas an  nimas e que, com certeza, performa a feitura dessa tese.

¹³ As legendas complementam a sequência da narrativa para leitores cegos ou com baixa visão que utilizam outros recursos para leitura de textos.

muitas vezes se prolongava madrugada adentro, o mundo se fazia de histórias. Nelas, realidade e fantasia se fundiam, perdiam contorno, até a hora em que não mais conseguia me esconder de meus pais e tinha que atender a seus chamados, o mundo não tinha fronteiras. Agradeço a esses personagens, meus ancestrais, a essa terra, esses objetos, esse lugar de origem, de onde vou e venho cotidianamente em variadas conexões, a pessoa que hoje sou, e que se faz em constante *devir*.



Fotos de Guido Palmeira (1978), trabalhadas por Ivayr Borges, em montagem de Camila Kurdian¹⁴. Na montagem, aparecem mulheres em diversas situações de trabalho na casa de farinha. Na maioria das imagens elas aparecem com um pano amarrado na cabeça e estão, em sua grande maioria, sentadas em uma construção com paredes de taipa, parte de uma casa de farinha da época. Elas estão em círculo ao redor de um monte alto de mandiocas descascando-as, em outra imagem aparecem ralando a mandioca, em outra peneirando-a para, a partir daí, colocá-la ao forno para torrar.

É da cultura nordestina o hábito de contar histórias, do ritmo cantante de seu sotaque a literatura emblemática de seu povo, o cordel, como podemos ver neste fragmento de *O sabido sem estudo*, de Manuel Camilo dos Santos (1955):

¹⁴ Na montagem também foram usadas imagens disponíveis em:
www.google.com.br/search?q=casa+de+farinha&biw=1093&bih=494&tbn=isch&img.

Um do outro desigual
Por isto o mundo é composto

Vejamos que diferença
Nos seres do Criador
A águia um pássaro tão grande
Tão pequeno um beija-flor
A ema tão corredeira
E o urubu tão voador

Vê-se a lua tão formosa
E o sol tão carrancudo
Vê-se um lajedo tão grande
E um seixinho tão miúdo
O muçu tão mole e liso
O jacaré tão cascudo [...] (SANTOS, 1955, n. p.).

Ampliando o olhar além da pessoalidade de minha história, atentemos para autores (as) de renome como Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Rachel de Queiroz, Ariano Suassuna e Jorge Amado que, através de suas narrativas nos aproximam dessa realidade nos convocando a perceber o outro, a estar *com* o outro, numa proximidade que nos inclui reflexivamente numa realidade ímpar. Parto, então, de um lugar *marcado*, vivo, no sentido expresso por Haraway (1995), onde o cuidado não é teorizado, mas praticado intuitivamente como uma marca da sobrevivência, que se apresenta numa experiência típica da realidade nordestina:

[...] a imagem era do sertão nordestino, uma casa de taipa, como tantas já vistas; uma senhora idosa na janela, como tantas outras vistas, um repórter entrevistando um menino de mais ou menos 11 ou 12 anos. Cena nunca vista: um menino do sertão nordestino com um surrado calção, nu da cintura pra cima, com um livro de "*Harry Potter*" na mão [...]

A câmara focava o rosto do menino, seus olhos redondos, grandes, intensos na emoção expressa ao olhar para o livro com ar de incredulidade, nas mãos que acariciavam o papel, virando-o de um lado pro outro, a emoção transbordando num peito arfante, difícil, senão impossível de se fazer palavras, que só a insistência do repórter pode concretizar.

Nunca esquecerei essa cena: foi mais do que sua expressão de felicidade, muito, muito mais... Foi a expressão da tristeza que, num segundo plano, se fazia figura, quando, insistentemente, ao agradecer ao desportista (assim me pareceu), que, por ocasião de sua passagem por ali teve a oportunidade de o saber um aficionado pelo personagem – dizia que achava que devia ser assim, *os que tinham mais deviam dividir com os que não tinham!!!*

Uma criança de 11 ou 12 anos, numa idade onde o mundo deveria ainda ser delineado por sonhos, fantasias, aventuras, já lidando com a dor subjacente à constatação da exclusão social. Uma criança privada da possibilidade de dar vazão à sua curiosidade, condição inerente ao "ser criança", de expandir sua aptidão para o desenho,

mostrada pela reportagem, traduzido no discurso da mãe em se ver frustrando com tanta frequência por total impossibilidade financeira, seus pedidos de que, ao ir à feira, trouxesse alguma revista ou chiclete que tivesse algum desses personagens pra que ele pudesse reproduzi-lo.

Impactada pela cena fiquei ali, comungando seu choro, seu apelo, e sua imagem tem me acompanhado por esses dias afora [...] (PRESTRELO, 2002, n. p.).

Tornei-me então uma psicóloga clínica, como dito anteriormente, ofício cuja prática cotidiana inclui ouvir¹⁵ e conjuntamente contar e recontar histórias e também trabalho como professora e supervisora de estágio de uma abordagem clínica, personagem em outras histórias. Ouvir, tornar visível aquilo que ainda não o foi, o que não tem nome, o indizível talvez. Fazer aparecer, cuidar do que “aparece”! Dois ofícios, a continuidade de uma história...

Continuo colhendo histórias numa escolha profissional, a prática clínica *stricto sensu*, onde tradicionalmente se elege esse tema como referência de trabalho. Entre as quatro paredes de um consultório as narrativas de sofrimento se fazem ouvir, encontram uma testemunha.

Logo no início desse percurso descubro tantas outras práticas na clínica! De imediato, o trabalho em grupo: a escuta de muitos, a construção de um espaço coletivo de realidades, mundos partilhados.

Ando mais um pouco, e o contato com uma forma de trabalho que elege o coletivo como unidade primeira de interlocução me é apresentada: a Terapia Comunitária. A produção de outros tantos mundos não conhecidos toma forma, se concretiza. Apreendo que o coletivo se faz no acolhimento, na partilha, na “responsabilização”¹⁶. Proposição que me orienta a intervir na comunidade discente na qual estou inserida, a graduação em Psicologia do IP/UERJ inicialmente com um

¹⁵ Neste texto não estabelecemos distinção entre ouvir e escutar, termos que recebem, por vezes, distinção no campo da psicologia, pois, assim como Moraes (2004) seguimos com Latour (2012) e Haraway (1995) o exercício de pensar fora de referências dualísticas, característica de uma forma de pensar, como apontamos anteriormente, típica de uma ciência “moderna”.

¹⁶ O sentido de responsabilização na abordagem gestáltica refere-se à ação de reflexão sobre si mesmo e sua ação no mundo, “atitude espontânea e conseqüente à *awareness*” (LIMA, 2007, p.188), algo muito além de agirmos conforme os ditames sociais.

projeto de extensão denominado “Terapia Comunitária” alterado depois para “GAPsi: grupos de apoio psicológico”¹⁷.

Logo depois, Laura Quadros, querida parceira de trabalho que fazia seu doutorado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da UERJ me chamou para assistir um seminário que estava organizando, junto com alguns professores e colegas o “II Colóquio Internacional Entre Redes: As ciências das emoções: pesquisar com outros”, em abril de 2011. Estavam trazendo, nessa ocasião, uma professora de fora, Vinciane Despret, que iria dialogar com professores de outras instituições sobre suas pesquisas e me disse que achava que eu podia me interessar pela discussão. Como disse anteriormente, já ouvira o colega Ronald Arendt falar algumas vezes sobre a Teoria Ator-Rede (TAR) e achava-a bem interessante e com algumas aproximações de uma visão de mundo que me norteava a prática. Laura sabia que me encaminhava para um doutorado e que, tendo saído da vice-direção do Instituto de Psicologia, função que exerci por um tempo, pensava nisso com calma. A esses colegas, meu profundo reconhecimento, pois foi a partir desse evento que minha idéia de ingressar no doutorado ganhou novos contornos.

Depois de tantos anos terminado o mestrado (PRESTRELO, 1989) experiência difícil por inúmeras razões, havia decidido só fazer o doutorado quando encontrasse um lugar de encantamento na pesquisa. Aí não mais um modelo de pesquisa tradicional, dura, cientificista, me interessava. Meu interesse se voltou na busca de apreender a vida, não mais comprová-la, o fazer buscava uma outra sintonia. Somado a isso, a delimitação de uma área de trabalho na instituição pedia cuidado. Apesar da academia exigir titulação, meu pouco pragmatismo, quiçá idealismo, me seguravam noutras práticas.

Numa cerimônia de colação de grau de graduação em psicologia, onde presidia a mesa como vice-diretora do IP e fui uma das professoras homenageadas recebi, junto a uma caricatura, o seguinte texto:

¹⁷ Minha profunda gratidão a todas as alunas que fizeram e fazem parte desse projeto de extensão, parceiras queridas nesse trabalho/pesquisa e em tantos outros momentos: Tatiana Rodrigues; Deborah Thiers; Natália M. de Menezes; Erika S. Araujo; Letícia Marques; Priscila Gomes; Juliana Gonçalves; Bruna Kappel dos Santos e Jessica Figueira dos Santos.

Eleonôra Torres Prestrelo

Você fez, das noites, salas iluminadas. Tornou a luz da dúvida uma estrela remota, e dos dias, fez planos de aulas, e das aulas, planos para os nossos dias. Tomou o certo pelo errado e fez do talvez uma possibilidade indispensável, e disse que sempre e nunca são tempos que inexistem; por isso, é sempre tempo de aprender e nunca é tempo de desistir e, com isso, reduzimos a eternidade ao agora. Fez, pois, do conhecer a sua cadeira. E na divisa entre o evidente e o elementar, à beira de um abismo cujo valor é o saber e cujo horizonte transcende o céu do pensar, você se sentou para apreciar o nosso entardecer. Entardecíamos com o último dia do resto de nossas vidas. Mas, antes que sumíssemos nas sombras da sociedade, nós nos voltamos e, sorrindo, acenamos então um último adeus: um adeus que era uma lágrima de agradecimento e saudade.
Obrigado!
Os Formandos
Surtados +Felizes

A lembrança desse fato me veio agora, e alcanço na parede do escritório esse texto emoldurado, conservo-o exatamente como o recebi.



Foto do desenho e do quadro é da autora. A imagem apresenta, sobrepostos, os dois quadros que me foram presenteados pelos alunos na ocasião. Os dois estão em moldura fina de madeira contornando o conteúdo: num, encontra-se o texto reproduzido acima, no outro, uma caricatura minha, com a mão esquerda fazendo um aceno, que poderíamos ler como um “adeus”.

Conexões que se fazem no ato da escrita, memórias de um tempo. Ao falar sobre memória, Pollak ressalta que, conforme as circunstâncias se apresentam, se dá a emergência de certas lembranças, dada a ênfase em certos aspectos, numa constante reconfiguração do vivido, “e essas constatações se aplicam a toda forma de memória, individual e coletiva, familiar, nacional e de pequenos grupos” (POLLAK, 1989, p. 9).

Pois bem, depois de algum tempo, o encontro com Márcia Moraes, orientadora que cuidadosamente me acolheu em seu grupo de pesquisa não durou muito. Quem melhor para me orientar num trabalho sobre a ação de cuidar? E nesse grupo, no qual o cuidado é onipresente, performado diariamente em pequenos atos, no acolhimento delicado e respeitoso da orientadora, no olhar das (os) colegas, nas discussões das páginas lidas, na circularidade dos escritos virtuais ou em papel, novamente, a circularidade de um fazer! Ali, gravador ligado, lanchinhos compartilhados, salada de fruta distribuída, cadeiras que se aproximam ao redor de uma mesa farta de dizeres e fazeres, de contação de histórias, o se fazer de mundos acontece junto às queridas companheiras¹⁸. Nesse lugar, ao me debruçar na pesquisa, um sentimento de alegria me invade, e “sentimento é a língua que o coração usa quando precisa mandar recado” (FALCÃO, 2001, n. p.).

Junto a essas pessoas, diversas foram as fontes de inspiração: Annemarie Mol, Vinciane Despret, Isabelle Stengers, Donna Haraway, Márcia Moraes, Ronald Arendt, Laura Quadros, Maria de Fátima Queiroz, María Puig de la Bellacasa, Eliane Brum, Mia Couto, Rosa Montero, Fritz e Laura Perls e tantos outros. Impossível aqui e sempre, alcançarmos a gama de inspiração a um ato de criação. Gratidão à vida por essas parcerias!

Nesse grupo, nessas parcerias, encontro a delicadeza da pesquisa nos pequenos/grandes acontecimentos e assim, nesse percurso, re-descubro o encantamento dos dias. Porque a instituição muitas vezes nos endurece, muitos são os aprisionamentos acadêmicos. No pesquisarCOM aprendi, aprendo ainda, dia

¹⁸ Alessandra Rotemberg; Alexandra Justino Simbine; Amanda Muniz Logeto Caitité; Carolina Cardoso Manso; Camila Araújo Alves; Elis Teles Caetano Silva; Cristiane Bremenkamp Cruz; Gabrielle Freitas Chaves; Josselem Conti de Souza Oliveira; Luciana de Oliveira Pires Franco; Luiza Teles Mascarenhas; Marcia Moraes; Maria Aparecida dos Santos; Maria de Fatima Aranha de Queiroz e Melo ; Marília Silveira; Maria Rita Campello Rodrigues; Marília Toscano de Araujo Gomes Gurgel; Nira Kaufman Sasso.

após dia, a pesquisa se faz numa “vida vivida”. A pesquisa se faz com cuidado, no campo, na escrita, nas parcerias.

Relembrando, foi a preocupação em cuidar daquele que sofre que me levou a elaborar um projeto de extensão que se desdobra numa prática de cuidado para com os discentes do IP/UERJ antes do início desse doutorado e que me fala, também através dele, da possibilidade de tantas outras práticas de cuidado.

Gostaria de pontuar que ao usar o verbo na primeira pessoa do plural no texto, estou marcando a produção de um fazer conjunto, efeito de inspirações e das parcerias apontadas. Em outros momentos, no entanto, ao usar a primeira pessoa do singular, pretendo marcar a escolha de um caminho, de narrativas, parcerias, me responsabilizando pelo ato de criação que performa um caminho de produção. Algumas dessas produções estão apontadas em apêndices, efeitos desses fazeres.

Nessa tese utilizaremos, por vezes, fragmentos dos diários de campo, das entrevistas realizadas e também algumas histórias fabuladas pela pesquisadora no decorrer dos anos de doutorado, histórias que emergem de falas que nos afetaram no GAPsi¹⁹, mas sobre essa diretriz de método trataremos detalhadamente mais a frente. A partir de alguma participação no grupo que se fez figura²⁰, marcamos uma entrevista com as alunas que freqüentaram o GAPsi, para sabermos mais de seus percursos até esse momento e lhes fazermos algumas perguntas relacionadas ao tema do cuidado, da escolha pela psicologia, etc., inspiradas pelo roteiro de entrevista (Apêndice A).

Interessante notar, ainda em nossos dias, a predominância de alunas mulheres no curso de psicologia. Algumas reflexões realizadas a esse respeito relacionam essa predominância ao fato de serem, as mulheres, as responsáveis por ações de cuidado na família, nas profissões relacionadas a ele, performando esse estado de coisas na sociedade em que vivemos. Sendo nosso trabalho, uma prática de cuidado, poderíamos pensar nessa freqüência como sendo influenciada por

¹⁹ Utilizarei a sigla do projeto “GAPsi”, sempre que me referir ao mesmo.

²⁰ Segundo a abordagem gestáltica, nossa relação no mundo se dá a partir da interação figura-fundo, fluxo contínuo, onde a figura emerge como aquilo que é percebido com maior nitidez e clareza num dado momento. Essa é uma noção central para o entendimento de toda dinâmica relacional (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997).

esses elementos, mas não nos debruçamos sobre esse tema especificamente, essa não é a história que queremos contar.

Escolhemos contar histórias e deixar que elas nos contem. Escrever, contar histórias multiplica mundos, e como aponta Rosa Montero ao se referir à necessidade da escrita literária, pode ajudar-nos a entender o nosso. Segundo ela, “para vivir tenemos que narrarnos; somos un producto de nuestra imaginación” (MONTERO, 2015, p. 60). Penso que essa proposição também se aplica à pesquisa e aos escritos decorrentes dela. Relatar a pesquisa contando histórias se configura numa diretriz de método do pesquisarCOM, laboratório ao qual nos vinculamos no grupo de pesquisa do doutorado (MORAES; TSALLIS, 2016). Contar histórias faz aparecer o cotidiano de nossas pesquisas, aquilo que comumente não é levado em consideração, o que conectados, ativamos como memórias. Acolho agora não só histórias de sofrimento, e sim aquelas que nos contam a vida, e muito especialmente as práticas de cuidado tecidas nessa graduação, tema que foi tomando forma no doutorado. Que práticas são essas, como são performadas: onde, quando, como... O que elas nos contam?

Necessário ressaltar aqui que o caminho “contado”, claro, é uma criação. Conto lembranças, e toda lembrança é uma criação.

As lembranças não são um relato apaixonado ou desapaixonado de uma realidade que desapareceu, mas um renascimento do passado, quando o tempo se volta para trás. Antes de mais nada, é uma criação. Ao contar, as pessoas criam, “escrevem” sua vida. Acontece, inclusive, de “acrescentarem” e “reescreverem” passagens (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 13).

Portanto, cara leitora e caro leitor, me acompanhem no texto com essa dimensão. Trago fragmentos de histórias de vida. Uma vida se conta em lembranças, narrativa de sentimentos, descrição do vivido. E o vivido não se reproduz!

Histórias que ninguém vê: a contação de histórias como dispositivo para se pensar a vida e a pesquisa

Uma boa parceria na marcação da contação de histórias como um dispositivo para se pensar a vida, o feminino e como diretriz de método dessa pesquisa foi a leitura do texto *Les Faiseuses d'histoires: Que font les femmes à la pensée?*²¹ (*As fazedoras de história: o que as mulheres fazem ao pensamento?*), de Despret e Stengers (2012)²². Ao se recusarem a apoiar a convocação de Virgínia Woolf para assinarem uma carta em contestação à uma forma de aceitação das mulheres na academia como um lugar inferior ao masculino, como filhas de “homens cultos”, não pertencentes a uma elite intelectual, não deixaram de se comprometer a pensar sobre isso. Embora considerando essa questão legítima e reconhecida em algumas pesquisas, elas não se identificavam com elas, pois não viveram sua entrada na universidade dessa forma. Ao terem escolhido filosofia não sentiram que isso não era para elas- enquanto mulheres- apesar de reconhecerem que poderiam ser vistas como estranhas na academia diante do tema que pesquisavam.

Nesta obra as autoras fizeram uma torção a essa questão, já que não a tinham vivido, em sua entrada na universidade, dessa forma. Continuaram sim, filhas de Woolf, porém infiéis, ao não responderem à sua convocação. Desdobraram o grito de Woolf dando a conhecer histórias de dez mulheres que também estavam na academia e que, através do que pudemos conhecer através de suas narrativas, ampliaram as possibilidades de criação de espaços de se pensar e criar resistências: com humor, alegria, perplexidades. Elas não aceitaram uma primeira convocação que nos parece generalizante, elas não tinham vivido o que Woolf viveu. Mas aderiram à convocação de “Não em nosso nome”, desdobrando-a em outras possibilidades de registro de resistência. Registros locais, encarnados, objetivos. Elas não se omitiram ao grito de Woolf, elas se colocaram de uma maneira diferente, marcando outra forma de resistir, a de fazer ver a multiplicidade de histórias de vida de mulheres na universidade em toda a sua complexidade. Escapar a se incluir em um “nós” que não lhes contemplou não significou abraçar uma postura de “cada um por si”, mas de criar outra forma de pensar junto.

²¹ Esse título em francês é marcado por uma ambiguidade: poderia também ser traduzido por “as criadoras de caso”, no português coloquial (CONTI; SILVEIRA, 2016, p. 63).

²² Texto traduzido internamente com a colaboração de Micheline Christophe e algumas participantes do grupo de pesquisa.

De certa forma, contar histórias pode ser visto como um dispositivo de criação de um “nós” no laboratório PesquisArCOM, uma diretriz de pesquisa que nos inclui a muitas(os) em diferentes manejos nas pesquisas. Não nos negamos a marcar um lugar na academia, um lugar que nos vincule a uma forma de fazer ciência, uma ciência no feminino, como denomina Stengers (1989) e sobre a qual também temos costurado esse texto.

Quando contamos histórias abrimos espaço para elementos que não entrariam numa coleta formal de dados, numa entrevista estruturada ou semi-estruturada ou numa formulação estatística, formas outras de fazer pesquisa. As histórias incluem lembranças, criam um sentido para o vivido, multiplicam modos de existência. Importante se faz dizer que nossa proposição de contar histórias não entra, aqui, como dispositivo de ilustração do que está sendo falado ou como exemplo de uma teoria. Contar histórias se configura, nessa tese, antes e acima de tudo, como uma forma de cuidar. Cuidar do vivido, cuidar do que se faz ver no campo de pesquisa e de como o mostramos através da escrita.

Um dos principais elementos de uma perspectiva “cientificista” continua sendo a busca da generalização como elemento essencial à afirmação de objetividade e quanto mais “objetivo” o resultado, mais seria “verdadeiro”. No texto “Os dispositivos experimentais”, Vinciane Despret (2011b) discute bastante esse tema. Narrando histórias de experimentos – Hans e os ratos – levanta questões sobre uma forma de fazer ciência que aposta em não haver interferência mútua na relação pesquisador/pesquisado, expandindo inclusive, essas questões, para o campo das psicoterapias. Segundo a autora, ao desprezarmos essa interconexão estaríamos apostando em um resultado de pesquisa que confirme nossos experimentos. Nós estaríamos de certa forma, pedindo a aquiescência do sujeito da pesquisa aos nossos propósitos.

As práticas de pesquisa contemporâneas já não mais são indiferentes a essas questões quanto às práticas de intervenção em pesquisas com seres vivos. Em nossa pesquisa a questão que se coloca, no entanto, não é essa. O que nos orienta e nos encanta é a multiplicidade de histórias que nos são contadas, multiplicidade a qual, provavelmente, não teríamos tido a chance de conhecer se não a tivéssemos acolhido.

Com a aposta na valorização da *expertise* do pesquisado como senhor maior do saber de si, nos colocamos em lugar oposto ao pesquisador nomeado por Stengers (1989) como “caçador de matilha”, aquele cujo referencial é a distância por relação ao seu objeto, o olhar de sobrevôo, que se dá de cima, ao longe, sobre o objeto a conhecer. Esse olhar do pesquisador o coloca distante e acima do que estuda o que, por si, cria uma assimetria no processo de conhecimento. O pesquisador precisaria fazer a pesquisa assentado dessa forma a fim de validá-la objetivamente. O encaminhamento dessa forma de pesquisar se desdobra, conseqüentemente, na produção de histórias únicas, histórias que se fazem na perspectiva de um pensamento generalizante para ser verdadeiro, visando sua comprovação. No caso, quanto mais se chegar a uma mesma observação final, ao mesmo resultado, mais científica será a pesquisa!

As proposições de Stengers apontam para uma ciência que aposta em outra noção de objetividade e a quebra da ilusão de uma ciência “inocente”. Ela afirma que todo conhecimento é marcado, localizado, não podemos negá-lo. O que determinaria o caráter de objetividade a uma pesquisa, portanto, seria a possibilidade do registro da multiplicidade das narrativas do campo e não sua restrição.

E é no caminho de marcar outra forma de fazer ciência que escolhemos trazer para essa tese as histórias colhidas no campo de pesquisa. Contar apenas uma história nos move no caminho da generalização de uma forma de existência como eixo comparativo, norteador da vida. Contar muitas histórias torna o mundo mais denso e afirma uma outra noção de objetividade do conhecimento, aquele que se faz na partilha cotidiana de uma “vida vivida”, uma vida que se faz em pequenos/grandes acontecimentos, nos arranjos possíveis a cada momento. Essa forma de produção de conhecimento afirma o caráter de objetividade num conhecimento que é situado, localizado (HARAWAY, 1995).

Nesse sentido, o objetivo dessa tese não é orientar graduações em psicologia a como desenvolver práticas cotidianas de cuidado. Nossa proposição é a de fazer ver aquelas que apareceram nessa relação de pesquisa, em seus agenciamentos e sua força é performada pela potência de suas narrativas, pela multiplicidade de histórias colhidas e na marcação de suas formas de existência. Porque, como nos

diz Chimamanda Adichie (2012), “histórias importam, muitas histórias importam”, reduzi-las a uma só, favorece a criação de estereótipos:

E o problema com estereótipos não é que eles sejam mentira, mas que eles sejam incompletos. Eles fazem uma história tornar-se a única história [...] Eu sempre achei que era impossível relacionar-me adequadamente com um lugar ou uma pessoa sem relacionar-me com todas as histórias daquele lugar ou pessoa. A consequência de uma única história é essa: ela rouba das pessoas sua dignidade. Faz o reconhecimento de nossa humanidade compartilhada difícil. Enfatiza como nós somos diferentes ao invés de como somos semelhantes (ADICHIE, 2012, n. p.).

A preocupação dessa forma de fazer ciência não é com o resultado e sim no acompanhamento de como a vida funciona na prática, no caminhar, em suas idas e vindas, interrupções, em consonância com a noção de prática utilizada por Stengers (2006), uma prática que se faz fazendo. A importância de se fazer pesquisa implicaria então na narrativa desse fazer, no que se coloca em cena na escrita. E sua objetividade estaria inscrita nas histórias que “conto”, lembrando sempre que não são nem minha visão do que os alunos sentem, nem a transcrição pura e simples daquilo que dizem. O que conto é efeito das inúmeras conexões que se deram no campo de pesquisa. Contar histórias dessa forma nos parece uma outra forma de pensar junto, de registrar as conexões que se fazem nos encontros.

Numa “roda de calouros”, Marília descreve que se surpreendeu com a sua própria reação ao entrar na universidade, estava triste e não estava conseguindo se comunicar com seus novos colegas de turma da forma que esperava: “Esperava ter uma conduta diferente aqui”. Após uma rodada de temas, o dela foi o escolhido e ela diz: “Foi uma surpresa para mim, parecia um problema tão pessoal” [...] ao terminarmos o grupo Marília ressalta: “Para mim isso aqui foi muito importante, foi importante vocês terem votado no meu tema, descobri que não era algo pessoal, não era algo só meu” (fragmentos de diário de campo da pesquisa, 2013-2017).

Contar histórias, nesse sentido, seria também uma forma de nos cuidar, de não nos deixarmos sós, professores, alunos, grupos de pesquisa - porque uma vida se faz em parceria. Contar histórias faz existir mundos. Não aqueles das histórias em quadrinho, dos filmes do Netflix, e sim histórias de um mundo vivido. Segundo as autoras trazidas para essa narrativa, contar histórias como um modo de interferir no mundo em que vivemos, naquilo estabelecido como verdade, uma forma de

desarmar máquinas que repetem histórias desencarnadas, aquelas que destituem, por exemplo, ao aluno, seu lugar de *expertise* acerca de um bom cuidado,

Letícia: Então, eu lembrei que a primeira apresentação que eu fiz de grupo na sala de aula, eu tava super nervosa e era um texto que a gente tinha que apresentar e ninguém do grupo havia entendido muito bem do texto e a professora não era muito presente na sala de aula. E mesmo assim, antes da gente começar, a gente tava super nervosa e eu falei assim: “eu vou falar com a professora que a gente sentiu dificuldade que pode ser que a gente peça a ajuda dela durante a apresentação”. E eu fui falar com ela antes, e uma aluna me escutou falando, uma colega de turma pegou e falou assim, “Professora, elas são muito tímidas, elas são muito tímidas, então é melhor a senhora ter um pouco de cuidado”, eu comecei a rir, a professora riu e disse, “mas vocês são muito boas alunas, não tem que se preocupar com nada porque vocês são boas alunas” E eu lembro que no final da apresentação ela super elogiou e eu senti que foi um elogio porque ela viu que a gente tava nervosa. Então elogiar naquele momento foi ela reforçar que não precisava ter medo disso... por estar ali se apresentando. Então, eu achei que foi um cuidado que ela teve com a gente, sabe?! .

Eu: E me parece aqui... e.... também a sua colega, ou não?

Letícia: Sim, minha colega também.

Eu: Você não viu esse movimento como cuidado?

Letícia: Vi como um cuidado. E sim, ela foi sensível, ela percebeu que... ela já sabia que a gente era tímida e viu que a gente tava nervosa, e falou com a professora né. Então também percebi como movimento de cuidado. Eu acho que dentro do curso aqui, pelo menos dentro da UERJ, eu vi muitos momentos de colegas meus de cuidado e... assim, como de professores eu vi movimentos negativos, eu acho que a maioria foi positiva ...

Eu: Dos professores?

Letícia: Dos professores e dos alunos também (fragmentos de entrevista, 2016).

Afinal, como diz Galeano, o mundo é feito de histórias. E nessa tese, ao localizar as histórias, ao dizer como as escolho, como as incluo no texto, não conto qualquer história, conto aquelas que, no decorrer do vivido nos mobilizaram e que se fazem presença no ato da escrita. Nesse sentido, as acolho na narrativa daquilo que nos faz ver, um mundo que existe na graduação em psicologia da UERJ. Histórias não para ilustrar o que falo, mas para fazer existir uma realidade que está aí... e ninguém vê.

Eu: Você quando entrou, você lembra das fantasias que você fazia? Do que você pensava, do que você tinha medo, do que você esperava encontrar aqui no curso de psicologia? Além dessa possibilidade que você já colocou de início, que influenciou sua

escolha de vir a poder dar aula, estar nessa área de uma forma acadêmica?

Letícia: Eu lembro que quando eu entrei tive medo, porque eu entrei por cota. Eu achava que eu iria sofrer algum preconceito em relação a isso, eu não sabia que a UERJ era mais social assim. Então eu tive um pouco de medo de... porque na lista da UERJ vem qual aluno entrou pela cota tal e eu lembro que eu tive medo de sofrer preconceito. E eu lembro que na primeira aula de uma professora, ela perguntou quantos alunos eram cotistas, quais eram eles, para levantar a mão. E eu lembro que eu tive muito receio, eu vou falar que eu sou cotista e se as pessoas me olharem feio e tal? E na época que eu fiz vestibular, eu fiz um curso pré-vestibular onde a maioria das pessoas tinha uma condição social boa e uma menina reclamou com o professor que ela só não tinha passado para o curso dela por causa dos cotistas. Então eu acho que fiquei com aquilo na cabeça e quando eu entrei na faculdade eu tive medo desse preconceito (fragmento de entrevista, 2016).

Nessa tese, priorizo contar sobre a questão do cuidado no curso de graduação em psicologia da UERJ, como disse anteriormente, a partir das falas de alunas (os), de como sou afetada por elas e de pequenas histórias fabuladas²³. Essas, como as lembranças, são também, acrescentadas, reescritas!

Nesse processo, portanto, a escrita dessa pesquisa não está destacada do ato de pesquisar. Escrever e pesquisar são variações do mesmo tema, eu diria. O que já nos traz um outro efeito dessa forma de fazer ciência, a aposta numa política de escrita que é função da pesquisa em suas mediações, manejo que já temos delineado em alguns momentos do texto e ao qual voltaremos mais a frente.

Espero ter podido aproximar a leitora e o leitor do caminho percorrido na tecitura dessa tese e convidá-la (o) para assim caminharmos no texto, tecendo fios de histórias. Histórias lidas, contadas, lembradas, histórias que nos falam, falam de nós e para nós!

²³ Fabular significa narrar algo a partir do que nos passa, condição inerente a narrativa, seu compromisso se dá com as conexões presentes no campo, onde as ações fomentam sua criação. Falaremos mais sobre isso a frente no texto.

HISTÓRIA DOIS: A MENINA QUE VEIO DE LONGE...

Rebeca tem 19 anos, cabelos claros, olhos curiosos, sorriso fácil. Veio do interior de São Paulo para estudar no Rio de Janeiro, inocente de quase tudo, “Meu pai e minha mãe não tinham nem noção de que a universidade pública é boa... Eu não sabia nem que o vestibular seria difícil.” Suas inserções no grupo se fazem inicialmente de forma tímida, depois muito tem a dizer, perguntar, dividir. Falante, mostra-se ansiosa em decifrar os “códigos” da vida universitária, em aprender a viver nesse lugar. Se sente sobrecarregada em fazer tudo, sua comida, cuidar de sua roupa e dar atenção à família que está longe. Seu lugar? Não tem bem clareza qual seria. Mostra-se dividida em seguir o rumo que a ela se apresenta, liberdade de ir e vir, fazer seu dia como precisar e quiser, não se atar a uma história que lhe cobra devoluções. Como fazê-lo? Como lidar com tudo que tem recebido? Se sente culpada por ter tanto diante de uma mãe que deixou cedo os estudos. Se emociona ao falar do sonho da mãe em ser professora de Português e hoje luta para convencer a mãe a voltar a estudar: “Eu sinto como se fosse uma responsabilidade minha incentivar ela. Ela não pode fazer por mim, mas eu posso fazer por ela.” Nas idas em casa tenta ensiná-la, sonha em vê-la mais potente, menos dependente de tanto, menos carente dela, de sua atenção, de sua presença. Não sabe como lidar com isso, sente-se cobrada. Chora ao entrar em contato com um mundo de emoções, mobilizações tantas e o alívio em dividi-las. No grupo se sente acompanhada, “Quando tem empatia a minha dor parece que divide, fica menor”. Rebeca frequentou alguns grupos, demonstrando claramente a alegria em estar ali. Em um último GAPsi do ano, ao desdobrarmos o tema escolhido que seria “fechar gestalts”, apareceu diferente, cabelos encaracolados, uma outra vivacidade se fazia presente. Ao responder a pergunta que se configurou nas trocas do grupo do que seria cuidado pra ela, respondeu: “Cuidado... eu me cuidar sabendo que estou me cuidando. Eu trabalhei isso em mim, mudar o cabelo é o olhar para mim da forma que eu queria, isso me mudou por dentro” (história fabulada, 2016).

Rebeca expressa o que ouvimos com frequência dos alunos nos grupos que fazemos em nosso projeto, um movimento de cobrança, nos parece, por parte dos alunos, em corresponder ao que lhes pedem os pais, ou seja, de “se fazer o que se deve”. Rosa Montero em seu livro *La ridícula idea de no volver a verte* (2015) centra sua narrativa em palavras ou expressões que lhe tomam a atenção, movimento que direciona seus personagens. Uma delas seria “se fazer o que se deve”, orientação do fazer a fim de se corresponder a expectativas alheias. Fritz Perls (1979), um dos mentores da abordagem gestáltica enfatiza esse movimento chamando-o de “deveriaísmo”, tendência a nos movermos para atender a necessidades ou

expectativas introjetadas²⁴, normatizações do viver. Sob essa comanda cresceriam homens e mulheres.

A história de Rebeca fala de uma vida se fazendo na experiência da entrada numa universidade e os desafios com os quais se depara. A importância de vencer o obstáculo de passar no vestibular numa universidade pública, muitas vezes tão distante de casa, no sentido amplo mesmo, físico, de costumes, valores, ideologias. Um mundo que se descortina à sua frente. Muitas são as mobilizações: culpa, insegurança, medo, orgulho, dúvidas, vergonha... Que conexões são feitas nessa experiência?

Alguns estudos se debruçam sobre questões relativas à adaptação dos estudantes à universidade (TEIXEIRA ET AL. 2008), pontuando dinâmicas de insegurança e medo frente à nova etapa e estilo de vida e seu efeito estressor. No Brasil, sabemos de algumas universidades que desenvolvem trabalhos de acolhimento ao calouro, favorecendo a ambientação do aluno ao campus e também oferecendo suporte pontual através de atendimentos individuais (PERES; SANTOS; COELHO, 2003). Na própria UERJ existem núcleos de assistência ao estudante, como por exemplo o NACE²⁵ e o PAPE²⁶. O GAPsi se coloca de forma diferenciada e, na nossa maneira de ver, inovadora²⁷, não se pretende ser fonte de assistência nem informação, embora por vezes abranja esses aspectos na relação. Acima de tudo, se propõe a uma prática de partilha, de afetos, parcerias, soluções, construção de mundos.

Pergunto a Rebeca: Você participou muitas vezes dos nossos grupos, do GAPsi, queria te ouvir um pouquinho sobre qual é a lembrança que você tem disso, o que é que você achou desse espaço...

Rebeca: Eu acho um espaço muito importante justamente pra gente que é da formação assim, porque às vezes eu tenho uma sensação que na formação você aprende muito sobre cuidar de pessoas, mas

²⁴ Na abordagem gestáltica denomina-se introjeção a um mecanismo de evitação do contato ou mecanismo de defesa onde incorporamos normas, atitudes, modos de agir e pensar sem a devida reflexão crítica, sem discriminação (PERLS, 1981).

²⁵ Núcleo de Acolhida ao Estudante, visa a prestar “serviços de orientação e assistência preliminar no campo da preservação da saúde mental e físico-emocional...”
http://www.uerjpelavida.uerj.br/?page_id=453.

²⁶ Programa de Apoio Psicopedagógico da Faculdade de Ciências Médicas, que “tem como principal objetivo prestar assistência psicológica ao estudante de medicina...”
http://www.fcm.uerj.br/?page_id=1135

²⁷ A quem interessar saber mais sobre esse trabalho, ver Prestrelo et al. (2016).

eu fico pensando quem cuida da gente... Porque eu acho que a gente tem que lidar com muitas frustrações, com coisas que eu acho que quando você começa a fazer estágio, e você começa a aprender assim, que você não vai ter que dar conta de tudo, que você não vai salvar a vida do outro, que você não vai curar todo mundo, que você não vai melhorar o mundo, mas que você vai fazer o seu possível. E eu acho que a gente chega com essa sede ao pote, de que a gente pode fazer muito, de que a gente nossa... eu acho que falta um espaço assim, pra você entender que você também tá sendo cuidado, não só pensar no cuidado do outro. Eu acho que o GAPsi me fez pensar muito isso, que eu tinha um espaço pra falar sobre questões que tavam me afetando assim, pra além do que eu já estudava, do que eu fazia no curso . Eu acho que foi pra mim um acompanhamento importante, que me fez também perceber que outras pessoas tavam passando por coisas parecidas com a minha, que eu não era sozinha, que eu tinha problemas, dificuldades, mas que outras pessoas também tinham mesmo que diferentes, eu acho que de alguma maneira isso me fez sentir também parte assim sabe, “ah, então, não é só comigo, eu acho que posso conseguir” e as vezes a pessoa tava numa dificuldade, e ela fala “ah, eu lidei com isso”, e eu pensava, nossa então eu posso tentar lidar daquele jeito com outra coisa. Eu acho que foi abrindo a minha criatividade pra eu pensar também esses outros caminhos, então, eu acho muito importante, eu acho que as formações deveriam ter um espaço assim pros estudantes de psicologia, pra que ele pudesse assim, ter esse momento de dividir, de falar um pouco do que ele tem sentido, e às vezes não falar também, porque eu acho que as experiências que não foram através de falas diretamente, também me fizeram muito bem assim, me fizeram perceber... eu acho que uma coisa bonita também é ..., foi perceber como as pessoas me olhavam, porque eu acho que ... eu... a gente costuma criar um olhar e aquele olhar eu achava que todo mundo me via do jeito que eu tava me vendo, e aí quando eu chegava aqui e as pessoas falavam coisas de mim, e eu ficava ‘nossa as pessoas me vêem assim? [...] eu percebia que eu tinha um outro olhar pra além daquele que eu já tava fazendo de pronto pra mim. Eu acho que esse olhar me fortaleceu, porque eu acho que o olhar das pessoas podem fazer muito mal pra você, ou podem te fazer muito bem também, te dar um gás assim pra ver as coisas de um outro jeito (fragmento de entrevista, 2016).

O reconhecimento da necessidade de se olhar para essas mobilizações, dado os efeitos que trazem para o bem estar dos alunos, com interferência, inclusive, na saúde mental dos estudantes universitários é alvo de estudos desde a década de 50 nos EUA e na Europa (CERCHIARI; CAETANO; FACHETTA, 2005). Algumas de suas principais demandas: “cansaço, dificuldades de aprendizagem e de concentração, esquecimento, perturbação do sono, sentimentos de fracasso, irritabilidade, inquietação, inibição, timidez, baixa auto-estima, insegurança, desânimo e dificuldade nos relacionamentos interpessoais” (CERCHIARI; CAETANO; FACHETTA, 2005).

Quando falamos exclusivamente de alunos de psicologia, outras questões se apresentam dadas as características do curso. Ao aluno de psicologia, é demandado o tempo todo lidar com o seu sofrimento e acolher o sofrimento alheio, quer seja em sala de aula, quer seja nos estágios supervisionados. Apesar da universidade oferecer serviços de psicologia à comunidade, os alunos por questões éticas e profissionais, não têm acesso a tais serviços, pois são eles próprios que os oferecem sob supervisão de seus professores acarretando uma série de questões que poderiam afetar diretamente a relação terapêutica. A estrutura de nosso trabalho estimula então a percepção e reconhecimento de que possuem questões comuns, suas angústias não são individuais, fazem parte desse momento de vida. Que juntos, trocando experiências, podem se apoiar na descoberta de soluções que vão servir a muitos, que a diferença de classes, de raça e gênero não os separa necessariamente, de sentimentos semelhantes, pelo contrário, os ensinam a conviver com o diferente.

Marina: Acho que faltou falar dessa interação, eu aprendi aqui o como a gente pode ser diferente, e o como o diferente atrai também, o como consolida os sentimentos, leva a gente a refletir. Eu gosto muito de grupos, mas esse aqui foi mais real assim, mais perceptível né? (fragmentos de diário de campo da pesquisa 2013-2017).

A possibilidade de vivenciar essa troca possui o efeito da criação de redes²⁸ de apoio, dentro e fora da universidade. Redes que se tecem nos olhares posteriores de reconhecimento dentre os ingressantes, não mais anônimos; eles se reconhecem a partir da vivência nas rodas de calouro; com o compartilhamento de informações trocadas com alunos mais antigos nas salas de aula e corredores; o conhecimento do próprio espaço físico da universidade e de seus professores lhes traz, aos poucos, a sensação de pertencimento (na professora presente no grupo e também no que se faz presente em comentários de colegas); a identificação de locais de encontro por alguma afinidade aparece (por religião, uma prática de esportes, etc.); na identificação do apoio de funcionários que é compartilhada e tantas outras que não se fizeram ver e que se estabelecerão.

²⁸ “Na teoria ator–rede, a noção de rede refere-se a fluxos, circulações, alianças, movimentos, em vez de remeter a uma entidade fixa. Uma rede de atores não é redutível a um único ator nem a uma rede; ela é composta de séries heterogêneas de elementos animados e inanimados, conectados e agenciados.” (MORAES, 2004, p.322)

Apostamos que parte considerável da formação dessas redes se desdobra a partir do GAPsi, um lugar de encontro, um espaço rotineiro de disponibilidade para que tal troca aconteça. Estamos lá na “semana de calouros” como parte integrante das atividades planejadas pelo Centro Acadêmico do IP/UERJ; estamos lá de quinze em quinze dias na sala 10.030 do bloco–E do SPA (salvo impedimentos relativos ao calendário acadêmico). Lá, no GAPsi, mais uma vez, utilizamos a circularidade, assim como a usada na casa de farinha, expressa numa roda de conversa, partilha de experiências, no círculo das cadeiras que nos proporcionam olhar umas às outras com mais facilidade, circularidade de pensamentos. Formas de cuidar.

E me vem à memória uma passagem de Mol (2008a), ao se referir ao cuidado com clientes, e que penso, se aplica absolutamente ao que vivemos no GAPsi:

A arte do cuidado é descobrir como vários atores (profissionais, medicação, máquinas, a pessoa com a doença e outros envolvidos) podem melhor colaborar para melhorar, ou estabilizar, a situação de uma pessoa. O que fazer e como dividir o que é feito? Na lógica do cuidado pacientes não são um grupo alvo, mas membros cruciais da equipe de cuidado (MOL, 2008a, p. 23, tradução livre)²⁹.

Araujo (2015), ex-estagiária bolsista do GAPsi, atualmente profissional colaboradora do “Laboratório Gestáltico: configurações e práticas contemporâneas” e doutoranda do Programa de Pós-Graduação do IP/UERJ, lembra em sua monografia de final de curso, ao trabalhar a lógica do cuidado de Mol (2008a), que a “a circularidade do cuidado visto como uma lógica de cuidar, não fica restrita às redes descritas, mas extrapolam barreiras para redes nas quais essa cliente não se faz presente” (ARAUJO, 2015, p. 35). Se expande para a família dos clientes, para a comunidade mais abrangente na qual está inserida, aos colegas universitários, a sociedade, etc. No caso de nosso trabalho, apostamos na circularidade de nossas práticas para além dos muros dessa universidade, para uma “vida vivida”, nos giros que o mundo dá.

Um dos giros dessa vida se faz presente na produção de um padrão ansiogênico de viver e que vem a tona numa das falas de Marina:

²⁹ No original: “The art of care is to figure out how various actors (professionals, medication, machines, the person with a disease and others concerned) might best collaborate in order to improve, or stabilise, a person’s situation What to do and how to share the doing? In the logic of care, patients are not a target group, but crucial members of the care team.” (MOL, 2008A, p. 23)

Marina: Antes a ansiedade me dava um desespero, eu tinha aquela sensação que eu já trouxe aqui, me fazia não viver por ter medo de viver, achar que não ia conseguir. Achei que esse período foi marcante pra mim, e aí entra no que eu queria falar, que eu acho que o grupo foi essencial nisso pra mim, porque eu pude reconhecer até onde eu posso ir e como eu posso ir diante das minhas características e do ter que fazer. Todos os grupos foram importantes, mas nesse (que eu falei da minha ansiedade) eu vi que eu poderia fazer no meu tempo, mas como eu também gostaria de fazer né? (fragmentos de diário de campo da pesquisa, 2013-2017).

Sobre ansiedade muito temos visto, desde as comunicações nas mídias mais comuns à produção de pesquisas e enquadramentos diagnósticos cada vez mais abrangentes. Estudos identificam alto grau de ansiedade em estudantes universitários de psicologia, em especial os do primeiro ano (FERREIRA ET AL., 2009), o que também aparece em narrativas trazidas no nosso campo de pesquisa, especialmente relativas ao medo de não dar conta, inseguranças em lidar com o novo, como já mencionamos. Nos períodos mais avançados, questões relativas à capacidade de atuação são mais freqüentes, como apontam Ferreira et al. (2009): o medo e a insegurança ao lidar com os primeiros clientes, o que falar, como falar, como lidar com os silêncios, e se ficarem emocionados com o que eles trouxerem? Herzberg (1999), Aguirre et al. (2000), Telles e Wanderley (2000), apontam para a necessidade de que na formação do aluno estejam presentes muito mais do que o ensino e a aprendizagem de teorias e técnicas. Se faz necessário outro tipo de aproximação, o que nós, em artigo anterior, já pontuamos (PRESTRELO; QUADROS, 2011) como uma forma de apreensão do conhecimento que se dê a partir do vivido, que se faça através da sensibilização de nosso fazer, daquilo que nos toca, efeito de um contato direto e primordial com nosso mundo sensível.

Entrelaçamentos de um trabalho/pesquisa: o início do GAPsi

Ao longo de nosso trabalho/pesquisa³⁰, e essa é uma peculiaridade de nosso fazer nessa tese, sermos ação e reflexão, intervenção e criação, pudemos identificar

³⁰ Essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Faculdade de Medicina da Universidade Federal Fluminense/FM/UFF/HU, sob o parecer de número 827.956/2014.

o quanto esse tipo de mobilização está presente nas histórias do cotidiano universitário. Histórias que ninguém vê, não aparecem nos jornais, nos artigos acadêmicos, nem muitas vezes para nós, professores e funcionários que as acompanham no cotidiano. Muitas e muitas vezes nem para as (os) colegas de turma, aquelas (es) que lhe sentam ao lado! E mais nos contam:

Manoella: “Aqui (a universidade) é muito diferente da escola. Todo mundo fala que tem muito mais trabalhos, provas, que os professores “cagam” pra você. Tenho medo de não dar conta”.

Suellen: “Para mim a primeira impressão é a primeira que fica. Eu sei quem eu sou na vida, mas quando cheguei aqui tive medo de ser do jeito que eu sou, e não consegui ser”.

Júlia: “Também tenho medo das primeiras impressões... que não seja então a primeira impressão que fique, que possam olhar além.”
A frase de Júlia saiu quase como um apelo para a turma (fragmentos de diário de campo da pesquisa, 2013-2017).

A possibilidade de interferir, de alguma forma, nessa vida contada/cantada é o que me move e me encanta.

Dou continuidade ao texto contando um pouco mais da história de uma vida, de um projeto acadêmico de extensão universitária e suas conexões com um projeto de doutorado, que se desdobra nessa tese: Como disse anteriormente, minha vida profissional, ainda na cidade de Recife (PE), lugar de origem, teve início com a prática em uma psicologia clínica no âmbito privado. Desde sempre também no trabalho com pequenos grupos, seja no consultório, nas atividades realizadas no SENAC³¹, onde desenvolvia trabalhos com os alunos focando a interação intra e inter pessoal, seja com atividades de treinamento em pequenas e grandes empresas.

Com a vinda para o Rio de Janeiro, exerci trabalhos diversos. A uma “retirante”³² não são dadas, de imediato, muitas opções. Sem a rede de contato profissional decorrente da convivência numa turma de graduação e sem uma rede de suporte familiar, a reconstrução do espaço profissional foi se fazendo nas conexões que se apresentavam nesse caminho de adaptação: a uma relação amorosa, a uma nova cidade, nova família, novas possibilidades de trabalho.

³¹ Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial do Recife (PE).

³² Aquele que se retira; Sertanejo nordestino que, isolado ou mais comumente em grupo, emigra fugindo das secas. Disponível em www.dicio.com.br. Acesso em 3/4/2015.

Meu primeiro contato com a pesquisa se fez na FIOCRUZ³³, como auxiliar de pesquisa em projetos ligados à saúde da mulher e, posteriormente, como estudante numa especialização em métodos de pesquisa em saúde mental. Um mundo novo, a possibilidade de continuar estudando e atuando, também, em grupos. E eis que me surge a oportunidade de um mestrado na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ), com um projeto de pesquisa na área de estudos femininos, conexões com as pesquisas em que trabalhava. E me dou conta que o tema pesquisado também se refere a práticas do cotidiano, entrevistei mulheres que escolhiam viver em casas separadas de seus parceiros, no mapeamento de novas formas de relação amorosa. Novamente a proposição de olhar para uma “vida vivida”, não aquela que deveria ser, não as prescritas em manuais de bem viver, de “qualidade de vida”. Essa proposta de relação amorosa era uma prática bem comum na época e instigante, aos olhos de uma pesquisadora iniciante (PRESTRELO, 1989).

Terminado o mestrado, término de bolsas de estudo. Volto ao consultório privado, prática que mantinha, embora colocada em segundo plano dado as exigências do caminho percorrido, somado ao nascimento de uma filha. Mas a relação com o estudo me constitui, cursos, especializações continuam a fazer parte dessa trajetória.

Alguns anos depois, havia acabado há algum tempo, uma especialização em Terapia Comunitária (posteriormente denominada Terapia Comunitária Integrativa), uma metodologia de trabalho em grupo elaborada pelo psiquiatra, antropólogo e professor da Universidade Federal do Ceará, Dr. Adalberto Barreto, propícia para o trabalho em grandes grupos em situações de sofrimento. Nos primeiros anos do projeto me propunha a fazer grupos no Instituto de Psicologia e fora dele e realizamos algumas incursões importantes. Trabalhávamos nos encontros, segundo essa orientação metodológica, não um problema individual e sim a temática correspondente escolhida pelos membros do grupo e terminávamos com cada membro descrevendo os recursos que foram importantes para lidar com esse tema. Assim, era possibilitada a reflexão sobre o tema proposto e oferecidos à comunidade recursos e experiências narradas por seus integrantes, que cada membro poderia usar ou não, ao se deparar com o mesmo tema em sua vida. As soluções possíveis para as questões vinham da valorização do próprio saber da comunidade,

³³ Fundação Oswaldo Cruz.

fortalecendo seu empoderamento, formando vínculos afetivos e redes sociais de apoio.

Quando buscamos oferecer à comunidade boas práticas de cuidado (MOL, 2008a), e sobre essa proposição de Mol, nos debruçaremos mais à frente, precisamos reconhecer as pistas que essa comunidade nos oferece no sentido de podermos identificar quais as demandas emergentes. O público do GAPsi³⁴ varia bastante de tamanho. Nossos encontros podem ter de duas a quarenta pessoas, dependendo da ocasião. Percebemos que eleger temáticas e compartilhar uma variedade de experiências funcionava bem com grandes grupos, dinâmica pertinente à utilização da “Terapia Comunitária Integrativa” (BARRETO, 2008), mas nem sempre era uma boa opção com grupos menores, que demandavam por outras formas de trabalho. Decidimos então, em 2013, mudar o nome do projeto e a forma de trabalhar a partir das pistas que a comunidade nos oferecia. Passamos a chamá-lo de “GAPsi: grupos de apoio psicológico” a fim de lidarmos com uma maior liberdade metodológica. A partir dessa mudança, passamos a incluir no trabalho nossa experiência com grupos sob a luz da abordagem gestáltica, referencial teórico que me orienta o fazer na clínica. Tal abordagem valoriza a sensibilidade como forma de apreensão do mundo e possibilita ao facilitador do grupo propor intervenções a partir do que se *configura*³⁵ naquele momento, o que favorece o trabalho com pequenos grupos de forma mais potente e flexível. Não abandonamos a metodologia da “Terapia Comunitária Integrativa” como recurso, pois a entendemos como uma valiosa ferramenta, mas, assim como a nossa proposta é ampliar o campo e as possibilidades dos que buscam o GAPsi, permitimos o mesmo ao projeto.

Trouxemos para os grupos nossa vasta experiência no trabalho com grupos na abordagem gestáltica. Essa forma de atuação traz para o campo de relações alguns dos elementos pertinentes a um “cuidado bom o suficiente”, Mol (2008a): a afirmação de que o grupo acontece com aquilo que se faz presente num dado

³⁴ Parte da história do surgimento do GAPsi foi anteriormente publicada em artigo de minha autoria denominado “O que o olho não vê o coração também sente: como cuidar do invisível que nos salta aos olhos” (PRESTRELO, 2015), apontado no Apêndice C.

³⁵ Utilizamos essa expressão para marcar que trabalhamos com o que emerge como figura, numa relação perceptiva figura-fundo decorrente não apenas de uma percepção individual e sim uma figura que emerge no grupo, numa relação COM o outro, proposição de construção coletiva daquilo que aparece como demanda de acolhimento. Para ver melhor sobre o tema figura-fundo, ver Perls et al. (1977); Acri, Lima e Orgler (2007) e Ginger (1995), entre outros.

momento; que todos os participantes, inclusive os coordenadores são afetados pelo que aparece; que o grupo não é função de um e sim de muitos e que todos são responsáveis por suas ações, afirmando uma simetria nas relações grupais. As intervenções grupais se dão no compartilhamento de experiências, na afirmação da multiplicidade presente e em decorrência de possíveis.

Uma das características fundamentais da abordagem gestáltica é enfatizar o processo de *awareness* (dar-se conta, conscientizar-se), compreendendo que o Homem deve estar atento a si próprio, mantendo a presentificação da experiência e sua integração à ordem do vivido, através do fluxo de consciência (PRESTRELO; QUADROS, 2009, p. 12).

Em nossa prática de trabalho em grupo acreditamos que um grupo se faz nas conexões possíveis naquele momento e em função disso possuem a condição de se auto-regular. As intervenções realizadas se dão a fim de favorecer a todos os integrantes do grupo, inclusive coordenadoras (es) e estagiárias (os), a possibilidade de se conectarem ao vivido.



Fotos do acervo do GAPsi. Montagem Camila Kurdian. A montagem exemplifica um grupo realizado pelo GAPsi numa "Semana de Psicologia" do IP/UERJ. No recorte acima e à esquerda, o grupo se encontra sentado em círculo conversando; no recorte acima e à direita e abaixo, o grupo está em círculo, em pé, os componentes se enlaçando pela cintura, formando um círculo fechado, em momento final da troca grupal.

Na abordagem gestáltica denominamos tais intervenções de “experimentos”, eles emergem da interação ali presente, não se constituem em aplicação de técnicas que se pense em usar, eleitas *a priori* ao que acontece, destituídas de sentido. “O experimento emerge da relação, na tentativa de ativação de um *continuum* de consciência e da conscientização de possíveis.” (PRESTRELO ET AL., 2016, p. 90) Essa dirteriz metodológica compreende que a cada encontro um grupo se configura como efeito do “entre”, como nos aponta Robine, gestalt-terapeuta estudioso das relações e de processos grupais:

Nosso aparelho conceitual é inteiramente elaborado nesse “com”, “entre”, etc.; não existe introjeção se não houver um outro cuja intenção, deliberada ou não, é de nos transmitir algo; não existe retroflexão sem um outro que nos convide a ela; não existe construção de Gestalt sem que se levem em conta os parâmetros do aqui-e-agora [...]” (ROBINE, 2006, p. 238).

No trabalho em grupo nos aproximamos das temáticas trazidas, prioritariamente, a partir da veia da sensibilidade. Mobilizamos a emergência de um corpo sensível e posterior compreensão do vivido, uma das principais proposições da abordagem gestáltica, orientação de leitura da vida a qual os alunos da graduação do IP/UERJ, como dissemos, só vêm a conhecer no sexto período, e para alunos que escolham ênfase na clínica na grade curricular, não sendo obrigatória a todos. Qualquer ampliação do contato com essa abordagem só será possível em disciplinas optativas, como por exemplo, a que lecionei, em 2007³⁶, mas difícil de continuar oferecendo dado ao reduzido número de professores dessa área assentados no IP/UERJ e às inúmeras demandas do trabalho acadêmico.

No GAPsi, portanto, utilizamos nos encontros rotineiros a orientação teórica da abordagem gestáltica de grupos e em encontros com um grande número de participantes a Terapia Comunitária Integrativa continua sendo a orientação metodológica preferencial, especialmente nas semanas de calouros e semanas de psicologia, de dentro e fora da universidade.

³⁶ Disciplina eletiva de 60 h/aula: “Oficina de trabalho em grupo na abordagem gestáltica”.

HISTÓRIA TRÊS: NA CHEGADA, O COLORIDO DA VIDA...

No final das férias correspondente ao ano letivo 2015.2, a bolsista do GAPsi já me pergunta se poderíamos fazer a “roda de calouros” na semana de trote, como nos semestres anteriores e qual a melhor data e horário pra nós. Diz do quanto achou legal a colega tê-la procurado e acha que devemos fazer. A aluna do CA (Centro Acadêmico), responsável por organizar essa atividade estava lhe consultando sobre a possibilidade. Respondo que sim! Me sinto gratificada por ver o projeto ocupando um lugar sedimentado na agenda das atividades de recepção do aluno à universidade, especialmente, no IP/UERJ. Da forma como tem sido feito o contato da equipe responsável pelo trote e a do projeto, me parece só confirmar o que buscamos oferecer aos alunos, um espaço de acolhimento “daquilo que vier...” Sendo um espaço que se propõe a cuidar dos alunos, pois assim o divulgamos, pode direcionar a procura nesse momento de chegada, mas a fala de quem nos procura é relevante, “foi tão bom pra nossa turma!”. Se tiver oportunidade vou ouvir mais essa aluna sobre isso. Penso agora... Será que antes do GAPsi ser criado existiam outros espaços para onde a equipe de recepção aos calouros os encaminhavam? Também vou lhes perguntar isso quando puder.

Chegado o dia, ficamos eu e as estagiárias na sala conversando um pouco, arrumando as cadeiras em círculo, contentes pelo início do grupo. Me pareceu que uma bolsista nova, já era estagiária do projeto, estava um pouco excitada com esse novo lugar. Olho arregalado, atento e sorriso nervoso se faziam figura. Chega, então, uma “veterana”, como se identificam as responsáveis pelo trote e nos pergunta se eles podem vir pra sala pintados, estão muito pintados, nos diz meio rindo. Assentimos que sim, podem vir!

Logo depois surgem os primeiros: braços desenhados, olhos aumentados, muita cor: verde, azul, preto, branco, laranja... a sala vai ficando colorida, corpos e presenças. Uma turma que entra alegre, alguns poucos desconfiados. Nos parecem a vontade com a condição de calouros, inclusive com as brincadeiras que lhes fazem assumir algumas outras caras.

Nos chama atenção a dedicação das “veteranas” em direcioná-los à sala. Iniciamos e ainda elas estavam trazendo outro, e outro, e mais outro. Ficamos em 27, 24 alunos e nós três do projeto. Falo um pouco do projeto, de como funcionaremos naquele encontro, etc.

Iniciamos o trabalho, então, como sempre, com a roda de intenções, onde cada um enuncia o que gostaria de olhar naquele encontro. Esse enunciado é feito em círculo onde damos as mãos e, lançando o pé direito à frente falamos do que gostaríamos de trazer para ser trabalhado. Essa primeira aproximação corporal traz sempre um misto de expressões de timidez e alegria, excitação, movimento. Um primeiro passo à aproximação de corpos se dá.

Nessa primeira rodada, me parece que a temática principal é o receio de viver esse momento, a expectativa frente ao novo, o medo de não dar conta. O que vimos confirmado como tema comum à maioria, já que foi o escolhido para nos debruçarmos sobre ele.

Nos sentamos e abrimos pra rodada de temas sugeridos para a troca:

Amanda gostaria de lidar melhor com a diferença;

Manoella se sente insegura em lidar com o novo que é a entrada na universidade. No colégio tudo era menor, conhecido, se sentia mais protegida.

Leonardo gostaria de trabalhar o que ele chama de “complexo de inferioridade”;

Tatiane gostaria de aprender a lidar melhor nas relações que envolvem pessoas deprimidas;

Andressa tem medo do que as pessoas pensam sobre ela. Medo de lidar com o preconceito em geral.

Passando à próxima etapa, identificamos o tema mais votado: aquele trazido por Manoella. Muitos ao ouvirem balançavam a cabeça confirmando a identificação de sentimentos. Essa metodologia de trabalho em grupo permite que o tema escolhido para ser trabalhado contemple, de alguma forma, todos os outros trazidos.

Manoella pintada de coelhinha, ri e se mostra tímida. Começa a falar sobre como se sente assustada ao entrar na universidade, como é tudo tão maior que o que estava acostumada até então. Um colégio, um acompanhamento mais de perto pela mãe, não que precisasse, mas sabia-a perto. Agora não, é como lhes dissessem, daqui pra frente é contigo! Algumas lhe perguntam o tamanho do colégio de onde veio, quantas turmas tinha, e ela diz que umas quarenta e tantas... Riso geral. Colégio pequeno? Diz que não sabe se é porque é pobre, o que faz ressoar um murmurinho geral, novamente, a expressão de muita identificação no grupo! Diz que tá “nervosa” ao falar. Ri e reitera, tá muito assustada, tem medo de não dar conta. Diz que ouve dizer que os professores ali não querem nem saber, passam os trabalhos e eles que se virem...

Não posso deixar de pensar que o coelho pra mim sempre parece assustado diante de pessoas não é? Interessante, ela parecia mesmo uma “coelhinha” assustada. Acolhemos sua narrativa, seu sorriso e abrimos pra troca de experiências.

Escuta agora Manoella o que temos pra te contar quando vivemos situações semelhantes. Introduzo a questão que me parece sintetiza o trazido:

Algum de vocês já sentiu receio de não dar conta? O que fizeram com isso?

Renata lembra de quando não passou no vestibular, como foi difícil e o que a ajudou demais foi a companhia e o incentivo dos amigos;

Lucas lembra do receio de “assumir” sua sexualidade e o quanto a aceitação dos amigos o ajudou, inclusive para contar pra mãe;

Andressa traz a dificuldade vivida diante da descrença da mãe em sua capacidade de passar no vestibular que ficava grande, somada ao medo de lidar com o preconceito diante de sua orientação sexual. O quanto que o apoio de sua namorada, do pai, do grupo religioso lhe foi importante pra ir em frente (numa fala carregada de emoção e choro);

Amanda traz o depoimento de que seu maior desafio de “não dar conta” foi levantar e viver. Conta que no final do ano passado passou por um momento de depressão em que passou por surtos e tentativas de suicídio. “Eu acordava chorando, mas mesmo assim me levantava e ia pra aula”. Ela compartilha que a terapia a ajudou muito e, se voltando pra Manoella, diz pra ela não ter medo, pois se ela tinha passado no vestibular, ela tinha direito de estar ali, aquele lugar ela tinha conquistado! Era seu!

A fala é aceita por Manoella com um sorriso do tamanho do mundo! Diz obrigado, "mandou bem!". O restante do grupo bate palmas, ri. É como se Amanda, naquele momento, dissesse o que todos estavam precisando ouvir!

Amanda, emocionada, acrescenta que estava feliz de estar naquele lugar (naquela roda, assim nos pareceu! Ou seria na universidade?) "Posso ver que fiz a escolha certa ao escolher a psicologia".

Interessante como foi "sonante" no grupo essa fala de Manoella, com vivências diferentes, a mesma temática!

Encerramos o grupo, até em menos tempo, talvez, aproveitando a reverberação das narrativas, coroadas com a fala de Andressa: "Acho que agora, a partir do que ouvimos aqui, não precisamos ficar sozinhos, podemos contar uns com os outros pra nos apoiar." Nos pareceu que nada mais tínhamos a dizer naquele dia, a partir daquilo, "tínhamos fechado uma Gestalt!"

Será que esse não seria o melhor fechamento que poderíamos ter para o dia? Trazer a esperança da parceria, a experiência de que o que eu sinto não o sinto só, e que posso me apoiar na força do grupo para continuar a caminhar?

No fim da roda, outro círculo de corpos se faz, agora com muito mais conforto, troca de delicadezas, o movimento se dá bem mais descontraidamente. É a hora de falar o que cada um sai levando do grupo, e é emocionante o que reverbera ali... As palavras vão saindo e eu as repito para que possamos ouvi-las todas (os) (algumas (ns) falam alto, outros quase as sussurram): coragem; alegria; esperança; companheirismo, alegria, surpresa...

Saem da sala aos poucos. Como sempre, sorrindo, agradecendo, conversando. Nós, da equipe, comentamos um pouco o que experimentamos, estamos muito mobilizadas e vamos arrumando a sala para deixá-la para o dia seguinte, outras professoras a usarão. É quando, surpresas, notamos que algumas cadeiras estavam coloridas, marcas das tintas de seus corpos ficaram ali. Rimos. Achamos que bem mais do que nas cadeiras esses corpos deixaram marcas... (fragmentos de diário de campo da pesquisa, 2013-2017).

Desde as primeiras vezes que lançamos esse trabalho, a oportunidade de conhecer algo voltado para o trabalho em grupo e para a comunidade diretamente ligada à UERJ mobilizou bastante as alunas. O entusiasmo nas atividades é impressionante. Diante de tamanha convocação, a possibilidade de contemplar essa demanda com práticas, inclusive disciplinas nesse sentido tem se apresentado para nós³⁷, o que continua a esbarrar na falta de carga horária disponível para tal. Temos feito algumas atividades nesse sentido em nossos projetos de extensão que seguem proposições comuns e que estão em via de fazerem parte de um programa de

³⁷ Esse "nós" se refere a mim e a Laura Cristina de Toledo Quadros, as duas únicas professoras da área de estudos em Gestalt-Terapia que fazem parte do corpo docente do IP/UERJ no presente momento.

extensão, já aprovado em primeira instância, denominado “COM-nexo: configurações gestálticas em rede”³⁸.

Na história do GAPsi propusemos abrir esse espaço inicialmente para a comunidade uerjiana e seu entorno; posteriormente, para toda a comunidade da UERJ, funcionários, alunos, professores; depois só para alunos da universidade e finalmente, apenas para os discentes da graduação em psicologia do IP/UERJ. Algumas dificuldades foram identificadas no caminho: a palavra terapia assusta a muitos; um trabalho que se mostre terapêutico parece ser visto com bastante resistência no espaço universitário por nossos pares e pelos próprios alunos, preconceitos, “aprisionamentos acadêmicos”. Nos grupos, muito acolhimento. O caminho se fazendo.

Jessica: Pra mim a história com o Gapsi é até meio engraçada. A Juliana sabe que eu sempre fugia, porque eu sempre achei que quando eu chegasse aqui eu ia explodir, eu ia chorar, e eu “não, não posso, cheio de gente lá da faculdade, como é que eu vou fazer isso em publico”, aquele mito assim né, mito com um pouco de verdade né, porque o trabalho em grupo você tá em contato com o outro né?

Eu: Você tinha medo de perder o controle, era essa a sua fantasia?

Jessica: Sim, sim. Então eu sempre fugia, e eu dizia “não, de noite não dá pra mim” “não, hoje não dá”, então pra mim esse ano foi muito importante porque foi um ato de coragem né, pra mim foi um ato de coragem. E eu falei “Não, esse ano eu vou!”, até por eu estar me encaminhando por esse lado da Gestalt terapia, então foi um incentivo também né.

Uma outra coisa que me estimulou também foi um movimento parecido com o da Marina assim, depois dessa roda né, em que o Arthur dividiu um pouco de como é que ele faz os trabalhos, e eu fiquei “gente isso é lindo!” (risos do grupo). E é engraçado, que esse período eu consegui fazer isso assim, porque antes eu deixava os trabalhos sempre pra última hora, por isso eu acho que eu não tô tão ansiosa pra esse fechamento de período, eu tenho conseguido me planejar com antecedência, fazer as coisas um pouco antes né, não deixar pra última hora, e pra mim isso é inédito aqui na faculdade (risos do grupo).

Eu: Você tá em que período?

Jessica: Tô no sexto (risos do grupo)

Eu: Tá vendo, sempre há esperança, né Jessica? (risos do grupo).

Jessica: E foi muito bom pra mim ver que é possível adiantar, não precisa deixar pra última hora assim. Como ouvir o outro é importante assim. Mas pra mim o ganho de vir pra cá foi a grande vitória assim, de quebrar essa fantasia (fragmentos de diário de campo da pesquisa, 2013-2017).

³⁸ Esse programa será composto, inicialmente, por três projetos de extensão: o Laboratório Gestáltico: configurações e práticas contemporâneas; o GAPsi: grupos de apoio psicológico e o COMtextos: Arte e livre expressão na abordagem gestáltica.

Jessica, ao compartilhar seus medos, suas fantasias, expressa a de muitos. Interessante pontuar que Jessica não só veio para o grupo no início do semestre do ano letivo de 2016 como participou da seleção para estagiar no projeto e faz, desde então, parte da equipe.

Acolher fantasias, medos, idéias preconcebidas limitadoras de movimento para o exercício do conhecimento, bem como a identificação de semelhanças de formas de viver, pensamos ser, também, uma prática de cuidado.

Esse projeto tem como proposição, portanto, identificar práticas de cuidado desenvolvidas *por e para* a comunidade discente, mapeando suas formas e delineamentos. Acreditamos ser imprescindível performar práticas de cuidado, pois, cuidando de nós também cuidaremos do outro, prerrogativa paradigmática de um curso de psicologia. E a questão que se nos apresenta nessa pesquisa é, diante deste campo, contar suas histórias. Cuidando para fazer aparecer os pequenos grandes acontecimentos que performam nosso cotidiano, fazendo ver os pequenos gestos de cuidado ou da falta dele e o que eles nos fazem fazer. Acolher essas histórias nos parece uma forma de cuidar, histórias que se forjam na graduação em psicologia do IP/UERJ e se desdobram para muito além da sala de aula e dos muros da universidade.

Como pontuamos em texto anterior, a proposição desse trabalho nos parece inovadora:

O GAPsi é um projeto de extensão cujas ações se orientam por um novo paradigma de cuidado (Mol, 2008a; Mello e Nuremberg, 2012; Boff, 1999; Toro, s/d) que tem em seu cerne a definição do humano como ser interdependente, o que vemos como uma condição de enriquecimento de conexões no mundo na multiplicação de vínculos e laços sociais e não de restrição de possibilidades (PRESTRELO ET AL., 2016, p. 88).

Nos grupos trabalhamos temas trazidos pelos próprios alunos, a fim de buscarmos a melhor forma de estudá-los e desenvolvê-los. Os encontros atualmente duram, entre 1 h e 1h30 hs e acontecem quinzenalmente, sempre no mesmo horário, numa sala do SPA (Serviço de Psicologia Aplicada) do Instituto de Psicologia da UERJ. São divulgados pelas redes sociais disponíveis, pela lista de emails da secretaria do IP, do centro acadêmico dos estudantes, de nossas redes particulares,

através de nosso perfil no Facebook³⁹ e por cartazes afixados nos espaços internos da universidade. Existem também aqueles alunos que chegam pela divulgação realizada “boca a boca” por membros mais assíduos do grupo.

Ao nos reunirmos na sala, nos sentamos em círculo e nos debruçamos sobre o que o grupo coloca como questão naquele encontro, abrindo espaço para a escuta de suas inquietações, onde coordeno a discussão com algumas intervenções, por vezes as estagiárias do projeto também, quando se sentem confortáveis para tal, e proponho algumas dinâmicas de grupo, quando necessário, para facilitar o contato com o que está sendo vivido e a troca de experiências.

Pensamos que a forma como nos colocamos na sala favorece a troca: sentar em círculo facilita a fala direcionada ao outro e sua escuta e iniciamos o grupo sempre falando da importância de quando um estiver falando o outro atentar para escutar, de que quando alguém quiser falar levante a mão para que possamos escutá-la, da importância de, naquele espaço, cada um falar de si e não falar do/pelo outro. A própria formação circular já marca, a princípio, física e simbolicamente, a proposição do grupo como um espaço de troca assimétrico, não há uma hierarquia de lugares e o movimento se dá em qualquer direção. Não há compromisso de regularidade e não nos propomos a ser um espaço psicoterapêutico.

Da forma como se estrutura, o trabalho permite a construção de uma teia de relações sociais que potencializa o valor da troca de experiências e o resgate de uma dimensão sócio-política que pode propiciar a superação das adversidades, desenvolvendo a identificação do poder individual e coletivo do grupo, se constituindo, portanto, num campo de suporte acadêmico, social e afetivo. Ali formamos um círculo de intenções para iniciar o trabalho, e em roda, como numa casa de farinha, desfilamos algumas histórias de nossos dias, e dessa forma, além de temas específicos à vida acadêmica, também acolhemos um tipo de sofrimento que muitas vezes os permeiam e que não são absorvidos pelos serviços de saúde, os chamados “sofrimentos difusos”,

O fenômeno *sofrimento difuso*, nomeado pelo pesquisador Victor Vincent Valla (Valla, 2001), é definido como a expressão, através de queixas somáticas - tais como dores de cabeça, dores no corpo, insônia e sintomas gástricos, entre outros – de um sofrimento que não tem substrato orgânico e que estaria vinculado a fatores psíquicos e sociais (FONSECA, 2007, p. 15).

³⁹ Link da página de Facebook do GAPsi: <https://www.facebook.com/gapsi.uerj?fref=ts> .

Esses sintomas, por suas características, não são facilmente acolhidos, pois são sintomas que não fazem parte da clientela preferencial da clínica médica e nem da saúde mental, embora se configurem em importante demanda de atendimento na atenção básica. Em nosso trabalho acolhemos também, mas não só, vale ressaltar, essa expressão de sofrimento.

O GAPsi: uma prática de cuidado

Afirmamos o GAPsi portanto, desde então, como uma prática de cuidado dos alunos da graduação em psicologia do IP/UERJ, entendendo ser esta, apenas uma das práticas possíveis. E a ressonância desse fazer pode ser resumido numa fala emocionada de Maria no final de um grupo: “Me senti muito bem porque parece que eu recebi atenção. Às vezes sinto falta disso [...] Como é bom ser visto!” ou de Raline: “Gosto de falar. [...] Sou uma pessoa que preciso receber o *feedback* do outro e nem sempre eu recebo o que preciso ouvir, geralmente me trazem só qualidades. Fico preocupada se eu estou passando uma imagem que seja real minha.”

Alguns autores, parceiros de uma leitura gestáltica, afirmam a confirmação do outro enquanto vistos e reconhecidos em sua forma de existência, sem julgamentos e tentativas de enquadramento em formas preconcebidas como a melhor expressão de cuidado (RIBEIRO, 1998; MILLER, 1997). E ao ler essas falas das alunas não posso deixar de sentir a marca que elas colocam na falta de troca nas relações no mundo em que vivemos, o que me faz, de pronto, lembrar de Haraway (2008) em carta a seu pai, onde relembra sua relação de aprendizagem de um fazer. Belíssimo texto, onde a autora, generosa no compartilhar de sua intimidade, nos contempla com a história de uma vida de aprendizagem e apreensão de como se constituem relações de pertencimento a um lugar, uma família, uma possibilidade profissional. Podemos sentir no texto, o poder de uma ancestralidade encarnada no corpo, corpo de relações, marcas de uma história. Um corpo que não se limita ao biológico, que se faz com suas “heranças na carne” (HARAWAY, 2008, p.162), que faz e é feito memórias, imagens, sons, versão. Através da importância dada ao olhar do pai, nos faz pensar na importância do olhar do outro enquanto confirmação de alteridade, a condição de podermos nos ver no olhar do outro. No

olhar que se mantém, que ela identifica como expressão de respeito, onde reconhece um corpo se formando, a de uma escritora que tenta, através de sua militância, ressaltar a importância de atentarmos para que nunca estivemos sós, não estamos sós, estamos sempre em relação. A noção de respeito estaria, penso, intrinsecamente ligada à noção de espécies companheiras, ou seja, com quem “compartilho o pão”, o que inclui humanos e não-humanos. O que traz uma pontuação importante por parte dos pensadores da área de Ciência, Tecnologia e Sociedade referente à noção de humanidade bem diferente daquela defendida pelos movimentos humanistas, não mais é o homem o centro de todos os saberes, não só eles produzem conhecimento, os animais também, assim como as coisas (LATOUR, 1994, MOL, 2008a, DESPRET, 2016). Para Mol (2008a), “espécies companheiras” seria uma categoria permanentemente se fazendo, uma categoria-pergunta, que insiste na relação como a menor categoria de ser e de análise. Como a importância do olhar do outro para Maria, um olhar de volta que nos transforma, nos marca, numa relação de respeito, de amor, de confiança...

Importante se faz apontar as conexões que nos fazem fazer. O GAPsi não surge apenas da demanda de uma professora interessada em elaborar um projeto para acolher os alunos, ele emerge num campo de presença e se faz nas conexões possíveis. Ele se faz através de diversos actantes: um vestibular para psicologia; uma universidade vertical, erguida em doze andares, paredes e rampas de concreto e pouca vegetação ao redor o que remete a muitos, a imagem de uma estrutura aparentemente fria; em expressões de sofrimento; uma professora que se volta para ações cotidianas, com aquilo que aparece, “aqui e agora”; uma formação voltada para o trabalho em grupo; parcerias intra e inter institucionais; teorias que lhes suportam a prática e vice-versa e muitos outros que aqui escapam à identificação. Porque uma ação não se faz de forma linear, se faz em função de conexões, percebidas ou não. Aqui trabalhamos com aquelas que foram percebidas por nós, não ignorando tantas outras que nos fogem e que nem por isso se tornam menos importantes.

Cubro-me nesse momento do texto, no entanto, elucidar ao leitor, sim, a escrita de uma tese precisa atender para isso, qual a noção de prática e de cuidado que trago nesse trabalho. No trabalho do GAPsi e na tecitura dessa tese. Noções que me encantam o fazer e que direcionaram a pesquisa realizada. Sobre o

encantamento quero falar um pouco adiante, senão fica difícil manter o foco no fluxo da escrita já que nem sempre ela acompanha a rapidez e a multiplicidade do pensamento. Então vejamos, que proposição do cuidar tem me encantado, especialmente alimentada pelas inspirações das trocas neste doutorado.

O cuidar como ação

O ato de cuidar⁴⁰ se configura, para mim, como venho pontuando em diversos momentos do texto, em ação no cotidiano; na clínica, nos projetos de extensão que coordeno na universidade, como o GAPsi e o “Laboratório Gestáltico: configurações e práticas contemporâneas” e como tema da pesquisa que desenvolvo neste doutorado, o que vejo hoje, como práticas indissociáveis. O cuidar como exigência ontológica dos mundos relacionais, que vai além de uma exigência ética ou afetiva, inclusive na relação de pensar e conhecer (BELLACASA, 2012a).

Além do mais, o cuidar se constitui em tema importante na área dos estudos de Ciência, Tecnologia e Sociedade, área com a qual nosso grupo de pesquisa dialoga, seja na problematização de sua lógica, seja na importância dada à escrita, seja no cuidado no ato de pesquisar (MOL, 2008a; HARAWAY, 1995; BELLACASA, 2012b; ZANELLA, 2013). Cuidar do pensar, do pesquisar, do registrar, pois, como nos alerta Haraway (1995), o conhecimento produz mundos!

Nesse trabalho utilizo como eixo norteador a noção de cuidado desenvolvida pela filósofa e médica holandesa Annemarie Mol. Segundo a perspectiva dessa autora, no texto *The logic of care* (MOL, 2008a), o cuidado se dá no fazer, não existe enquanto uma forma *a priori* e o “bom cuidado” seria inerente a uma perspectiva que leva em conta uma especificidade, uma vida em ação. A ênfase da autora numa vida que se faz ao vivê-la, na ação, na experimento-ação, eu complementar, e, no caso, na criação de dispositivos de cuidado que se produzem sempre nas relações me tem sido especialmente cara. A utilização desse referencial teórico consiste, a meu ver, na possibilidade de ampliação de entendimento do campo de relações que performam nossos modos de existência.

⁴⁰ Algumas ideias a respeito desse tema podem ser encontradas no artigo de minha autoria “O que o olho não vê o coração também sente: como cuidar do invisível que nos salta aos olhos”, já indicado anteriormente.

A partir de experiências pessoais e pesquisas etnográficas realizadas, Mol desenvolve ampla discussão sobre a lógica do cuidado, ponto central do livro, e seu contraponto, à lógica da escolha, o que implica uma postura crítica ao que muitas vezes se constitui como tal, tratando do tema, debruçando-se sobre a forma como se trabalha com pessoas com diabetes. Para o que nos interessa, a reflexão sobre as possibilidades de práticas de cuidado no cotidiano acadêmico, nos deteremos no que a autora se refere como uma “lógica do cuidado”, deixando para outro momento maior detalhamento da “lógica da escolha”.

O “bom cuidado”, ou o cuidado bom o suficiente, segundo a autora, se constitui na prática, entendendo esse termo como algo em constante processo de se fazer, como vimos anteriormente. Portanto, adota a perspectiva de que o mundo não está pronto, que ele se constrói nas relações e, principalmente, num fazer, ao invés de adotar uma noção de cuidado pré-estabelecida o que contrariaria a noção de construção do conhecimento pertinente a alguns autores (MOL, 2008a; HARAWAY, 1995; BELLACASA, 2012b; ZANELLA, 2013), entre tantos outros com os quais interagimos em nossos trabalhos.

Mol, em algumas de suas obras, tem se dedicado a acompanhar práticas de cuidado no sentido de mapear uma lógica do cuidado afeita às práticas cotidianas de viver e, em especial, viver com uma doença. Desenvolvendo pesquisas relativas a doenças que implicam uma série de ações de cuidado como a anemia (1999) e a arteriosclerose dos membros inferiores (2002) e na obra sobre a qual nos debruçamos com mais atenção, o já referido *The logic of care* (MOL, 2008a), defende a idéia de não existir doenças e sim diferentes formas de performá-las. Nessas pesquisas, ao acompanhar nos hospitais as ações de abordagem e encaminhamento do tratamento a esses pacientes, pode identificar a importância de se trabalhar numa lógica de cuidado que não se distancie da prática, um cuidado que não se resume a “protocolos” predefinidos e colocados nas redes de serviço, um cuidado que envolve a muitos. Ela aposta numa lógica do cuidado que acompanha uma rede de conexões que se fazem na prática cotidiana dos usuários dos serviços, o paciente e seus instrumentos. No caso do tratamento da diabetes, na conexão entre as informações transmitidas por enfermeiros, no uso de seringas, nos atendimentos médicos, dietas e suas possibilidades de uso, nas doses diárias de insulina, um fazer juntos. Como apontam Moraes e Arendt (2013), “seu interesse não recaía tanto na descrição deste fazer, mas principalmente na maneira como a realidade era “performada” pelos

atores, isto é, como estes se uniam para manipular e colocar em cena tal realidade” (p.316). Em excelente artigo, esses professores pontuam contribuições importantes das idéias de Annemarie Mol para a psicologia social que traremos ao texto para afirmar nossa aproximação à proposição de cuidado ao qual nos vinculamos em nossas pesquisas:

a) Mol convoca as pesquisas em ciências sociais a darem uma guinada para a prática, isto é, a autora propõe que as ciências sociais se dediquem a investigar as práticas cotidianas; nos casos em que ela se dedica a pesquisar as práticas cotidianas de viver com diabetes, com arteriosclerose na perna, com anemia, etc., sem dúvida ela não está sozinha, e se pode fazê-lo, é na esteira de outros autores (Stengers, 2006; Law 2004; Latour, 2001, 2008a); b) ela tem concepção de que a realidade não é algo dado de antemão, mas é antes efeito das práticas, ou, para dizer com outras palavras, das práticas performativas, isto é, das que fazem existir realidades; c) as realidades são múltiplas, heterogêneas e articulam sem cessar atores humanos e não humanos; d) como consequência, para a autora, conhecer não é questão de representar o real, mas envolve engajar-se, manejar e interferir nas práticas, ali, no ponto em que elas formam realidades (MORAES; ARENDT, 2013, p. 314).

No livro *Care in practice: on tinkering in clinics, homes and farms*, organizado por Mol, Moser e Pols (2010), há uma concordância das autoras em ressaltar que os cuidados são adaptáveis à necessidade de corpos e às vidas diárias. Nesse sentido, eles não podem ser pré-determinados, regidos por protocolos, precisam ser abertos, performados. Para isso, precisam da participação ativa dos envolvidos, especialmente dos pacientes – daí a ênfase no cuidado se dar em coletivos e não em indivíduos. Crítica, inclusive, a ênfase dada para a escuta no ato de cuidar, para que os profissionais precisam ouvir os pacientes, pois o cuidado não se restringe ao verbal, ressaltam, no que concordamos plenamente, ele pode se dar pelo toque corporal, através de um olhar, “bebendo um chocolate quente”, numa conversa descompromissada sobre o cotidiano da vida... E aí reside toda a complexidade de um “bom cuidado”. O quanto precisamos estar atentos a observar nossas práticas a fim de podermos perceber o que foi acolhido e aquilo que foi evitado. E ressalta que as histórias contadas por elas são carregadas de ambivalência e na importância de se trabalhar com estas, buscando soluções locais para os problemas. Essa proposição vai ao encontro do que Haraway (1995), importante parceira em nossas pesquisas chama atenção em seus trabalhos: todo o conhecimento é local, situado. E que a não marcação contribui para uma “normalidade não marcada”,

desencarnada, que deixa de lado as conexões e invisibiliza ações e coisas no processo.

A noção de um “conhecimento situado” defende que todo conhecimento é feito em algum lugar, em associações que nos fazem fazer. O “bom cuidado” implica, portanto, em levar em conta uma especificidade, uma certa sintonia (MOL, 2008a).

Essa condição de construção do conhecimento se apóia numa nova política de intervenção, não mais uma busca de verdade, de comprovação de uma teoria anteriormente dada e sim o acompanhamento daquilo que se dá na prática. O encaminhamento de Mol é que “passemos de uma investigação epistemológica para [...] uma pesquisa praxiográfica, pois nas práticas os objetos são feitos, o que indica que é apenas em ação – aqui e ali – que alguma coisa é, que alguma coisa passa a existir” (MORAES; ARENDT, 2013, p. 317). Como nordestina que sou⁴¹, não posso deixar de registrar uma expressão que de pronto me ocorreu ao terminar a escrita desta frase: “Na teoria é uma coisa, na prática é outra!”. Afirmação que se faz presente muitas e muitas vezes em nosso cotidiano e que expressa, em si, a dicotomia e por vezes distanciamento da realidade que foi se estabelecendo na produção do conhecimento do mundo em que vivemos, inclusive no campo das ciências, a qual o pensamento de Mol se contrapõe.

E me vem a lembrança um grupo que fizemos no GAPsi para compartilharmos nossas mobilizações após 170 dias em greve. Nossa intenção era abrir espaço para que os alunos pudessem elaborar o que víamos naquele momento como perdas (a partir de nossa percepção como professores e a expressão de alguns alunos nas salas de aula e corredores logo após a retomada das atividades acadêmicas). Logo após o início do grupo, informações, algumas perguntas sobre o período ao qual cada um cursava a guisa de aquecimento, interesses atuais, etc., pergunto-lhes como foi vivido esse período de greve e diferentes narrativas aparecem, conforme registrado no diário de campo:

Quando pergunto como foi o período de greve, inicialmente o silêncio tomou conta do grupo.

Marina então responde dizendo que a experiência da greve foi algo positivo para ela. "Foi boa para refletir, ter um tempo para mim, acho que voltei mais segura." Ela relata que estava muito sobrecarregada

⁴¹ Quando me refiro a uma origem nordestina nessa parte do texto, marco a identificação de uma herança que tem como efeito a utilização de frases e pensamentos populares na denominação de fatos observados. A produção de conhecimento no nordeste se faz, em grande parte, através da transmissão de uma cultura oral permeada por ditos populares.

e que essa pausa foi boa para que ela pudesse fazer contato com o curso.

Arthur discorda de Marina "para mim foi o contrário". Ele relata que como entrou para a faculdade no segundo semestre, aquela espera o angustiou. "Era como se o passado estivesse se repetindo". "No começo fiquei tranqüilo, mas conforme foi passando o tempo, fui ficando angustiado. Aí fui tentando compensar, fui lendo livros."

[...]

Carlos também viu a greve de uma forma positiva para sua vida pessoal. "Pra mim foi muito bom esse período da greve. Quando começou a greve eu voltei a morar com meus pais depois de quatro anos morando sozinho... Foi um momento em que comecei a fazer psicoterapia também... foram muitas mudanças". Acrescenta ter passado a se exercitar, freqüentar a nutricionista e melhorar sua alimentação. "É outra vida praticamente! Menos dor, menos cansaço, menos fome [...] pude experimentar outras coisas novas [...] Mudou muito coisa até lá em casa" sua família também mudou seus hábitos alimentares a partir de sua iniciativa. Diz ter sido bom por também ter podido ficar mais tempo com sua família "A minha dificuldade foi voltar pra UERJ porque já tinha me acostumado a outro ritmo de vida. Quero manter, me faz bem".

Arthur então afirma que, quando escutou o que os colegas haviam dito, percebeu que o estudo que havia feito sozinho estava lhe ajudando agora no retorno às aulas: "Eu passei a entender melhor".

Marina comenta então que a greve a ajudou a morar sozinha. Com o tempo extra, conseguiu organizar o apartamento, o que ela entende como sendo algo muito bom. "Quando a professora perguntou na aula quem se achava adulto, eu levantei a mão, acho que se fosse antes da greve, eu talvez não tivesse levantado." (Fragmentos de diário de campo da pesquisa, 2013-2017)

Quantos elementos se fazem presentes no movimento de viver uma vida, uma vida além dos muros da universidade e que, no fluxo, trazem efeitos diversos a cada um de nós. Ao acolhermos essas narrativas podemos nos abrir a pensar que efeitos, por exemplo, uma grade curricular repleta de atividades pré-determinadas traz para a formação do aluno e repensar essas fronteiras. Será que não estamos reproduzindo uma prática de ensino calcada em quantidade, a despeito de espaços de busca e troca contextualizadas? Será que estamos expressando, através de nosso fazer, a necessidade constante de nos colocarmos a repensar as fronteiras dentro e fora de nós, de "repensar o pensamento", como nos aponta Mia Couto?:

Nosso pensamento, como toda a entidade viva, nasce para se vestir de fronteiras [...] O problema é que o nosso pensamento, ao contrário das restantes entidades vivas, facilmente se encerra em si mesmo. Não sabemos fazer paredes vivas e permeáveis [...] Temos medo da mudança, medo da desordem, medo da complexidade. Precisamos de modelos para entender um universo (que é, afinal, um pluriverso ou um multiverso) e que foi construído em permanente mudança, no

meio do caos e do imprevisível [...] Temos medo dos que pensam diferente e mais medo ainda daqueles que são tão diferentes, que achamos que não pensam. Vivemos em estado de guerra com a alteridade que mora dentro e fora de nós. Esse é o defeito original das fronteiras que fabricamos (COUTO, 2014, n.p.)⁴².

Partindo dessas falas e de tantas outras, e consciente de nossa responsabilidade como atores/autores de nossas práticas, inclusive de pesquisa, pergunto-me que práticas seriam possíveis no estabelecimento do que Mol (2008a) chamou de um “bom cuidado” por parte dos atores envolvidos nessa relação: alunos, professores, funcionários, estrutura física da instituição? Para identificá-las, acredito que só uma prática faça falar todos esses atores/autores:

Se as práticas são colocadas no primeiro plano não há mais um simples objeto passivo no meio, esperando ser visto do ponto de vista de séries intermináveis de perspectivas. Ao contrário, os objetos existem – e desaparecem – com as práticas através das quais eles são manejados. E desde que o manejo tende a diferir de uma prática a outra, a realidade se multiplica. [...] no modo filosófico engajado aqui, o conhecimento não é entendido como uma questão de referência, mas como um de manipulação (MOL, 2002, p. 5)⁴³.

O modo filosófico privilegiado pela autora onde o manejo constitui o conhecimento e não uma referência teórica pré-definida nos é particularmente enriquecedor, inovador e se apresenta como questão central em nosso trabalho. Ou seja, o conhecimento se construiria na prática, no caso o cuidar, num fazer contínuo, daí porque seria único, e ao mesmo tempo múltiplo. Não existe um domínio a recuperar, a importância reside na identificação de um estilo, uma forma de fazer.

No GAPsi, logo após estabelecermos a frequência quinzenal dos grupos nos deparamos com um fato que nos intrigou, o número de frequentadores era sempre de cinco alunos, oito, quatro, dificilmente passavam de dez, o que contrariava,

⁴² No artigo “Repensar o pensamento: redesenhando fronteiras”, publicado no *site* “Fronteiras do Pensamento” em 10/8/2014. O texto está disponível em: <http://www.fronteiras.com/artigos/mia-couto-repensar-o-pensamento-redesenhando-fronteiras>, E faz parte da coletânea *Pensar a cultura*, organizada por Cassiano Elek Machado para a Editora Arquipélago (2013).

⁴³ Tradução livre do texto original realizada em nosso grupo de pesquisa. No original: “If practices are foregrounded there is no longer a single passive object in the middle, waiting to be seen from the point of view of seemingly endless series of perspectives. Instead, objects come into being- and disappear – with the practices in with they are manipulated. And since the object of manipulation tends to differ from one practice to another, reality multiplies. [...] in the philosophical mode I engage in here, knowledge is not understood as a matter of reference, but as one of manipulation.” (MOL, 2002, p. 5)

pensávamos, a empolgação manifestada pelos alunos ao se referirem ao GAPsi, à abordagem freqüente aos estagiários nos corredores da universidade perguntando quando seria o próximo grupo. Muitas vezes nos perguntamos se esta seria uma prática vista como de cuidado pelos alunos. A fala de algumas, como a de Maria Adriana, aluna freqüentadora assídua dos grupos nos apontava um caminho:

Ah, eu... deixa eu ver aqui ... eu gostaria de deixar assim, pelo menos pra quem vivenciou o GAPsi, é a importância de ter, de fato, não somente aqui, mas eu acho que em outras graduações, de outros lugares, porque como percebe né, o aluno ele tem as vezes, o aluno de graduação de psicologia pelo menos, eu acho que ele tem as vezes essa necessidade durante o curso de chegar lá e ter um espaço em que ele possa falar entendeu, e falar das nossas angústias como aluno da graduação de psicologia por exemplo, então assim eu acho que isso faz um bem muito grande, pra quem pelo menos faz psicologia e tudo mais, gostaria de ratificar essa questão né, de que esse espaço deveria existir em outros locais também, porque eu acho que é muito importante, pelo menos pra mim significou muito, acho que pra outras pessoas que tiveram aqui também, entendeu, então acho que eu gostaria de deixar bem delimitado isso, é importante (fragmento de entrevista, 2016).

Na busca de entendimento do que víamos como baixa freqüência, fomos fazendo algumas variações, inicialmente fazíamos os grupos no horário da noite, das 19:00 as 20:30 hs. Como a graduação em psicologia no IP/UERJ funciona tarde e noite e pensamos que esse horário atenderia alunos dos dois turnos, prática comum aos eventos do IP/UERJ. Alguns alunos da tarde, no entanto, reclamavam do grupo acontecer à noite, não podiam ficar, moravam muito longe. Começamos então a variar, um semestre fizemos à tarde, outro pela manhã, mas não percebemos grandes variações de freqüência. Achamos hoje que são muitas as conexões: a fantasia de que ali é um lugar onde vão se mobilizar, lidar com a emoção de forma descontrolada, como nos disse Jessica; que ali é uma “terapia”; o fato de muitos não terem como pagar uma refeição, um lanche, diante da condição de que vão precisar ficar mais tempo na universidade... Mas isso não é mais uma questão para o grupo, entendemos que nossa atuação no GAPsi reverbera pelos corredores e salas dessa universidade de muitas maneiras, não só quando as alunas estão nos grupos. Conexões que se multiplicam, dentro e fora da instituição.

Diante de algumas demandas por continuidade no entrosamento do grupo fizemos mais uma modificação no primeiro semestre de 2016. Coordenamos um

grupo fixo, semi-aberto, que se fez presente durante todos os encontros. Acho que continuaremos a fazê-lo assim por mais um semestre.

Essa noção de conhecimento que vai se fazendo no manejo dos acontecimentos vem ao encontro da noção de prática trazida também por Stengers (2006):

A prática designa as ciências '*se fazendo*', ela engloba o ajuste de instrumentos, a escritura de artigos, as relações de cada praticante com os colegas, mas também com tudo isto que todos aqueles que contam ou poderiam contar em sua paisagem. Nada está pronto. Tudo está por negociar, por ajustar, alinhar e o termo prática designa a maneira pela qual tais negociações, ajustes, alinhamentos constroem e especificam as atividades individuais sem por isso determiná-las (p. 62 e 63)⁴⁴.

Afinamo-nos, portanto, com uma orientação de prática que acredita que a produção do conhecimento se faz através de uma rede, num entrelaçar de saberes que se fazem-com o outro e não sobre o outro – o pesquisarCOM, cunhado por Moraes (2010). Uma orientação de pesquisa que apresenta um olhar para a relação entre o pesquisador e seu objeto de pesquisa onde ambos afetam-se mutuamente, onde o outro não se configura como um qualquer e sim aquele que, em relação, constrói, conosco, um novo saber. Pensar o cuidado sob essa perspectiva resgata o encantamento da construção de um conhecimento vivo, liberto das grades metodológicas de uma prática de pesquisa reducionista.

Entendo que alguns autores da área de estudos Ciência, Tecnologia e Sociedade podem ampliar a compreensão desse campo, somando às abordagens de inspiração fenomenológico-existencial, por exemplo, a compreensão de uma realidade que se dá no fazer e que está sendo feita na vinculação de uma rede de atores, humanos, não-humanos, seres híbridos que somos.

Aliás, sobre sermos “humanos”, Haraway (2009) levanta interessante discussão. Embora não seja o momento de desenvolvê-la, vale a pena, mesmo que rapidamente, pontuarmos aqui, já que tangencia o tema deste trabalho. Em excelente ensaio, ela coloca em questão a distinção entre a máquina e a construção do que denominamos “ser humano”: “No final do século XX, neste nosso tempo, um tempo mítico, somos todos quimeras, híbridos – teóricos e fabricados – máquina e organismo; somos, em suma, ciborgues. O ciborgue é nossa ontologia: ele nos dá nossa política” (HARAWAY, 2009, p. 37).

⁴⁴ Tradução livre do texto original pelo grupo de pesquisa Entre_ Redes.

Pesquisar levando em consideração todos esses elementos, humanos, não-humanos, ciborgues, a vida se fazendo, se refere à tentativa de apreensão dos nossos modos de existência. Levar em consideração esses elementos e narrá-los em nossos trabalhos de pesquisa constitui o que Mol (2008b) denomina uma “política ontológica”:

A combinação dos termos “ontologia” e “política” sugere-nos que as condições de possibilidade não são dadas à partida. Que a realidade não precede as práticas banais nas quais interagimos com ela, antes sendo modelada por essas práticas. O termo *política*, portanto, permite sublinhar este modo ativo, este processo de modelação, bem como o seu caráter aberto e conectado (p. 64).

A escrita tem suas exigências. Ao trazer a ontologia política de Mol para o texto, me remeto a outra ontologia, a “ontologia corporal” proposta por Butler, conectando-me ao que temos vivido nesse momento na UERJ.

HISTÓRIA QUATRO: QUANTO VALE UMA VIDA?

Juliana: “Eu sinto uma angústia dentro de mim, que não vou alcançar meu objetivo de ser psicóloga” (fragmento de diário de campo da pesquisa, 2013-2017).

Escrever uma tese é, também, escrever um pouco sobre um dos processos de aproximação de nós que se dá, neste caso, através da escrita, um corpo-escrita, poderíamos assim dizer. Da escrita, nesse texto, de histórias de outros, histórias minhas. Histórias que vão, com certeza, ser uma parte, sempre bem menos do que a experiência desse encontro de nós mesmos - conosco e com tantos outros – em nós e fora de nós, que tem o seu lugar no processo de criação, de um texto, uma tese, uma vida, “contar uma história é pouco e é muito ao mesmo tempo. É o possível. E o possível é o possível” (BRUM, 2013, n. p.).

Enquanto relembro tantas histórias, conecto pensamentos, refaço caminhos, me emociono, uma multiplicidade de sentimentos me invade, mobilização que me acompanha desde o início dessa escrita. Conto aqui o percurso de um trabalho sobre o qual me debruço há muitos anos, sob diferentes facetas, me interesso sobre os diversos modos de existência e como cuidar-lhes. E nessa altura do percurso me deparo com tamanho descuido: o abandono gradativo de uma instituição pública de ensino, o descaso com o bem público e tudo o que em decorrência isso acarreta, ou seja, o abandono de vidas.

Delineamentos de uma luta: cuidar da UERJ

Nos últimos anos, alunos, professores e funcionários têm lutado bravamente para lidar com a falta de condições de trabalho no cotidiano institucional. No momento, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro está sem condições de funcionamento. A instituição na qual trabalho, na qual desenvolvo esse projeto, onde

realizo o trabalho de campo dessa tese: não tem verba para os serviços básicos de infra-estrutura (funcionamento de elevadores, serviço de segurança, serviços de limpeza); não há verba para o pagamento dos salários dos professores, funcionários e das bolsas de estudo.

Criada em 1950, a UERJ é um dos patrimônios culturais do estado do Rio de Janeiro e do Brasil. Com uma sede (*campus* Maracanã) e 13 unidades externas – *campi* regionais, Colégio de Aplicação (CAP), Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE), Policlínica Piquet Carneiro (PPC) e Universidade Aberta da Terceira Idade (UnATI) –, reúne mais de 7 mil trabalhadores estáveis, mais de mil contratados e mais de 40 mil estudantes, da educação básica à pós-graduação (ARANTES; CONDE; SCHEINVAR, 2016, p.6).

Segundo as autoras acima afirmam, atualmente cerca de 10 mil alunos-cotistas não recebem, regularmente, a bolsa-permanência que lhes permite freqüentar a universidade suprindo as despesas básicas de transporte, alimentação e material didático.

Convivendo há algum tempo com a administração dos recursos que o estado lhe repassava, com freqüência abaixo do suficiente a seu funcionamento, a instituição chegou ao limite, efeito de uma política governamental desenvolvida pelo mesmo grupo de governo nos últimos 10 anos que se agravou a partir de 2016 (ARANTES; CONDE; SCHEINVAR, 2016). Temos vivido algumas greves, instrumento último de intervenção ao estabelecido, na busca de saídas mais satisfatórias aos embates institucionais, porém com poucos ganhos. Perante tamanho descaso, essa pergunta em mim toma forma “Quanto vale uma vida?”

Estamos em fevereiro de 2017 e o ano letivo de 2016, já descompassado por momentos anteriores de parada em suas atividades (2014; 2015; 2016 e 2017, entre greves e ocupações) não termina. E o que é pior, não tem previsão de término! Uma decisão tomada pelo Conselho Universitário mantém as atividades administrativas, o calendário letivo em curso: matrículas semestrais, inscrições de projetos, etc. Como fazê-lo? Os funcionários, sem os seus salários entram em greve. Os elevadores funcionam precariamente, em número e horários. No sobe e desce, narrativas de penúria: falta a passagem; falta o aluguel; falta esperança! Em algumas unidades, acordos possibilitam o precário funcionamento das atividades burocráticas e atendimento ao público. As atividades nas pós-graduações continuam, mesmo que precariamente. Alguns professores mantêm atividades de orientação, supervisão de

estágio, orientações de projetos. Me encontro entre estes, acolhendo a decisão de uma reunião do colegiado do SPA⁴⁵ que aconteceu em 23 de janeiro de 2017, onde foi apontada a necessidade de movimentarmos a universidade, não a deixarmos esvaziada, ação de resistência à tentativa do governo de fazer-lhe inoperante. Algumas perguntas, conjuntamente, nos fizemos: será que interrompendo nossas atividades não estaríamos fazendo o “jogo do governo?”; e as retomando, não estaríamos corroborando a noção de que poderíamos funcionar dessa forma, precariamente? Como nos responsabilizarmos perante a população quanto à segurança dos elevadores, a própria segurança pessoal de todos os envolvidos? Alguns rumores de assalto dentro da instituição já apareciam. Como lidar com a retomada e seguida interrupção dos atendimentos clínicos e suas implicações na relação terapêutica? Um mar de dúvidas! Decidimos então, por unanimidade, manter as atividades possíveis no SPA, suspendendo os atendimentos ao público, já que não teríamos como garantir condições de segurança e de higiene inerentes ao atendimento de um número maior de pessoas. Nesse momento algumas exceções foram pactuadas, para os estágios de interface externa como o Pet SUS, aqueles realizados em abrigos, etc., e para alguns poucos atendimentos clínicos que foram considerados de interrupção não recomendada pelos supervisores. Movimentos de cuidado! Montamos, no entanto, um calendário do que, num primeiro momento, denominamos de “atividades de resistência”, ações de mobilização voltadas para o público interno e externo, onde nós, do Departamento de Psicologia Clínica, compartilharíamos o nosso fazer na instituição. Vale acrescentar que os outros departamentos do IP/UERJ também discutiam a realização dessas ações, sempre no mesmo sentido, o de resistir, resistir, resistir. Ações que se faziam não só no Instituto de Psicologia, mas em toda a universidade, vale ressaltar.⁴⁶ Nesse momento foi sendo organizado um movimento muito interessante de alunos e ex-alunos de Psicologia da UERJ, que se denominou “grupo de resistência” e que planejou atividades intituladas “Psicologia na Praça”, já que se reuniam numa praça próxima à universidade para discutir com a população temas de interesse de todos e também promover aulas públicas para discutirem temas diretamente ligados à UERJ e à Psicologia⁴⁷. Resistir! Palavra que nos guia até os dias atuais, apesar de...

⁴⁵ SPA: Serviço de Psicologia Aplicada, setor que oferece estágios obrigatórios no curso de Psicologia, realizando atendimento ao público como atividade inerente à graduação do aluno.

⁴⁶ Muitas delas podem ser acessadas consultando a página do movimento UERJresiste: <https://pt-br.facebook.com/uerjresiste/>.

⁴⁷ <https://www.facebook.com/psiuerj/>, visitado em 21 de maio de 2017.

A proposição é que todas as decisões tomadas nesse momento de profunda crise institucional sejam constantemente avaliadas e reavaliadas, e que, diante de algum fato novo, novas decisões sejam tomadas. Nesse movimento acolho, no espaço das supervisões a demanda de estagiárias desesperadas: quando volto a estudar, atender aos clientes? Será que posso me formar esse semestre? Só falta esse! No espaço de supervisão, surpreendida pela freqüência de tantas alunas, apesar da dificuldade financeira, discutimos a conjuntura atual, lemos alguns textos, trocamos experiências, nos apoiamos na angústia perante o indefinido. Sim, à frente, indefinição: Privatização? Fechamento? Superação?

Como diz Aleksievitch (2016), ao compreender a dificuldade das mulheres entrevistadas para falarem sobre a guerra, por vezes “É impossível chegar muito perto da realidade, cara a cara. Entre a realidade e nós existem os nossos sentimentos” (p. 18) e os sentimentos, diz ela, “são a alma do acontecimento” (p.19)!

Difícil chegar perto do sentimento que me invade e a tantos neste momento acerca do descuido em relação a essa universidade, uma instituição reconhecida nacional e internacionalmente pela qualidade do conhecimento produzido. Uma instituição que é pioneira no sistema de cotas, propiciando a uma camada menos favorecida da população a entrada no ensino superior. As diversas manifestações de instituições científicas, de colegas brasileiros e estrangeiros, de alunos e ex-alunos afirmam sua importância⁴⁸. Dentre elas uma reunião emblemática de apoio à UERJ aconteceu com a reunião de mais de 60 reitores de universidades públicas estaduais e federais de todo o país⁴⁹ no campus Maracanã, em prol da manutenção do financiamento da educação superior pública, no dia 20 de fevereiro de 2017. Do governo estadual e federal, nenhuma resposta promissora.

Sim, dizemos uns aos outros, o que esperar de um “presidente”, como Michel Temer, que, tendo assumido a presidência de um país de forma ilegítima, desrespeita a voz de uma nação?⁵⁰ O que esperar de um governador estadual, Luiz Fernando de Souza, conhecido como Pezão, acusado de atividades ilícitas juntamente a seu antecessor Sérgio Cabral que se encontra preso, respondendo a inúmeros inquéritos por uso indevido do dinheiro público? O que esperar de um

⁴⁸ Algumas instituições estão registradas nesta reportagem:
<http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Movimentos-Sociais/MANIFESTO-EM-APOIO-A-UERJ-/2/38039>.

⁴⁹ http://www.uerj.br/lendo_noticia.php?id=1133, visitado em 21 de maio de 2017.

⁵⁰ <http://g1.globo.com/politica/processo-de-impeachment-de-dilma/noticia/2016/08/dilma-discursa-no-julgamento-final-do-processo-de-impeachment-no-senado.html>

governo estadual que vira as costas para uma instituição estadual que oferece educação pública e de qualidade para todos? O que esperar de uma orientação de governo que institui a privatização⁵¹ como ação primeira à manutenção dos serviços públicos mais básicos? Nada alivia, a angústia continua aqui.

Tornar a vida possível: condições de interdependência

Volto então a Butler e sua ontologia:

Nossas obrigações são precisamente para com as condições que tornam a vida possível, não para com a “vida em si mesma” ou, melhor dizendo, nossas obrigações surgem da percepção de que não pode haver vida sustentada sem essas condições de sustentação, e que essas condições são, ao mesmo tempo, nossa responsabilidade política e a matéria de nossas decisões éticas mais árduas (BUTLER, 2015, p. 43).

A pergunta estampada de início desde a capa de seu livro *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* (2015) parece nos socar o estômago. Quanto vale uma vida? Quais vidas são permitidas serem vividas? Trazendo para o que estamos vivendo na universidade poderíamos acrescentar, quanto vale uma vida profissional interrompida? Estudantes, profissionais e funcionários, nesse momento, fazem ecoar essa pergunta pelos corredores da instituição, pelas ruas da cidade, pelos ares a alcançar tantos outros mundos. Nesse livro, a autora pensando a ética que mobiliza uma guerra, problematiza o que faz serem algumas vidas concebíveis de viver e outras não. Nos propõe então, uma “ontologia corporal”, o que implicaria repensarmos nossas conexões de trabalho, de interdependência, de precariedade, vulnerabilidade, etc., já que nenhum desses aspectos, diz ela, existem fora de uma organização e leitura política.

⁵¹ Uma publicação bastante interessante sobre o tema foi lançada no período, “Hoje acordei pra luta!: intelectuais pela universidade pública”, que propõe uma contra-argumentação às concepções ideológicas que sugerem a privatização, o autofinanciamento, entre outras medidas, provocando um questionamento sobre modos de governar que negligenciam o valor do ensino público para privilegiar investimentos imediatistas. Ela está disponível em: <https://www.eduerj.uerj.br/engine/?product=hoje-acordei-pra-luta-intelectuais-pela-universidade-publica>.

Desse modo, a produção normativa da ontologia cria um problema epistemológico de *apreender* uma vida, o que, por sua vez, dá origem ao problema ético de definir o que é reconhecer ou, na realidade, proteger contra a violação e a violência [...]

Assim, há “sujeitos” que não são exatamente reconhecíveis como sujeitos e há “vidas” que dificilmente – ou, melhor dizendo, nunca – são reconhecidas como vidas (BUTLER, 2015, p. 16 e 17, grifo nosso).

Apropriado me parece esse pensamento de Butler, dolorosamente apropriado eu diria, para tentarmos entender o que acontece na UERJ no presente momento. E sua pergunta se desdobraria em Quanto valem as vidas dessa comunidade acadêmica?

A apreensão do valor da educação para um povo, da importância de uma universidade pública e de qualidade me parece escapar a esse governo, pois como aponta a autora, concepção que nos é absolutamente familiar na abordagem gestáltica, “apreensão” é uma forma de conhecimento que antecede o conceitual. É uma forma de conhecimento que se associa ao sentir e ao perceber, e “nesse sentido, a condição de ser reconhecido precede o reconhecimento” (BUTLER, 2015, p.19).

A defesa e manutenção da UERJ, penso, antecede qualquer valorização de sua produção. Ela se faz necessária dado a “apreensão” do que nos faz senhores de direito a uma educação pública e de qualidade e, como desdobramento, a um mundo mais justo, mais igualitário, a um mundo múltiplo. E trago para ilustrá-la uma referência à UERJ realizada por uma ex-estagiária bolsista do GAPsi, agora aluna de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da UERJ-PPGPS, em sua monografia de final de curso:

A UERJ é uma universidade que possui seu principal campus cravado em uma das regiões mais movimentadas do Rio de Janeiro, junto às principais vias que ligam a zona norte ao centro da cidade. Impossível passar por ela e não percebê-la, quer seja de carro, ônibus ou metrô. Imponente e cinza, muitos diriam feia, com seus muitos blocos e rampas. (...) Ela está sempre à vista, despertando curiosidades e desejo dos que aspiram estudar lá. Seus alunos frequentemente a chamam de *ousada* nas redes sociais. Talvez receba esse adjetivo por suas iniciativas pioneiras, como estabelecer um regime de cotas sociais para ingresso de alunos que se declaram negros, índios ou provenientes de escolas públicas. Talvez pela sua insistência de manter alguns princípios, como vestibular próprio enquanto a grande maioria das universidades aderiram ao ENEM como veículo de acesso (ARAUJO, 2015, p. 11 e 12).



Montagem de Camila Kurdian

Fontes: <https://www.eduerj.uerj.br>; <http://www.euquerouerj.com.br/>;
<https://www.epochtimes.com.br>; <https://pt.foursquare.com/v/fenuerj--faculdade-de-engenharia/4c0e40e7f319b71338784b9a>

Está postada uma montagem de fotos da UERJ sob vários ângulos, demonstrando sua arquitetura de concreto cinza, construção vertical, no intuito de contextualizar o que está narrado pela aluna anteriormente, tendo numa delas, florido, um lindo ipê roxo, tecendo cores vivas ao que, à primeira vista, parece apenas cinza!

Com todos esses atravessamentos, reiniciamos as aulas no dia 10 de abril de 2017 por decisão do fórum de diretores da universidade, ou seja, o semestre letivo 2016.2 se inicia. Muitas questões envolvidas, variações do mesmo tema: com os salários de professores, técnicos e as bolsas estudantis não pagos, como funcionar? Os funcionários técnico-administrativos continuam em greve, o bandejão da universidade não voltou a funcionar, as condições de manutenção de elevadores e limpeza continuam precárias. A orientação da reitoria é para que as unidades se organizem dentro do quadro emergencial⁵², os professores planejem atividades extra-classe para que os alunos que não podem freqüentar as aulas pela falta de bolsas possam ter a perda de conteúdo amenizada e que sejam abonadas suas faltas. O calendário anual foi definido com base em autorização do Conselho Estadual de Educação/CEE-ERJ, adaptado diante dos impactos da crise do estado,

⁵² Circular n. 004/GAB/SR-1/2017.

o semestre letivo em curso (2016.2) e o posterior⁵³, acontecerão em 75 dias letivos presenciais. Diante dessas decisões, muita mobilização.

Nas assembléias de professores e comunitárias, divisão: indignação perante a tentativa de fazer de conta que o funcionamento da universidade está normal, o que resultou, inclusive, em *slogan* que passeia dentro e fora da universidade – “# NãoTáNormalUERJ”⁵⁴ – e a defesa de que precisamos ocupar a universidade, inclusive para a mobilização de companheiros, funcionários e alunos para a luta em defesa da instituição. Nas plenárias de alunos muitas discussões no mesmo sentido. Manifestações públicas, passeatas, vigílias frente ao Palácio Guanabara, sede do governo estadual são realizadas. Movimento de possíveis. Atos de cuidado, conosco, com a instituição, com o país.

Coloco a seguir um exemplo de cartaz levado para a rua, numa manifestação recente, a “Marcha pela UERJ”, com o intuito de deixar claro para a população o que a UERJ está deixando de disponibilizar à população através dos serviços de atendimentos realizados no SPA do IP/UERJ.

⁵³ http://www.uerj.br/comunidade/arquivos/ca2016/Calendario_Academico_Simplifi_2016_2_2017_1.pdf .

⁵⁴ <https://www.asduerj.org.br/> .

MARCHA PELA UERJ

SPA UERJ

Serviço de psicologia aplicada

Que serviços disponibilizamos para a população?

- Atendimento psicológico individual e em grupo
- Grupo de orientação familiar
- Psicopedagogia
- Terapia de família
- Orientação profissional
- Psicologia do esporte
- Psicologia organizacional
- Parcerias: Degase e TJ - RJ

MENOS 262 ATENDIMENTOS
MENOS 981 TRIAGENS
Por falta de condições de trabalho!

O que estamos deixando de oferecer à população?

Atendimentos clínicos:	Triagens:
2014 - 273	2014 - 834
2015 - 304	2015 - 981
2016 - 148	2016 - 416
2017 - 42	2017 - 0

#UERJRESISTE

Idéia e execução da aluna Camila Kurdian. O cartaz tem o título acima à esquerda de “Marcha pela UERJ” e no centro “SPA”. Logo abaixo contém vários números junto aos indicadores de serviços que não estão sendo prestados, como por exemplo: em 2016 foram realizados 148 atendimentos clínicos; no ano de 2017, nenhum.

E me vêm agora algumas lembranças: a expressão de indignação de uma aluna, representante do CA de psicologia em reunião do colegiado do SPA no dia 03 de maio de 2017, ao expressar que os alunos se sentem roubados pelo estado em seu direito a ter um curso funcionando como deveria! E num dos encontros do GAPsi Marina trazendo uma situação que viveu, onde algumas pessoas que ela conhece que estão tentando o vestibular diziam que não fariam a prova para a UERJ: "Ouvi muitas pessoas dizendo que a UERJ era arriscada, isso foi triste"⁵⁵. E em outro momento, a fala de uma professora recém concursada que, em estágio probatório se diz endividada e encurralada: se não vier trabalhar corre o risco de ser

⁵⁵ (Fragmento do diário de campo da pesquisa 2013-2017.)

mal avaliada e perder a vaga, mas não tem dinheiro para fazê-lo, não recebe o salário. Novamente, socos no estômago. Quantos!

E assim estamos no momento, final de junho de 2017, funcionando muito precariamente, ajustando aulas e o atendimento no SPA a dois dias e horários nos quais os funcionários técnico - administrativos, em parceria, se dispõem a trabalhar, já que os estágios supervisionados, enquanto disciplinas, não podem deixar de ser oferecidos quando a decisão é de volta às aulas. No momento do término da escrita dessa tese, reitores das universidades do estado do Rio de Janeiro: UERJ, UEZO e UENF, em carta assinada e encaminhada ao Secretário Estadual de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Social e ao presidente da seção fluminense da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB-RJ)⁵⁶, ressaltam a impossibilidade do retorno as aulas no dia primeiro de agosto de 2017, conforme calendário acadêmico, sem que os salários atrasados sejam normalizados.⁵⁷ No dia 06 de julho, em assembléia docente, os professores da UERJ decidiram entrar em greve a partir de 01 de agosto de 2017 caso os salários não sejam normalizados, além de uma série de outras deliberações⁵⁸. Aguardemos. Essa história não termina e nem terminará por aqui... nem durante a escrita dessa tese, nem a curto prazo, me parece. Caminhemos juntas nela.

Dou-me conta que os dois livros aos quais lancei mão nesses últimos parágrafos tratam dos horrores da guerra. Talvez porque estejamos tratando mesmo de uma guerra: de poder, ética, de costumes, de sentidos de vida.

Outro livro que abro é o de Aleksiévitich, *A guerra não tem rosto de mulher*, que traz a tona, através de entrevistas com mulheres soviéticas que viveram a Segunda Guerra Mundial, a versão feminina do conflito, um conflito que, até lermos esse livro, ninguém viu. Há no texto a marcação de uma história que narra muito mais que fatos, narra sentimentos. Diz ela num determinado momento: “Vou repetir mais uma vez: a guerra delas [as mulheres] tem cheiro, cor, o mundo detalhado da existência.” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 20) Talvez neste momento esteja me dando conta que não consigo nessa tese esse detalhamento do que estamos experienciando na UERJ. Está bem difícil a expressão do que vivemos, o cheiro é

⁵⁶ http://www.uerj.br/lendo_noticia.php?id=1208, visitado em 8 de julho de 2017.

⁵⁸ <https://www.asduerj.org.br/>, visitado em 8 de julho de 2017.

forte e a cor é ainda indefinida... No momento, assim como a história a seguir em parte nos conta, somos, acima de tudo, revolta, assombro, angústia e interrogações.

HISTÓRIA CINCO: AS MENINAS QUE SE PERGUNTAVAM...

Iniciamos o grupo. Ao perceber uma certa inquietação no ar, proponho que todas se sentem da maneira mais confortável possível e que aquelas que se sentirem à vontade fechem os olhos e façam contato com aquilo que perceberem naquele momento. Corpo, sensações, imagens, lembranças, pensamentos...

Depois de algum tempo busco saber se há alguma demanda do grupo, e Beatriz traz um pouco de seu momento de ESCOLHA das ênfases⁵⁹, em seu caso não necessariamente como angústia, mas como um processo de escolha e planejamento do seu futuro.

Marina compartilha uma escolha já feita e conta sua experiência no estágio, imaginando que seria de um jeito e como conseguiu unir sua escolha com seu jeito de trabalhar, seus desejos. Conta que para ela abrir mão de alguma coisa é difícil. “É difícil ABRIR mão da outra ênfase.”

Ingrid comenta, “Eu estou procurando fazer as coisas que eu tenho PRAZER, se eu pegasse as três ênfases eu enlouquecia.”

Raline diz que já esteve mais em dúvida, mas que agora está relativamente calma. Fala também da relação dela com um determinado estágio, do qual ela gosta muito, mas que a faz se sentir relativamente PRESA. “Buscar NOVOS ARES me assusta um pouco.”

Maria: “É frustrante você encarar tudo e no final dizer ‘Não é isso’”. “Essa fase de escolher e NÃO TER TANTA CERTEZA, que não é o porto seguro que a Raline sente, te deixa sem chão.”

Marina compartilha que ter saído de sua cidade a ajudou a enfrentar o novo. “O NOVO PODE SER BOM.”

Proponho, a partir do que vai aparecendo, uma atividade com um kit chamado “associação de idéias”, cartões em forma de baralho que contêm palavras ou expressões curtas escritas... Peço pra cada uma tirar uma carta e não olhar num primeiro momento. Após todas terem escolhido a sua, cada uma delas vira a sua carta e diz a primeira coisa que vem à cabeça relacionada a ela. Peço para falarmos um pouco disso, como foi e se fazem relação com o momento em que vivem.

Marina tirou a expressão “um perfume”. Diz que a palavra que veio à sua cabeça foi Chanel. Isso traz a ela um certo desconforto, pois não parece importante. Passado o desconforto inicial, diz que se deu conta de que tem mais de dez perfumes e gosta deles. Exploro mais um pouco o que aparece, desconforto, JULGAMENTO, FORMA DE ESTAR NA VIDA... e Marina começa a associar várias lembranças.

Beatriz conta que ficou desconcertada quando tirou “um abraço” e ela associou o desconforto ao fato de que não gosta muito de abraço e se pergunta “Que ser humano não gosta de um abraço?” Percebe que fez um julgamento sobre si, e continua dizendo que nem sabe se deseja mudar, GOSTA DA IDEIA DE SER FORTE, não parecer vulnerável.

Raline comenta que mesmo sem o abraço Beatriz mostrou sua afeição a ela de outras formas, como a autorizando a chamá-la de

⁵⁹ A grade curricular do curso de graduação do IP/UERJ, atualmente, se desdobra em três ênfases: Saúde, Social e Clínica. Num determinado momento do curso o aluno precisa escolher duas delas e a partir daí cursará disciplinas e estágios relacionados às ênfases escolhidas.

Bia e participando ativamente de sua comemoração de aniversário no estúdio.

Marina comenta que Bia é o seu OPOSTO, se percebe muito expressiva. Diz que no Rio de Janeiro as pessoas são muito desconfiadas e isso a chocou muito. Até acha bom esse jeito de Bia, pois ela confia em todo mundo. Sinalizo os movimentos presentes: enquanto Bia questiona o movimento de se EXPANDIR, Marina busca se preservar.

Ingrid tirou “um sabor” e pensou em doce. Diz que isso faz sentido, pois está buscando mais prazer na vida, mais OPORTUNIDADES. Está ACEITANDO MAIS ABRAÇOS (ri).

Maria tirou “um amigo” e lembrou do melhor amigo e do amor que sente por ele e conta da relação que sente ENTRE AMOR E AMIZADE. Se emociona ao falar que essa é uma relação muito especial e que às vezes isso a faz se sentir muito dependente. Ela diz que não gosta de depender e de se sentir um fardo. Às vezes se sente assim. Ingrid questiona se ser forte é estar bem. “QUANDO VOCÊ SE COLOCA TÃO FORTE E NÃO PRECISA DO OUTRO, VOCÊ NÃO TEM O OUTRO!” (Fragmento de diário de campo da pesquisa, 2013-2017)

Início o dia me perguntando por onde continuar esse texto. Tantas são as falas, leituras, não quero deixar nada de fora! Assim como as alunas. Tanto tempo despendido em reflexões, trocas, *insights*. Lembro de Aleksievitch (2016) falando da feitura de seu livro: “Textos, textos. Textos para todo lado. [...] Leio voz [...] (p.16)”. E, mais na frente, “escuto quando elas falam [...] Escuto quando estão caladas [...] Tanto as palavras quanto o silêncio são texto para mim (p. 24)”. Essas palavras contam de mim nesse momento.

Quero trabalhar no texto uma política de escrita, mais especificamente, a política de escrita utilizada nessa tese. E me vem o impulso de reler o fragmento de diário de campo acima, deixando-me fixar nas palavras que se fizessem figura pra mim no texto, exercício de presentificação, como diríamos na abordagem gestáltica. Ação não pensada, não planejada, emergiu no ato da escrita. Resolvo trazê-la para o texto. Marco-as com uma fonte diferente (versalete) e depois, sem muito pensar, escrevo um parágrafo com elas:

QUANDO ESCOLHO ABRIR MÃO DAS CERTEZAS, DE GOSTAR DA IDÉIA DE SER FORTE, DO JULGAMENTO, COMEÇO A GOSTAR DA IDÉIA DO OPOSTO DESSA FORMA DE ESTAR NA VIDA: EXPANDIR, PRESERVAR, EXPLORAR OPORTUNIDADES, O QUE PODE TRAZER NOVOS ARES, ME FAZER ACEITAR MAIS ABRAÇOS. “O NOVO PODE SER BOM!”, “QUANDO VOCÊ SE COLOCA TÃO FORTE E NÃO PRECISA DO OUTRO, VOCÊ NÃO TEM O OUTRO!”

Me dou conta que esse parágrafo, esse pequeno grande parágrafo pode sintetizar muito do trazido pelas alunas no percurso de nossos encontros, o que pode ser constatado por vocês ao relerem as histórias contadas até aqui. E por sua vez, sintetiza muito do que me faz, nessa tese, escolher essa diretriz de método afirmada pelo grupo pesquisador COM da Pós-Graduação em Psicologia da UFF/RJ, um método que me trouxe outros ares no fazer pesquisa, gostar de experimentar o novo, expandir fronteiras, conhecer tantos outros mundos!

A contação de histórias como diretriz de método

E assim caminhamos com essa diretriz de método que afirma a contação⁶⁰ de histórias como leitura de mundo. Histórias presentes no campo, histórias que “contem” de nós, no sentido trazido por autoras como Stengers e Despret (2012), Haraway (1995), Bellacasa (2012b), que tragam as marcas do que queremos fazer ver, que afirmem o que queremos mostrar no texto. Melhor, um método que aposta na contação de histórias como a possibilidade de multiplicação de mundos, na visibilidade/invisibilidade das tensões presentes, na experiência-ação de cuidar e ser cuidado.

Trarei para o texto algumas dessas tensões, como a que aparece na fala de Beatriz:

Então, o GAPsi foi muito importante para mim, marcou muito o começo da faculdade, porque... eu me sinto muito diferente do que era no começo da graduação. Eu cheguei aqui muito crua, muito... Então, assim, eu lembro exatamente como eu tava, porque eu tenho bem na minha memória como foi a graduação, o começo da graduação. Porque eu lembro de vir aqui e colocar isso para fora, e as coisas passam e se a gente, realmente, não põe para fora, não elabora né? Então, em muitos momentos eu vi como eu “tava” muito...

[...]

Mas realmente um lugar que eu me senti realmente acolhida, porque fora daqui eu não consigo, assim, alguns professores... minto, alguns professores realmente tem um perfil muito mais de escutar, uma prática de cuidado muito importante para mim é o professor dar a possibilidade de dar o feedback. Porque as vezes você quer fazer um bom trabalho, mas você...no começo então você não sabe se “tá”

⁶⁰ Contação: palavra comumente usada para definir o ato de contar histórias, narrar, promover saras literários onde existe a figura do contador de histórias dando voz a contos e histórias, consultado em <http://www.dicionarioinformal.com.br/conta%C3%A7%C3%A3o/>, em 4 de março de 2017.

bom ou se não tá. Você entregando o trabalho e saber que aquela nota é definitiva é muito difícil. Se eu soubesse, vou fazer meu melhor e se não tiver tão bom o professor vai me dar um feedback. Acho até que com alguns professores você pode até conversar, até isso é possível. Mas até você descobrir, hoje em dia vejo assim, hoje em dia eu tenho essa visão. Mas quando “tava” no começo eu não sabia dessa possibilidade, alguns professores faziam...

Eu: Então, deixa eu ver se estou te entendendo, você sofria muito com a falta de feedback dos professores?

Beatriz: Isso, é isso... (fragmentos de entrevista, 2014)

E de Erika:

Eu: É... Você se sentiu durante o curso, cuidando?

Erika: Sim, muito! (risos)

Eu: Muito?! Então me fala de algumas experiências que foram assim, te afetaram nesse ato de cuidar durante esse tempo que você estava aqui, na graduação.

Erika: Eu acho que fica muito marcado é entre os próprios colegas de curso. Agora mesmo eu estava vindo para cá, eu estava conversando com os colegas e assim, tá em semana de seleção de estágios e eles estão fazendo inscrição. E muitos estão muito angustiados também como eu tava, também fiquei né?! Querendo saber, “mas como é que é o estágio? Como é que faz? Que opções eu tenho? Posso fazer dois estágios com pessoas diferentes ou não posso?” As pessoas não fazem nem muita ideia de como funciona o currículo e as opções que tem de flexibilização daquele currículo. Então assim, nesses momentos que a gente para, senta e conversa um pouquinho, 10 a 15 minutos, já sai com uma ideia mais clara de quem já viveu aquilo ali.

Eu: E você tem clareza que nesse momento é um ato de cuidado?

Erika: Tenho, tenho sim. É a hora que às vezes eu tava assim, “Deixa eu ir para minha reunião, não vou não, vou ficar aqui mais um pouquinho e ver o que pode ficar mais claro.”

Eu: Você teve isso quando você entrou? De colegas?

Erika: Sim, alguns colegas mais velhos que chegaram assim “ Olha: antes das férias tem que fazer a inscrição no SPA, isso é antes das inscrições de disciplinas” e isso eu não sabia. Os colegas que iam dando os toques porque o instituto não avisa a gente. Então você nunca recebe um e-mail avisando: “Olha, tem que abrir uma pasta no SPA antes das disciplinas!” São os colegas que avisam.

Eu: E você... reconhece que... é como se fosse uma rede de... de cumplicidade entre os alunos?

Erika: Acho que é uma rede de proteção...

Eu: De proteção?

Erika: De proteção.

Eu: Me fala melhor sobre isso.

Erika: Acho que quando a gente faz isso protege o outro para ele não ficar à mercê de nenhuma... informação. E é assim, uma informação que pode significar você não se inscrever em um estágio naquele semestre, só no outro, né?! (fragmentos de entrevista, 2015)

Como podemos ver, muitas são as conexões presentes numa relação professor-aluno; instituição-aluno! Contar algumas dessas histórias pode nos sensibilizar para seus efeitos, pode fazer adentrar no universo acadêmico uma série de demandas que se desdobram nas relações que se fazem nesse espaço, dentre outras, reconhecimento de fronteiras, escuta, respeito, afirmação, atenção, cuidado. O olhar de volta é um modo de cuidar, como diz Haraway (2008).

Alimenta-me a perspectiva de construção de um conhecimento vivo⁶¹, não aquele pautado na reprodução infinita de pensamentos e ações anteriores que se distanciam, com frequência, do que costumo chamar de uma “vida vivida”, não apenas pensada, sonhada, projetada, idealizada. Uma noção de construção do conhecimento que atente para a utilização de uma metodologia de pesquisa que contemple a complexidade da vida, que encare o ato de pesquisar como um processo de criação “[...] e a pesquisa realizada como objetivação de uma atividade criadora que se apresenta como obra a ser lida, degustada, devorada, deglutida. Obra que reinventa a própria vida, em vez de somente explicá-la ou compreendê-la” (ZANELLA, 2013, p. 21).

Os autores da área de estudos CTS citados nesse texto marcam um modo de conhecer nas ciências sociais que relaciona diretamente a forma como construímos o conhecimento com uma postura política a ser tomada pelo pesquisador. Questão fundamental a todos eles: a preocupação com o mundo que queremos construir com nossas pesquisas – em relação a minha preocupação atual: que mundo queremos fazer ver na graduação em psicologia desta universidade?

Inspiradas nesses autores, somos convocadas (os), então, a nos colocar cuidadosas (os) quanto à ação de cuidar, pois esta se constitui em nosso trabalho, nos projetos de extensão que coordenamos e na pesquisa desenvolvida neste doutorado, como objeto e método de pesquisa!

Essa inspiração teórica pontua a necessidade de não só lidarmos com o que aparece, com o novo, com as dobras (Law, 2011), os desvios (Despret, 1996), mas os valorizar, os trazer para a cena de estudo/pesquisa, inclusive na escrita. Como nos diz Zanella (2013), ao se debruçar sobre a forma de lidar com a cartografia das cidades em sua pesquisa, sublinha a necessidade de trazer para o campo de estudo o que é deixado à margem, não legitimado:

⁶¹ Conforme desenvolvemos em artigo apontado (Apêndice D).

Assim como em viagens para diferentes localidades, também na viagem/pesquisa os acasos têm seu valor. Becos, vias, vielas, *piazzas* e mais *piazzas*... Deixar-se desorientar pela sinuosidade das passagens/situações e ver o que ou quem as habita (ZANELLA, 2013, p.38).

Despret (2011d) chama atenção para a importância de atentarmos para nossas emoções, já que tendemos a, imersos nelas, não as registrarmos, “o peixe não vê a água do aquário (p. 30)”, nem avaliamos sua implicação política. E acrescenta: “O saber dos outros transforma as nossas maneiras de nos saber” (DESPRET, 2011, apud QUADROS, 2011, p. 92). Quando não trazemos para a pesquisa o caminho percorrido e seus atravessamentos, estamos ajudando a construir, talvez, a idealização de um mundo perfeito, perpetuando a hegemonia de um meio de construção do saber.

Esses autores nos dizem que o social não é algo que está fora de nós, que está dado, para o qual possamos olhar à distância, a fim de o pesquisarmos. O social está se fazendo em nós e “por” nós. Para sua apreensão, portanto, necessitamos de uma ciência social com métodos de pesquisa permeáveis por essa mobilidade e imprevisibilidade. Como diz Law (2004):

If the world is complex and messy, then at least some of the time we're going to have to give up on simplicities. But one thing is sure: if we want to think about the messes of reality at all then we're going to have to teach ourselves to think, to practise, to relate, and to know in new ways. We will need to teach ourselves to know some of the realities of the world using methods unusual to or unknown in social science (p. 2).

Precisamos, segundo ele, ampliar nosso repertório metodológico para dar conta do que se nos apresenta hoje como o inominável, as intuições, apreensões, sensações, legitimando o inesperado – o invisível aos olhos!

Quando nos defrontamos com o campo, *acessamos não exatamente o desconhecido, mas o despreparado, o ainda não feito, o imprevisto, o não inventado também em nós*ⁱ. Essa é, de fato, a grande aventura e ao mesmo tempo o risco que corremos. Se não podemos garantir o que iremos encontrar lá, não podemos prever o que acontecerá em nós (QUADROS, 2011, p. 76, grifos nossos).

A questão metodológica que se coloca é importante na medida em que defende não precisarmos abrir mão dos métodos já existentes e sim ampliá-los e

não tê-los como hegemônicos, pois eles produzem um mundo do qual já não dão conta.

HISTÓRIA SEIS: O QUE FAZ UM SOFRIMENTO MAIOR QUE OUTRO?

A roda de calouros tem início com a coordenadora falando como se dará o encaminhamento de nosso encontro. Na roda de intenções, dinâmica inicial já descrita anteriormente, algumas das palavras que apareceram foram solidariedade, intimidade, ansiedade, timidez, amizade, união e empatia, se desdobrando, posteriormente, em algumas falas como,

Pedro: “Tenho uma relação complicada com a minha mãe, porque ela não respeita a minha religião.”

Tiago: “Sinto nervosismo com o início das aulas. Tenho medo de não aguentar a pressão.”

Júlia: “Sinto ansiedade exacerbada”

Juliana pede a palavra e diz em voz marcante: “Perdi meu gato e só duas pessoas me deram os pêsames. É como se meu luto não fosse autorizado, você não tem direito de viver seu luto, o gato não tinha valor para as pessoas. “Me senti desamparada.”

O depoimento de Juliana, que nos pareceu mais um desabafo, uma forma de descarregar sua dor, causou grande comoção, ele sensibilizou a todos e com isso, grande parte do grupo se emocionou, chorou. Ficou claro que esse gesto não poderia ser ignorado, e assim, a coordenadora acompanhando o movimento do grupo consulta se podemos escolher esse tema para ser trabalhado.

Com o decorrer da roda, a ressonância do tema vai fazendo sentido, quase todos ali presentes haviam perdido algo ou alguém que lhes era importante e por quem nutriam muito afeto. O gato, o cachorro, o namoro, o pai, os pais e o avô. Cada um relatou o que havia sentido quando perderam seu objeto de afeto e como superou a falta.

Tiago: “Muita gente já chorou mais por animais do que por pessoas. Eu tinha um cachorro, ele era a minha companhia, eu o vi crescer... Fiquei oito meses em casa e ele estava sempre ao meu lado”

Digo, “Me parece que a gente chora não é pelo objeto perdido né, e sim pelo o que ele representa”. “É difícil perder o objeto de afeto, mas o afeto não se perde!”. Acho que minha fala espelhou bem as dos participantes, o sentimento de saudade estava voltado para aquilo que o objeto perdido representara, um irmão, uma companhia, o amparo e mesmo depois da perda essa representação e o sentimento correspondente ainda estavam lá (fragmentos de diário de campo da pesquisa, 2013-2017).

Tantas coisas essas falas nos fazem pensar... O que faz um sofrimento maior que outro, mais legítimo? O que faz uma vida valer mais que a outra, como se pergunta Butler? Tantos são os caminhos de exclusão, do sentir, quem pode sentir, por quem sentir... Muitas são as fronteiras que colocamos ao pensamento, como já registramos anteriormente na afirmação de Mia Couto. Nesse texto tecemos algumas parcerias com autoras (es) que, no rastro de pensar o pensamento e suas

práticas, nos alertam para os perigos de não termos presente essas formas de exclusão, como Haraway, Stengers, Bellacasa, Moraes, Couto, Santos, Butler e tantas(os) mais.

E me vêm à lembrança as palavras de Santos (2001), na conferência “Seis razões para pensar”, uma tentativa de abordar a questão colocada no evento realizado em comemoração aos 25 anos do CEDEC⁶² intitulado “Por que pensar?”. Ao pensar a produção de um pensamento contemporâneo, diz ele, o princípio da dominação coloca o homem sempre no centro. Para pensarmos uma sociedade mais inclusiva, precisaremos, penso, trazeremos para o campo de construção do conhecimento, não só o homem, mas a multiplicidade dos modos de existência. E para alcançar esse conhecimento precisaremos fazer perguntas simples, essas, segundo ele, trariam a possibilidade de uma aproximação maior da vida que vivemos em toda sua complexidade, ao contrário do que freqüentemente se faz ao buscarmos descobertas generalizantes. Um conhecimento próximo da vida faz convergir ação e pensamento, produzindo um rigor na produção do conhecimento relativo a essa aproximação e não ao distanciamento criado por um pensamento produzido de forma distanciada da realidade, característico de uma ciência moderna, segundo afirma.

Em sua dissertação de mestrado Etiane Araldi (2012) trata de algumas controvérsias que permeiam o campo da psicologia e como elas se colocam na experiência de psicólogos em formação. Uma das idéias de seu trabalho que nos parece mais interessante é a defesa de que sejam realizadas, em nossas pesquisas, o que denomina de “perguntas idiotas”, pois elas nos deslocam do lugar de pleno saber, de um conhecimento que já está dado, o que nos levaria a busca do já conhecido, a verdades universais: “O idiota não sabe o que é mais importante, por isso, genuinamente, interroga aquilo que já se tem como certo.” (ARALDI, 2012, p. 96) Tomar o sujeito pesquisado como idiota é acreditar que ele não possa ser afetado pelo pesquisador, e vice-versa. Ela defende então, acompanhada de outras parceiras teóricas, algumas delas já citadas aqui, uma outra forma de lidar com a teoria, uma alternativa a esta, ao saber regido pelo movimento “colonizador/colonizado”, onde a forma de perguntar ou até mesmo as perguntas estão dadas numa perspectiva de trabalho “científico”, de produção de uma teoria que domina a verdade. Se assim tomarmos as teorias, sem afirmar a importância da

⁶² Centro de Estudos de Cultura Contemporânea/SP.

observação, da experiência, diz ela, estaremos repetindo esse mesmo modelo de fazer ciência.

O “rigor da experiência”: marca de uma nova ciência

A proposição colocada então por Araldi (2012) é buscarmos o “rigor da experiência”, caminho difícil dada a nossa formação acadêmica. Então, acompanhando Kastrup, ressalta que o interessante da pesquisa é “recolocar os problemas”. Como? Penso que reconhecendo-os no presente, no aqui e agora, em seus impasses, contradições, o que chamaríamos, numa perspectiva gestáltica, naquilo que se torna figura na experiência, e trazê-lo para o texto, narrá-lo, fazê-lo aparecer. Bondía, um filósofo da educação, utiliza uma definição de experiência que nos contempla na forma de pensarmos nosso fazer:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça (BONDÍA, 2002, p. 21).

Gosto de imaginar que em minha pesquisa/trabalho, ao perguntarmos aos alunos, com vontade de saber, com disponibilidade para a escuta, os ajudamos e a nós também, a nos darmos conta do que nos passa. Num movimento simétrico, onde mobilizo o outro a se saber e a mim também, o que nos coloca numa posição de que não somos seres universais, que a psicologia não tem o supremo saber, que esse é um saber construído, nos pequenos grandes acontecimentos do cotidiano que nos afetam:

As estagiárias do projeto chegam na hora junto com Rebeca, aluna que já veio outras vezes à oficina. Informo que vamos esperar um pouco para ver se chegam mais pessoas, uns 15 minutos. Durante esse tempo ainda fico achando que não vão chegar... Ainda estou presa, acho, a uma expectativa de que venham muitos, como na roda que acontece na semana de calouros. Digo pra mim mesma que preciso me desapegar desse modelo, foi pré-concebido, o coloquei *à priori* do movimento dos alunos! Esse espaço vai se dar como eles o fizerem... E estão fazendo!
Início do grupo: falo um pouco sobre o propósito do nosso projeto e pergunto como faço com frequência, “Vocês tem algo que as está

preocupando, alguma angústia?” (éramos cinco, três estagiárias e duas alunas).

Verônica responde: “Serve uma lista?” Me sinto impactada, sua fala cheia de emoção, inquietação, seu olhar assustado. A tensão que sinto perpassar o grupo, como que numa corrente de cumplicidade. Sempre me surpreendo com a força colocada pelos alunos em relação ao sofrimento presente, talvez porque os veja iniciando uma vida, jovens, nutra uma expectativa de maior leveza no viver. Diz que todo mundo sempre sabe o que quer e ela fica se cobrando não saber... (sobre a escolha de ênfases).

Conversam um pouco sobre a angústia desse momento, me parece algo comum a todas e dizem que neste momento entraram em crise!

Pergunto: vocês acham a crise algo ruim?

Juliana diz: “Para mim sim, me causa angústia.” E diz como o grupo foi importante pra ela no ano passado, quando estava sem saber o que fazer.

Rebeca diz o quanto é difícil pra ela escolher, sempre pensa no que o outro vai pensar, se tem esse direito. Lembrou então de uma música: “Se livrar do olhar do mundo e até de mim.” Foi quando ela se deu conta: “O olhar pesado é de mim mesmo. Porque quando faço as minhas escolhas as pessoas aprovam também.”Falante, relembra situações onde isso foi vivido.

Verônica volta a falar, diz como é difícil pra ela se expressar e lembra que na roda no ano passado pode ouvir e falar um pouco. Diz o quanto foi sofrido escolher psicologia, sempre fica na dúvida se está fazendo a escolha certa. É como se quisesse saber antes de escolher. Quando fica assim, o que é uma constante na vida, começa a pesquisar, buscar informações. Para a escolha de ênfase foi assim e como gostou do GAPsi veio participar pra ver se gosta, não sabe que linha teórica vai adotar ainda, mas quer conhecer. Pergunto o que ela busca fazendo assim, ela diz que não sabe mas que parece que se sente melhor. Parece que tem menos chances de errar. Pergunto se ela se dá conta que está fazendo a mesma coisa agora? Ela fica muito impactada, olhos abertos, surpresa em se reconhecer, me olha como se estivesse fazendo muitos links. Diz: é incrível, é isso mesmo, não tinha me dado conta.

Termino a roda pedindo para que digam uma palavra síntese do que estão sentindo, ela disse surpresa. Outras palavras surgem: alegria, olhar, mobilizada...

Letícia fala que está muito mobilizada com tudo o que foi dito no grupo, parece muito afetada, mas diz não querer falar sobre isso no momento.

Terminamos o grupo, lá se vão falando baixinho pelos corredores, mochila nas costas, bolsas, andar quase sempre apressado. Querem chegar logo ao seu destino. Como eu? Fico pensando o quanto podemos repetir padrões de funcionamento e que reconhecê-los em alguns momentos pode ser libertador por si. Como eu o fiz, elegendo a priori uma forma de cuidado, as oficinas de grupo, grupos grandes! E aqui e agora, num grupo pequeno, quanta vida se fazendo... (fragmentos de diário de campo da pesquisa, 2013-2017).

“Pensar nós devemos”

Para fazermos uma nova ciência, Boaventura de Souza Santos aponta algumas proposições nessa conferência, que seriam “as seis razões para pensar” às quais traremos ao texto de forma sintética, no encaminhamento da discussão que nos interessa nessa tese, já que a identificamos corroborando algumas (uns) das autoras (es) que já trouxemos anteriormente no texto. Seriam elas:

- Teríamos de redimensionar a noção de objetividade e neutralidade. “[...] nós temos realmente, de ser capazes de sermos objetivos sem sermos neutros” (SANTOS, 2001, p.18). Teríamos que narrar a realidade sem dogmatismos, deixando-nos surpreender com o que aparece no campo, afirmando, no entanto, de qual posição estamos falando, o que queremos mostrar, que mundo queremos fazer ver com nossa produção;

- Precisariamos substituir o “conhecimento heróico por um conhecimento edificante” (SANTOS, 2001, p.18), ou seja, assumir a responsabilidade pelo conhecimento que produzimos. Como sugere Haraway (1995), não podemos ser inocentes. Temos de narrar a realidade a fim de aumentarmos as possibilidades de entendimento do mundo em que vivemos – proposição que afirmamos na opção por essa diretriz de método ao escolhermos contar histórias que “contam”.

Diz Santos (2001):

As práticas sociais hoje são simultaneamente globais e locais. É preciso amplificar a inteligibilidade entre as diferentes práticas, entre o movimento indígena e o movimento das mulheres, entre o movimento negro e o movimento pacifista, entre o movimento ambiental, entre movimentos regionais, entre os movimentos de moradores e os movimentos homossexuais. O cientista social tem um papel crucial de, através da sua prática e do seu treino, não criar grandes teorias, mas permitir aumentar a inteligibilidade entre as diferenças: o que o movimento indígena tem a ver com o movimento ambiental, o que o movimento ambiental tem a ver com o movimento homossexual, ou com o movimento das mulheres. É esta inteligibilidade ampla que nós precisamos, porque estamos exatamente num processo em que o fechamento disciplinar fecha a inteligibilidade (p. 18 e 19).

- Porque precisamos lutar contra o “des-pensamento”, a fim de criarmos alternativas outras no mundo. Trazer a multiplicidade dos modos de existência para nos ajudar a pensar. Uma das possibilidades, defendemos aqui, seria, como diz Stengers (1989), povoar o mundo com histórias, muitas histórias;

- Além de pensar, temos que abrir espaço para o sentir, “[...] nós temos que criar formas de pensamento que sejam mais acolhedoras às emoções, ao corpo, aos afetos, aos sentimentos. Isso também é uma grande dificuldade para o conhecimento em que fomos treinados” (SANTOS, 2001, p. 20), proposição marcadamente familiar, no entanto, a uma Gestalt-terapeuta, como apontado em alguns momentos de nossa escrita, embora concordemos não ser uma prática simples nem facilitada no mundo em que vivemos;
- A não abertura para formas mais ricas de leitura do mundo, que incluam os aspectos apontados aqui e tantos outros mais, acarreta riscos no conhecimento que produzimos, o resultado pode ser perverso, por mais lúcidas que sejam nossas lutas. “A ciência moderna é um bom exemplo desse risco porque a ciência moderna desenvolveu uma enorme capacidade de ação, mas uma péssima capacidade de previsão das suas conseqüências” (SANTOS, 2001, p. 21);
- Por fim, precisamos nos responsabilizar pelo conhecimento que produzimos sem o terceirizarmos, delegarmos a outros, deixar que pensem por nós. Pois na produção do conhecimento, por tudo o que já apontamos aqui, sempre haverá tensão e faz parte da produção desse tipo de conhecimento, ficarmos com ela.

Entendemos que a riqueza do pensamento de Santos aqui só foi tangenciada, mas conversamos com ele de outras formas na tessitura desse texto: quando nos colocamos questões sobre as relações de formação do aluno de psicologia contemplando a apreensão de muito mais do que a freqüência das atividades curriculares numa graduação; quando afirmamos que espaços de cuidado podem e devem fazer parte desse espaço acadêmico de formação, um cuidado não dado de antemão, mas co-construído em formas possíveis; na inclusão da escrita da pesquisa como parte do ato de pesquisar, enfim, tantas e tantas modelações em pensar junto com ele e tantos outros... E gostaria de trazer parte do parágrafo final de sua conferência, ressonância que se faz potente no ato dessa escrita,

Penso que esta pergunta [Por que pensar?] nos põe uma exigência internamente contraditória: temos que pensar, mesmo que a experiência do pensamento não coincida com a experiência da vida. [...] Temos que nos preparar, realmente, para que haja descoincidências entre o pensar e o agir. E pensar que é precisamente por isso que é tão importante pensar o agir, como pensar o pensar [...]. O que significa que a capacidade de fazermos coisas diferentes pressupõe a nossa capacidade de sermos pessoas diferentes (SANTOS, 2001, p.23).

E no rastro do que nos remete essa pergunta me vem a questão formulada por Despret e Stengers (2012) no livro *As fazedoras de histórias* o que as mulheres fazem ao pensamento?. Pois sou uma mulher que, junto a muitas outras mulheres pesquisadoras, ligadas a universidades, preocupadas com o conhecimento que estamos produzindo e especialmente como o estamos produzindo e registrando em nossos textos, tornamos público, lançamos ao mundo o nosso fazer.

Afirmamos no início desse texto, contar histórias como uma diretriz de método dessa tese, uma forma de fazer pensar o pensamento por outras vias, legítimas, objetivas, um outro fazer acadêmico. E penso que em nosso grupo de pesquisa estamos fazendo algo, estamos marcando um lugar, uma forma de fazer, um fazerCOM, e como pressupõe todo fazer relacional, mobilizadas sempre com muitas questões, muitas incertezas. Como afirmar essa forma de fazer ciência numa academia tão vinculada a um modelo de fazer ciência tão tradicional? Como afirmar nosso fazer em nossas escritas? Questões que entendemos ser inerentes a pensar o pensamento. Porque muitas vezes nos aprisionamos em formas conhecidas de dizer e fazer.

Ao não estarmos atentas a essas diferenças de orientação metodológica, corremos o risco de perdemos muito de um saber local, situado (HARAWAY, 1995), saber que nos parece muito mais constrói nossas vidas cotidianamente. Como observa Perls (1981), uma das principais referências da abordagem gestáltica que orienta nosso fazer clínico, os conflitos se estabelecem quando a pessoa não dá conta claramente de suas necessidades e, em decorrência, não pode satisfazê-las, não enxergando muitas vezes o óbvio. Pensamento atualizado por Spangenberg, com o qual concordamos, que “[...] consideramos a la neurosis como una forma de ser y estar en el mundo y no como una enfermedad que se tiene” (SPANGENBERG, 2006, p. 18). Ou seja, se refere a repetição, cristalização de uma forma de relação no mundo, proposições do que, num referencial diagnóstico do comportamento caracterizaria um neurótico, não abrir espaço para ver aquilo que está aí, o que acontece. Só ver o já visto, só fazer o já feito, estabelecido, numa sucessão de repetições, estreitamento de uma vida. Ao transpor essa diretriz de pensamento para uma forma de fazer pesquisa, pensamos numa estruturação do conhecimento que não vê o que se dá no cotidiano, o que está aí, pequenos

acontecimentos que são tidos como menores, não validados como “eruditos”, dignos da produção de um conhecimento acadêmico.

Penso que o que produz as questões que atravessam nossas pesquisas, a expressão acadêmica de nosso pensar, são perguntas performadas no que eu chamaria aqui de uma “vida vivida”, aquela que vivemos cotidianamente, desde as ações mais corriqueiras como os afazeres domésticos, o cumprimento de exigências burocráticas, as relações que estabelecemos, os filmes aos quais assistimos, a literatura com a qual nos deleitamos, os jornais que folheamos, a troca de saberes num encontro fortuito numa mesa de bar. Como também, sim, a leitura de textos clássicos e literários, das teorias nas quais nos engajamos e dos inúmeros artigos que lemos e escrevemos ao longo de nossa produção docente e discente. Isso é claro, para identificarmos alguns dos fios que tecem nossas pesquisas, não negando a certeza de que, possivelmente, existam muitos outros. Porque a vida nos traz questões, nos engaja em movimentos de elucidação das mesmas e nos faz fazer.

Quando invisibilizamos o cotidiano, toda essa rede de conexões presentes, estamos corroborando uma forma de fazer ciência, de leitura de mundo que constroem nosso corpo de pesquisadora. Uma forma perpetuada por uma ciência dos “homens brancos de olhos azuis”, onde eles, os donos do saber, recolhidos nas torres de seus castelos acadêmicos, à distância das “contaminações” de uma vida mundana, nos dizem o que deve ou não constar numa produção “séria”, científica, digna do respeito de nossos pares. E assim a vida se esvai nas brechas dessa construção, e, como nos lembra Estamira⁶³, em suas lúcidas observações e elaborações do viver, continuamos repetindo, repetindo, repetindo...

Essas são algumas das questões que se apresentam ao nosso grupo de pesquisa *pesquisarCOM/ UFF*, quando nos reunimos em roda, em volta de uma mesa na sala de nossa orientadora, sob os pilotis em tempos de ocupação da universidade, ao redor da mesa de restaurantes em nossos almoços. Um cotidiano onde pensamos e repensamos nossas formas de fazer ciência, de narrar nossas

⁶³ Referência a personagem Estamira, 2004, um documentário sobre a vida de uma catadora de lixo do Rio de Janeiro, diagnosticada como esquizofrênica que durante a película nos presenteia com várias *pérolas* de sabedoria, por exemplo, ao se referir à precariedade do atendimento nos Postos de Saúde Pública que frequenta, denunciando que os médicos nem olham para ela, não a tocam, “só repetem, repetem...” a prescrição de seus medicamentos.

pesquisas, de escrever nossos artigos, e como um de seus efeitos, orientam o fazer dessa tese.

HISTÓRIA SETE: CONTAR (NOS) COMO UMA FORMA DE CUIDAR: VERSÕES DE UMA CIÊNCIA QUE SE FAZ NO FEMININO

Érika, me diz uma coisa... algumas pessoas tem uma idéia, até cristalizada, que a UERJ por ser uma universidade tão... construção de cimento, concreto aparente né, parece assim, muito fria. E que por sua arquitetura vertical não ofereceria muitos espaços de convivência... Tem meio que um mito de que a UERJ, não sei se é um mito, talvez seja uma expressão indevida essa, mas assim, não é incomum eu ouvir dizer "Aí, mas a UERJ é tão fria, não é?", "A UERJ é um lugar tão árido!". Você tem essa percepção como estudante desse espaço, tem essa marca?

Erika: Não!

Eu: Aqueles corredores longos, rampas, não te passam isso?

Erika: Eu estudei na UFRJ e a minha experiência de recepção tanto em relação às pessoas quanto ao ambiente lá, era de estar muito mais isolada do que jamais estive aqui.

Eu: É mesmo?

Erika: Eu acho que aqui eu sempre fui muito mais bem acolhida! Lá, talvez, lá tivesse uma diferença do espaço com os profissionais, porque diferente da psicologia que é uma coisa muito solitária, eu acho que as pessoas não se encontram muito, não conversam muito, não se esbarram muito...

Eu: As pessoas, os professores?

Erika: Os professores, os professores! Lá não, quando a gente é estagiária a gente fica em um laboratório, a gente fica horas com outra pessoa no laboratório (de Biologia), às vezes o dia inteiro, no dia que não tinha aula eu ficava de 8 a 5 horas!

[...]

Eu: Ah!

Erika: Então, tinha um espaço de... a gente saía para almoçar com os orientadores, tomava café da tarde com os orientadores, né! Viajava, trabalho de campo que ficava dez, quinze, vinte dias viajando com os orientadores. Então assim, dentro do laboratório até tinha um outro espaço, mas em turma eu não me senti tão bem. Acho que aqui eu fui muito melhor acolhida. Então assim, a UERJ, ela é cinza, é esquisita, mas ela também é aberta eu acho que... Acho que colocaria abertura como uma de suas características... (fragmentos de entrevista, 2015).

Contar histórias: uma forma de fazer ciência

Nessa tese trabalhamos com algumas (ns) autoras (es) que performam uma forma diferente de fazer ciência. Trazemos para a nossa escrita a colaboração de Stengers (1989) ao nos contar de Barbara McClintock, cientista fervorosa na área de embriologia, onde desenvolvia estudos sobre células do milho. Barbara foi desprezada por seus colegas cientistas masculinos, embora Stengers aponte que deveria ser indicada ao prêmio Nobel. Embora essa cientista não se colocasse excluída na valorização de seu trabalho pelo fato de ser mulher, penso que não

podemos excluir esse elemento de nossa leitura, não como um determinante, mas como um dos atores dessa rede de construção da ciência. Além disso, Barbara McClintock interrogou de maneira absolutamente diferente o material pesquisado. Defendia como necessário que deixássemos o material falar, seguir suas conexões, encaminhamento no campo de pesquisa diferente daquele que coloca o homem como aquele que coloca as questões e busca comprovar hipóteses de antemão levantadas para serem comprovadas:

[...] o milho estudado por McClintock é o produto de histórias emaranhadas, a história de sua reprodução, a de seu desenvolvimento, a de seu impulso no campo onde se depara com o sol, o frio, os insetos predadores, etc... Os cientistas têm, a propósito do milho, não que acumular observações neutras, mas que aprender dele que questões indagar-lhe, pois o milho é, como todo ser histórico, um ser singular. E dizer “o milho” já é dizer demais, para Barbara McClintock cada grão aberrante devia ser compreendido em si mesmo não como representante “do” milho, mas naquilo em que, justamente, é diferente (STENGERS, 1989, p. 429).

E nos vem à lembrança a fala de Marina em um grupo do GAPsi, que, embora já a tenhamos trazido anteriormente, consideramos que, ao nos atravessar na escrita, ela tem seu lugar: “Acho que faltou falar dessa interação, eu aprendi aqui o como a gente pode ser diferente, e o como o diferente atrai também, o como consolida os sentimentos, leva a gente a refletir.” (Fragmento de diário de campo da pesquisa 2013-2017.) Como já o dissemos anteriormente, as narrativas nessa tese não entram como exemplo do que falamos, elas se/nos conectam ao que estamos pensando no ato da escrita e uma fala nos conecta a múltiplas formas de pensar.

Essas narrativas são carregadas de detalhes, de descrições do vivido, o que para uma produção científica que se oriente por um padrão tradicional pode parecer algo menor, dispensável! Afirmamos o inverso, para se produzir narrativas de pesquisa dessa forma, requer interesse, tempo, atenção nos pequenos/grandes acontecimentos que performam a vida.

Nesse texto, Stengers invoca a imagem do pesquisador como um caçador. Suas práticas o identificariam como um “caçador de matilha”, prática dominante entre os pesquisadores da academia, que implicaria na valorização da rapidez, uma prática que vai buscar semelhanças, generalizações, portanto, redutora de singularidades. Uma outra forma de caçar seria a prática do “caçador solitário”, esta requer tempo, paciência, perspicácia, atenção às filigranas dos acontecimentos.

Essa forma de caçar afirma singularidades e, para Barbara McClintock, seria uma prática de se fazer ciência a fundo.

Reconheçamos, portanto, que sua falta de prestígio não se dá apenas por ser uma mulher cientista, mas também pelo que ela coloca em pauta, ou seja, que “se pode aprender com o milho”. Não somos nós os *expertises* do milho, eles sim o são. Por isso, precisamos nos colocar disponíveis e curiosos às questões que os milhos nos colocam, “sua escolha foi feita por uma ciência no singular, e tal escolha é difícil tanto para homens quanto para as mulheres” (STENGERS, 1989, p. 429). Uma ciência que se faz no mapeamento dos processos, em seus agenciamentos, que interfere e sofre interferência do objeto de pesquisa. Uma ciência que não se faz “sobre” o outro e sim “com” o outro, aprendendo com ele, com nossas práticas, o que implica em partilhar saberes, em negociação de fronteiras. E como Quadros (2011) pontuou tão bem em sua tese, o pesquisador se colocar no campo nesta perspectiva implica em riscos, à possibilidade de nos surpreender, pois não sabemos o que lá vamos encontrar e que efeitos se desdobrarão em nós. Pesquisar é experimentar e registrar interações.

Tratamos de fazer uma “ciência no feminino” num número temático da revista *Pesquisas e Práticas Psicossociais* da Universidade Federal de São João del Rei (LAPIP /UFSJ), onde mais uma de nossas parceiras do grupo de pesquisa na época, Fátima Queiroz , professora dessa universidade foi uma das organizadoras. No editorial do número temático “O PesquisarCOM e o feminino na ciência”, um dos efeitos de um grupo de trabalho (GT) afinado a essa proposição de pesquisa que apresentamos no “VI Simpósio Nacional de Ciência , Tecnologia e Sociedade – ESOCITE”, de 2015, no qual tive a alegria de participar contando parte da pesquisa que compõe essa tese e, posteriormente, na escrita de um artigo que compôs essa publicação⁶⁴, essa conexão fica bem explicitada,

A articulação ciência-feminino-pesquisarCOM inspira-se, principalmente no que nos propõe Stengers ao trazer a trajetória da cientista Barbara McClintock como interlocutora para desenhar esse modo de fazer ciência que se produziu num cenário de muitas tensões as quais Bárbara precisou resistir, transgredir ao estabelecido e, sobretudo, confiar na escolha que assumira (QUADROS; MORAES, 2016, p. 6).

⁶⁴ Assinalado no Apêndice D.

Voltando ao artigo “A ciência no feminino”, referência importantíssima para nossas reflexões, ao final dele Stengers nos convoca a resistir solidária e explicitamente à essa forma de fazer ciência que exclui, que nos exclui, que nos deixa, e ao campo de pesquisa, invisíveis naquilo que o constitui como singular, como diferente e que denomina então como uma “ciência no feminino”.

Entendemos ter nos aproximado dessa forma de fazer ciência durante todo o texto, ao deixar o campo falar em múltiplas narrativas, ao trazeremos para a escrita nossas afetações, registros de memórias, fazendo falar um corpo-pesquisadora em suas mediações. Nos termos aproximado à forma de pesquisar de um “caçador solitário’ por nossa diretriz metodológica e por todas as lutas travadas ao fazer ciência numa academia onde o discurso dominante ainda é o “do macho”, aquele que Haraway (1995) identifica como o do “homem branco de olhos azuis”. E no rastro daquilo a que essa forma de pesquisar nos convoca, coloco para o leitor alguns elementos desse fazer, inspirada por Saramago numa epígrafe do livro *Ensaio sobre a cegueira* (SARAMAGO, 1995),

HISTÓRIA OITO: “SE PODES OLHAR, VÊ. SE PODES VER, REPARA”⁶⁵

Verônica entra na faculdade sem ter certeza se quer a psicologia como profissão. Tem cuidado ao falar, ouve mais, observa, observa, observa. Pesquisa, pesquisa, pesquisa. Se sente deslocada quando sabe de suas companheiras tão decididas, se compara a elas, se sente menor. Diz o quanto foi sofrido escolher psicologia, sempre fica na dúvida se está fazendo a escolha certa. Tem vontade de interromper o curso, trancar a matrícula um semestre. Como dizer á família? Constrangimento. Medo. Lá se vão alguns dias. Recebo um email dela se desculpando, foi selecionada para estagiar no GAPsi e, constrangida, comunica a decisão de não ocupar a vaga e trancar o curso. Surpresa, conta que falou para os pais e que eles a apoiaram na decisão. Leveza no tom. Quase posso ver a beleza de seu sorriso. Digo que não tem do que se desculpar, que essas bifurcações fazem parte do caminho. Desejo sorte! Palavra esquisita, penso agora. Sorte nada tem a ver com isso. O que tem a ver? Também não sei. Arrisco algumas pistas: respeitar o movimento, afirmar as dúvidas, aceitar as contradições. Ouvir. A si e ao outro, pois como diz Remen, “Ouvir é como a chuva... (2008, p.191)” No início do semestre seguinte, 2015.2 Verônica voltou, me enviou um e-mail dizendo disso e foi ao primeiro GAPsi do semestre (história fabulada, 2016).

E mais nos diz Bianca:

Está com a avó doente á qual é muito próxima. Sente-se muito angustiada [...] se arranha! Eu sinto que preciso me controlar para conseguir viver a minha vida [...]. Eu sinto que há dois meses eu estou me enganando e enganando ao mundo que está tudo bem. [...] me sinto muito sozinha”. Sabe que pode pedir ajuda aos familiares que eles a vão acolher, mas não está conseguindo fazer esse movimento (fragmentos de diário de campo da pesquisa, 2013-2017).

Assim olhamos essas histórias, acolhendo-as, olhando o que podemos ver, partilhando-as nos grupos e em nossas escritas, aprendendo com elas e, como um de seus efeitos, elaborando essa tese. Ao escutar a fala de Rebeca ao final de um grupo, “Engraçado, ao falar aqui a minha dor parece que divide, fica menor”, me veio uma frase de Ariano Suassuna lida por mim há poucos dias, “O amor da humanidade é assim, nasce do amor do próximo⁶⁶”. Ariano, uma referência

⁶⁵ Aqui tomo emprestada a expressão de Saramago, marcando, no entanto, o sentido da palavra *Ohar* como: prestar atenção; sondar; examinar; estar voltado para; ocupar-se de (<https://www.dicio.com.br/olhar/>, visitado em 4 de junho de 2017).

⁶⁶ Fala retirada da palestra de abertura do Festival da Juventude, em 10 de maio de 2013, em Vitória da Conquista, BA (<https://www.youtube.com/watch?v=QVb1OtBCqU0>, visitado em 20/4/2017).

nordestina, escritor, poeta e um contador de histórias de minha terra, histórias tantas, história minha...

E me vem a lembrança também Haraway (2008) em carta a seu pai, onde relembra sua relação de aprendizagem de um fazer quando narra a história dos cães de Jay Sisler, chamando atenção para o fato de que a história deles não acaba em seu registro. No caso da discussão central desse texto de Haraway, o questionamento mais amplo acerca do excepcionalismo humano diante da concepção naturalizada de que só eles não poderiam ser mortos, aponta questões importantíssimas na construção de nossas histórias de conhecimento, sempre parciais. Procurei trazer para esse texto e meu pesquisar a concordância com sua sinalização de que nosso processo de conhecimento possui uma historicidade, que suas marcas são “locais” e que, se não as fazemos *vistas*, repetimos uma história de dominação. Ela reforça a importância de contarmos as histórias de nossas pesquisas, porque além de tornarmos o mundo mais rico, deixamos registros que podem ir muito além delas.

Ao pensar o tema dessa tese, as práticas de cuidado na graduação em psicologia e após ler Haraway (1995; 2008) e Bellacasa, me pergunto se o GAPsi, em si, já não se constituiria numa delas?

O pensar, enquanto ato situado no mundo, demanda reconhecer o modo como nos envolvemos na perpetuação dos valores dominantes, ao invés de retomar a posição de um *outsider* iluminado e com mais conhecimento. Com este espírito, não tenho a intenção de encenar um confronto com as noções convencionais de cuidado. Em vez disso, vou seguir trabalhos feministas precursores, [...] a fim de articular uma visão não-idealizada do cuidado [...] (BELLACASA, 2012b, p. 198)⁶⁷.

E mais, se nesse sentido, a escuta associada tradicionalmente a uma prática de cuidado, introduzida no cotidiano da graduação não seria, então, além de uma prática de cuidado, um ato de amor, no sentido trazido por Haraway (2008)? Ato de olhar e ver, e quando ver, reparar...a mim e ao próximo.

⁶⁷ No original: “Thinking in the world involves acknowledging our own involvements in perpetuating dominant values, rather than retreating into the secure position of an enlightened outsider who knows better. In this spirit, my intention here is not to stage a confrontation with mainstream notions of care, but rather, following feminist precursor work [...] to articulate a nonidealized vision of care... (BELLACASA, 2012b, p. 198).

Ao afirmar, e o faço! Que a escuta e o olhar se configuram em exercícios privilegiados de aproximação de quem *estou sendo* ou de uma forma de existência potente de desdobramentos, não a aceito como a única prática de cuidado ou a primeira para todas as situações. Essa, no entanto, foi a que me fez fazer um projeto de extensão, em seu rastro alguns artigos e apresentações de trabalho em eventos relacionados ao tema e essa tese.

Olhar e ver, olhar e reparar nos grupos do GAPsi como a porta de entrada para a apresentação de quantas forem as existentes no momento. O início por essa forma se deu pela minha familiaridade e conhecimento desse tipo de relação com as espécies companheiras⁶⁸: o olhar, o escutar, a disposição das cadeiras em posição circular que possibilita a visualização de todos os presentes no grupo, o silêncio da sala fechada *para o mundo de fora*, inclusive dos corredores da universidade. Essa aproximação do campo é apenas uma das formas de conhecimento por mim elaboradas até o momento, a mais cultivada, talvez, exercício de um ofício. Não quero, no entanto, cair na armadilha do “copiar”, quero utilizá-la como uma das muitas “espécies companheiras” de trabalho, não a única. Quais as outras? Continuaremos descobrindo acho, trabalho constante de encantamento dos dias...

Ao colocar-me assim perante o campo, reconheço, em mim, uma posição ainda não inteiramente apaziguada. Embora a afinidade com essa diretriz de método e a convivência com parcerias tão instigantes tenham me alimentado a vida de forma bastante significativa nesses últimos quatro anos, ainda titubeio em alguns momentos diante da diferença em seus encaminhamentos. O que dizer no texto, o que cabe, o que não? Titubeios presentes no ato da escrita dessa tese. Minha formação inicial como pesquisadora se fez num modelo de pesquisa mais clássico que pregava que deveríamos confiar e alicerçar nossos *achados* de pesquisa no que poderia ser comprovado e reproduzido para outros campos. Vejam bem, essa expressão já nos aponta para o lugar de um pesquisador que não se deixa afetar, deve procurar e *achar*, algo que está fora dele, não o inclui. Formação que brigava com um outro campo de atuação/pesquisa, a clínica sob uma orientação gestáltica, que valoriza a configuração e reconfiguração constantes da experiência vivida como prerrogativa atualizadora de nossos modos de existência.

⁶⁸ Para Haraway, “espécies companheiras” são aquelas que nos constituem, uma categoria permanentemente se fazendo, uma categoria-pergunta, que insiste na relação como a menor categoria de ser e de análise (HARAWAY, 2008a).

Talvez o convívio com essas versões diferentes e muitas vezes contraditórias de leitura do mundo tenham se constituído num “mal-entendido promissor”, como nos diz Despret (apud MORAES, 2010), ou seja, o que num primeiro momento se constituiu como obstáculo, me permitiu buscar gradativamente um outro caminho de pesquisa. Um caminho de pesquisa acadêmica que “respeita”, no sentido usado por Haraway (2008), o que não é facilmente visível aos olhos: os desencontros, o que é jogado para *debaixo do tapete* no campo da pesquisa. Um caminho que credita o pesquisador como um dos atores do campo, disponível para afetar e ser afetado, que entende a pesquisa como uma construção *com* o outro e não *sobre* o outro, que vê o ato de pesquisar como caminho e não como fim. Nesse sentido penso que talvez faça sentido o não apaziguamento, talvez ele nunca se dê, porque a vida se faz fazendo, e sua escrita, também.

No rastro deste fazer nos ouvimos/contamos em encontros quinzenais de uma hora e meia aproximadamente, espaçamento de dias que em alguns momentos se faziam bem maiores dado as paralisações por greves, ocupações e as férias regulares do ano letivo. Após nossos encontros a equipe do projeto de extensão conversava sobre o grupo, a princípio ligeiramente, e escrevíamos posteriormente os diários de campo. Alternávamos em uma semana os grupos e na outra nossos encontros de equipe do projeto onde discutíamos os diários em função do que nos mobilizara e de encaminhamentos para o grupo frente a isso. Algumas das modificações em nosso trabalho se desdobraram desses encontros: restringir os grupos aos alunos de graduação do IP/UERJ; propormos grupos temáticos a partir das falas recorrentes de algumas alunas (os); a seleção de novos estagiários que era feita com a participação de toda a equipe; a proposição de fazermos um grupo semi-aberto; a participação em eventos e a escrita de artigos.

E aqui se faz importante ressaltar a riqueza da escrita dos diários de campo para nós, uma forma de registro num primeiro momento nova para mim e para todas ali. Aos poucos fomos pegando o jeito, nos colocando no texto para além do registro dos fatos e descobrindo no próprio ato da escrita o que essas falas nos contavam, delas (deles) e de nós. O diário de campo entrou como uma forma de registro de pesquisa que inclui não só a anotação das falas dos alunos como também as percepções e afetações sofridas pela equipe, já que, como já apontamos anteriormente, acreditamos, seguindo a inspiração metodológica do pesquisarCOM, somos todos atores numa pesquisa. O diário de campo, sustenta Fravet-Saada

(2005), é uma aventura pessoal. Fico pensando que um trabalho ao qual nos conectamos, no qual somos afetados, sempre o é! Talvez o registro dessa aventura num diário de campo sim, a amplia, porque a escrita conecta mundos e vivê-la produz múltiplos efeitos. Nesse sentido, penso que a escrita do diário de campo, assim como o fizemos, foi uma aventura pessoal que não se restringiu a uma individualidade, e sim nos conectou a um “nós” no sentido trazido por Haraway (2002). O da criação de uma memória, no sentido anteriormente ressaltado, ou seja, aquelas configuradas a partir do vivido e não a partir de estereótipos. Um nós que não permite que caiamos a repetir uma fala de “lugar nenhum”, uma fala que generaliza e que pouco ou nada nos diz da realidade. O “nós” ao qual nos referimos nessa tese se refere ao grupo que compõe o GAPsi, eu como coordenadora do projeto e estagiárias, alunas(os) do IP/UERJ, acompanhadas pelo grupo de pesquisa pesquisarCOM, onde estudamos, problematizamos e nos apoiamos na construção dessa forma de fazer pesquisa.

Olhar, ver, reparar e nomear

Uma das questões sobre a qual nos deparamos ao marcarmos esse “nós” se refere à inclusão das participantes da pesquisa, como nomeá-las? Talvez convidadas, mas essas seriam personagens passageiras; sujeitos? Não estaríamos colocando-as num lugar de assujeitamento? Parceiras, coautoras? Assim problematiza Ferreira (2014) em carta ao Comitê de ética em pesquisa, onde nos ajuda a pensar políticas de pesquisa em psicologia no livro “Cartas para pensar políticas de pesquisa em Psicologia”.

Em breve resgate da história do encaminhamento das pesquisas em psicologia, lembra de que “um dos sinais de qualidade de uma pesquisa estava associada ao modo como ocultaríamos nossos objetivos evitando influenciar os pesquisados” (FERREIRA, 2014, p.118). Com o aparecimento dos Comitês de ética em pesquisa, em 1996, a questão do anonimato continua nos colocando num lugar de autoridade em relação ao assunto pesquisado. Ora, se justamente precisamos das (os) pesquisadas (os) na composição de nossas pesquisas, quem seria afinal o *expertise* ali? E se o reconhecemos em nossas pesquisas como autoras, parceiras,

o que justificaria continuarmos mantendo o nome dessas (es) participantes em sigilo?

Recomendo a leitura da carta de Ferreira a quem se interessar por essas questões, com certeza irão se beneficiar bem mais das discussões levantadas pelo autor do que dos apontamentos de sua argumentação elencados acima. Estas se inserem no corpo dessa narrativa para a introdução de algumas inquietações que nos acompanharam em relação à identificação, ou não, das alunas participantes da pesquisa.

Num primeiro momento preferimos não nomeá-las numa escolha por preservá-las de possíveis exposições dentro da instituição, afinal, algumas de suas narrativas poderiam ser encaradas como críticas a pessoas, lugares, relações. Ao compartilhar essas preocupações no grupo de pesquisa fui questionada sobre se não estaria, ao assim fazê-lo, afirmando a não-condição de avaliação dessas implicações por parte delas, me colocando, assim, numa relação assimétrica. Penso que talvez sim, embora não o desejasse e o dissesse, literalmente, a cada início de grupo, que ali era um espaço onde elas poderiam escolher o que e como se colocar, agindo no intuito de estimular e acolher a circularidade do saber. Dividi com o grupo minha preocupação com o fato de que algumas participantes, muito novas, iniciantes na universidade, seriam, de fato, inexperientes quanto às peculiaridades das relações institucionais e que talvez não estivessem em condição de assumir responsivamente essa escolha. Pesquisar muitas vezes nos coloca em encruzilhadas, resolvi apostar por cuidar o máximo possível da não exposição das alunas.

Durante esses anos de doutorado, ao apresentar nosso trabalho em eventos, congressos e artigos utilizamos o artifício de nomes de flores, onde cada uma tinha o nome de uma flor escolhida pela inicial de seu nome – uma decisão tomada em equipe que mantivemos até o momento.

Mas o artifício é um atalho, pode nos aproximar ou desviar do caminho. A questão me acompanhava, especialmente ao entrar em contato com parcerias preocupadas com o caráter situado da produção do conhecimento e da multiplicação de histórias como rejeição do anonimato impingido a muitas, com a produção de um conhecimento mais inclusivo.

Nesse movimento, pensei na possibilidade de dividir essas questões com as alunas cujas narrativas “nos” contam nessa tese. A utilização dos nomes das alunas (os), além da assinatura dos termos de consentimento esclarecido foi com elas discutido em encontro específico onde lhes foi colocado o tema da tese, a diretriz metodológica, lhes mostrado o material no qual eram identificadas (os) e lhes perguntado sobre a questão da inclusão de seus nomes no texto, o que foi devidamente respeitado. Me surpreendi com a receptividade e alegria com que essas questões foram recebidas. Todas quiseram que seus nomes fossem usados e, ao dizer do interesse em ler a tese posteriormente, brincaram com o fato de que iriam se “tornar famosas” e que até poderiam se citar posteriormente. Agradei-as, emocionada, pela parceria nesse percurso. E me lembrei de minha orientadora quando pontua que a vida universitária nos traz muitas alegrias. Sim, ali vivi algumas.

O período onde esse contato foi realizado, no entanto, final da escrita da tese – só a partir daí teria noção de que narrativas a comporia – coincidiu com o final do semestre letivo do IP/ UERJ. Diante disso, nem todas as alunas compareceram a essa reunião. Contactei-as, então, por email, onde expliquei o objetivo da pergunta, a diretriz de método usada e anexei um arquivo com as falas que apareciam na tese. Atravessamentos do campo. Vale registrar que nenhuma negativa se deu e que algumas das devoluções de alunas que não mais freqüentavam o grupo há algum tempo e até já se tinham formado novamente me encheram de alegria. Trago para o texto algumas delas: “Autorizo sim o uso de meu nome. Fiquei muito feliz em ler a pesquisa, me trouxe lembranças muito boas, fiquei com o coração ‘quentinho” (Manoella); “Primeiramente eu queria dizer que me deixa muito feliz participar de alguma forma desse trabalho...” (Suellen); “Claro que autorizo [...] Foi engraçado e ao mesmo tempo impactante, retomar essas falas. Agradeço por ter proporcionado um espaço de confiança onde consegui dá voz a essas questões” (Verônica).

Essa, para mim, se fez uma ação não mais formal e sim de cuidado. Esse encaminhamento se deu como efeito do entendimento de que essa pesquisa só aconteceu, em muito, pelo que elas (es) nos contam e que, como senhoras(es) da experiência, seriam as (os) mais balizadas (os) a opinar sobre sua identificação ou não no texto, numa tentativa de minimizar a assimetria nas relações de pesquisa. Apesar de não entender essa tese como um trabalho de denúncia, fazer circular a responsabilidade de colocar suas narrativas no mundo fez sentido para mim. Não

coloco essa ação, inocentemente, como solucionadora desses atravessamentos do campo de pesquisa. Como diz Ferreira (2014), a própria condição da pergunta, do contrato, coloca deslocamentos nessa relação. Alguns dos que podemos rapidamente identificar nesse trabalho: o de ser, a pesquisadora, também professora dessa instituição; a do projeto de extensão/trabalho se constituir em nosso campo de pesquisa... Mas os atravessamentos fazem parte da pesquisa, da construção do conhecimento, o delimitam, o expandem, o performam. E assim seguimos.

Versões de histórias: uma política de escrita

Na feitura dos diários de campo, bem como na tese, e imagino que isso já tenha ficado claro para a leitora/leitor, trazemos para o texto, além do registro dos fatos, nossa experiência, a narrativa daquilo que nos acontece, que nos passa (BONDÍA, 2002). Ao priorizarmos esse lugar na narrativa, caminhamos no rastro de Vinciane Despret (2012)⁶⁹ priorizando as versões. Despret, nesse texto, trabalha na distinção entre duas figuras de tradução, a diferença entre tema e versão. O tema se referiria à busca de uma forma de tradução que visa a fidelidade de leitura da realidade. Remeteria sempre a uma mesma história e pode ser rechaçada. A tradução por versões se ligaria a uma forma de leitura particular, que nos engaja e que implica em escolhas, o que mobiliza uma multiplicidade de sentidos, “A versão cultiva divergências e estas bifurcações, de maneira controlada – mas como se diz que andar é uma maneira controlada de cair” (DESPRET, 2012, p. 234). Ainda nesse mesmo texto, aponta que Eduardo Viveiros de Castro assinala que traduzir implica sempre em se equivocar, “é comunicar por diferenças” – que tanto podem se dar por parte daquele que se expressa quanto por parte daquele que traduz.

Pensamos que a leitura do que se passa tanto em mim como no outro se configuram como uma tradução do vivido, e como já dito anteriormente nesse texto, o vivido não se reproduz! Procuramos, portanto, ao trazer as falas das alunas, não pensar *como* elas, mas estar *com* elas, as acompanhando nas versões possíveis a

⁶⁹ Aproveito a oportunidade para agradecer a generosa contribuição do prof^o Ronald Arendt ao traduzir este verbete para fins de nosso estudo, propiciando aqueles que não dominam a língua francesa, melhor acesso ao pensamento da autora.

cada momento. Essa forma de construir uma narrativa implica em caminhar *com*, nos pequenos acontecimentos, nas negociações que se fazem lá e cá - elas e nós. O trabalho de tradução em versões, portanto, implica em fabulação, em lidar com a aceitação de que existem muitas versões que podem estar abafadas e que ao escolhermos uma, estamos falando de um “nós” que se estabelece ali, no ato da escrita, nas conexões que se fazem nesse ato de criação aqui e agora.

Ao trazer em seu estudo a interrogação sobre se os chipanzés conheciam o luto, Despret (2011c) nos aponta, mais uma vez, numa constante expansão de formas de olhar o mundo e fazer ciência, a necessidade de problematizar o que nos faz pensar que somos tão diferentes deles, os chipanzés? Penso eu, para as versões possíveis de se lidar com a morte, neles, os chipanzés e em nós, os humanos. Nos inspiramos na elaboração dessa tese, a, nos rastros desse fazer, experimentar nos dizer de outra forma, nas práticas de cuidado das alunas de graduação em psicologia, pois

Traduzir, segundo o modo da versão, conduz, portanto, a multiplicar as versões e os possíveis, a tornar perceptíveis mais experiências, a cultivar equívocos, em suma, fazer proliferar histórias que nos constituem como seres sensíveis, ligados aos outros, e afetados. Traduzir não é interpretar, é experimentar equivocções (DESPRET, 2012, p. 239).

Trabalhar com versões, nos diz Despret, deixa as coisas menos simples, inclusive e especialmente, pensamos, na redação de nossos textos, na redação de uma tese. Colocar no papel o que nos afeta no percurso da pesquisa implica em um tipo de conexão não familiar à academia, quiçá à vida, como a vivemos nos dias atuais. Uma vida da qual muito falamos, mas será que a ela nos conectamos?

Para começar o grupo a coordenadora pediu para que os alunos fechassem os olhos e pensassem no que aconteceu durante esse ano, em suas experiências, e que após pensarem dessem uma cor, uma forma, uma sensação, um sentido a elas. A partir dali, cada participante deveria pegar uma folha e lápis de cores de sua preferência (espalhados no chão da sala) e, ao invés de traduzir verbalmente o que pensaram, traduzirem nos desenhos.

[...]

Juliana: “Me senti uma artista (risos), as pessoas conseguiram perceber o que eu queria dizer, elas captaram aquilo que eu queria dizer.” Conta Juliana surpresa por ter se expressado tão bem de uma forma não verbal.

Rebeca: “Eu senti um “bum” de surpresa, de choque. Me fez pensar da influência das pessoas sobre mim.” (Fragmentos de diário de campo de pesquisa, 2013-2017)

Segundo registra Vianna, Sánchez-Criado e Gomez-Soriano (2008), em comunicação no III Simpósio Internacional sobre Análise do Discurso (Belo Horizonte, UFMG), discutindo a questão das emoções e afetos em Despret:

É esse conceito de *afeto* - a emoção como a efetiva interlocução do sujeito com o seu entorno - aliado ao conceito de *versão* - a multiplicidade de formas de conhecimento e modos de vida que surgem quando nos permitimos (especialmente nós, investigadores) ser afetados - que dá a Vinciane Despret as ferramentas necessárias para colocar sob suspeita o discurso de uma ciência purificada, objetiva (VIANNA; SÁNCHEZ-CRIADO; GOMEZ-SORIANO, 2008, p. 5).

Um afeto que se dá, como o entendemos, não apenas como reação mas como interconexão, interdependência, o que nos leva a fugir das dicotomias, por exemplo, ele/nós e da busca de universalidades. As conseqüências, portanto, do que sugere Despret, segundo esses autores, é produzirmos um conhecimento no qual sejamos afetados, “apaixonados” e não distanciados dele, distanciados do mundo.

Ao falarmos em afetação, não podemos deixar de trazer a essa narrativa a contribuição, para nossa reflexão, de um artigo clássico escrito por Fravet-Saada (2005), antropóloga voltada para o estudo das emoções que questiona o fato da antropologia estar enredada nos aspectos intelectuais da experiência humana e coloca como urgente “[...] reabilitar a velha “sensibilidade” (FRAVET-SAADA, 2005, p. 155). A diretriz metodológica por nós utilizada se inspira no método etnográfico o que implica um trabalho de campo onde pesquisador e pesquisado estão em constante relação. Como diz Uriarte (2014), “O método etnográfico consiste num mergulho profundo e prolongado na vida cotidiana desses Outros que queremos apreender e compreender” (p. 4).

Na pesquisa que desenvolveu sobre feitiçaria no Bocage Francês, Fravet-Saada diferencia a condição de “ser afetado” de outras duas concepções conhecidas a que nos remetemos, com freqüência na academia, ao nos referirmos a um tipo de mobilização que inclui pesquisador/pesquisado nos trabalhos de campo:

a observação participante e a aproximação empática. Identificar uma intervenção como observação participante, diz ela, é uma figura de linguagem, um “oxímoro”, para não assumir a valorização da observação como primordial no trabalho de campo, ou seja, a tendência a menosprezar a fala local, ou identificar a intervenção como empatia, pelo entendimento da tentativa de se colocar no lugar do outro, ou como “comunhão afetiva”, as duas concepções que ela aponta como sendo as mais usadas, possuem em comum a proposição de que podemos nos colocar no lugar do outro. Nenhuma delas informa os afetos dos outros, “Como se pode ver, todas essas confusões giram em torno de um ponto comum: a desqualificação da palavra nativa, a promoção daquela do etnógrafo [...]” (FRAVET-SAADA, 2005, p. 156). O lugar de ser afetada para a autora consiste na condição de aceitar um tipo de comunicação, de troca, que não passa pela intencionalidade e que não se restringe ao verbal e que nos coloca em risco perante o que se dá a conhecer.

Como se vê, quando um etnógrafo aceita ser afetado, isso não implica identificar-se com o ponto de vista nativo, nem aproveitar-se da experiência de campo para exercitar seu narcisismo. Aceitar ser afetado supõe, todavia, que se assuma o risco de ver seu projeto de conhecimento se desfazer (FRAVET-SAADA, 2005, p.160).

Foi no rastro do que essa concepção de apreensão do vivido na pesquisa nos fez fazer que, após a leitura dos diários de campo, ao me sentir especialmente afetada por uma história contada, desdobrava o contato com a aluna que a contara e perguntava da possibilidade de fazer uma entrevista. Todas rapidamente aceitaram e foram muito disponíveis para essa forma de encontro. Queria ouvir-lhes mais, um pouco mais de suas histórias, de suas escolhas, como viviam, que práticas de cuidado experienciavam na graduação em psicologia dessa universidade, pois, como diz Maria Puig de la Bellacasa, “nada vem sem seu mundo” (2012b, p.198).

Ali, mais uma vez nos debruçávamos sobre o tema do cuidado na graduação em psicologia, as alunas se sentiam cuidadas? Como, onde, que práticas? Apesar de ter um pequeno roteiro de encaminhamento (vide Apêndice A), seguia a entrevista pelos caminhos das narrativas que ali se faziam. Essas entrevistas aconteceram todas elas em salas do SPA do IP/UERJ. A maioria em nossa sala, a mesma onde aconteciam os grupos do GAPsi, apenas duas foram realizadas em outra sala pois no horário combinado, outra professora ocupava nossa sala com atividades acadêmicas. Essas entrevistas complementavam a apreensão da história

contada anteriormente no grupo, lhe davam forma, nos faziam acompanhar as dobras do viver.

Law (2011), em interessante reflexão no texto “Assembling the Baroque”, convoca o Barroco para pensarmos nosso conhecimento do mundo, diretamente ligado ao método a ser utilizado. Diz ele que, se utilizarmos os métodos identificados tradicionalmente como científicos, orientados por um modelo de fazer ciência positivista, perderemos os elementos que saem do “*script*” e que, acreditamos, podem redesenhar toda a pesquisa: as errâncias, os desvios, as dobras, como nos traz ele no texto citado. E, mais importante, deixando de narrar essa constituição, estaremos ratificando a idéia de um mundo “perfeito”, linear, passível de controle. Um mundo que pode ser apreendido em sua totalidade. Ele aponta alguns elementos que, assim como no Barroco, penso, nos interessam particularmente em nossas práticas de pesquisa: o Barroco reconhece coisas diferentes, que passam por uma dimensão de transcendência, que pertencem a um mundo que é extraordinário, que não se encaixam na mundaneidade, por exemplo; o Barroco mobiliza leituras mais emocionais que racionais.

Em nosso entendimento, atentar para tais aspectos nos faz performar um tipo de ciência muito mais abrangente. Portanto, a perspectiva do Barroco seria um recurso interessante ou uma metáfora para a legitimação da produção de outro tipo de conhecimento – no GAPsi, por exemplo - aquele que se faz, como nos diz ele, nas “dobras do manto de Sta. Teresa” que, com seus artifícios fazem desaparecer a divisória interior-exterior, claro-escuro, enquadramentos metafóricos na elucidação do conhecimento que aparece. O artifício da dobra separa dentro e fora e, ao mesmo tempo, desfaz essa separação e, principalmente, para o que nos interessa nessa reflexão, nos faz apreciá-la como condição de entendimento. Um entendimento que se faz muito mais pela apreensão da realidade através dos sentidos que pela abstração. Esses elementos por si só possibilitam, talvez, modos de existência que reconheçam mais facilmente a alteridade. Será que estamos interessados em incluí-los na construção do conhecimento produzido na academia?

Simbine (2015), parceira querida de nosso grupo de pesquisa, aponta em sua dissertação de mestrado que a escuta no ofício do psicólogo teria a amplitude de conectar mundos, o que com tanta maestria, aliás, nos fez conectar através de

seu sotaque moçambicano, de seu sorriso e na narrativa das histórias de sua terra. Será que a graduação em psicologia do IP/UERJ se propõe a essa amplitude?

Juliana: Primeiramente, eu compartilho o como a prática de parar para orar e ler a bíblia é uma forma de cuidado que encontrei para me revitalizar [...]

E Ingrid comenta que também participa desses momentos de estudo bíblico: “[...] orar pra mim não é somente me conectar a uma divindade, mas que, durante a oração, eu falo, e que essa é uma forma de organização minha e de compreender a mim mesma (fragmentos de diário de campo de pesquisa, 2013-2017).

A aceitação das diversas versões de mundo nem sempre são absorvidas sem tensão:

Rebeca: Isso, da minha crença religiosa, eu acho que eu fui, durante o curso assim, por algumas pessoas eu me senti ofendida nisso, em algumas discussões. Algumas eu consegui me colocar e consegui falar que aquilo me ofendia e que eu não achava que era assim, outras eu deixei pra lá, porque eu achei que não compensava muito ficar discutindo, e eu acho que isso me intrigava, a noção de que só algumas pessoas poderiam ter liberdade, a sensação que eu tinha era isso. A gente tá garantindo liberdade de expressão, mas é só pra alguns e ela me parecia seletiva, porque quando eu queria me expressar parece que não era pra mim, então eu acho que isso me fazia não me sentir assim como parte às vezes do grupo... (fragmento de entrevista, 2016).

Por vezes, no fluxo do movimento de escrita dessa tese conectei escutas, olhares, memórias e muitas outras presenças na redação de algumas histórias fabuladas que trouxe no decorrer do texto. A fabulação consiste em contar e recontar histórias dando-se a ver as conexões ainda não vistas com seus desdobramentos, inquietações, lacunas, improvisos, criação. Na escrita ela se dá a partir de “um ponto comum”, da identificação de algo que surge da relação como importante e, a partir disso, se faz uma história. Daí a importância de se contar histórias. Elas ampliam a leitura do mundo, porque “o fluxo passa por nós, mas, é claro, não fica em nós” (DESPRET; STENGERS, 2012, p. 27). A escrita de histórias, inclusive das histórias de nossas pesquisas, multiplica mundos.

Trago uma fala de Mia Couto em que discute as concepções de pessoa e indivíduo na África e que pode nos ajudar a conectar a importância do fabular para a formação de uma pessoa, diz ele “[...] a ideia de pessoa em África tem origem

diferente, e percorreu caminhos diversos da concepção europeia⁷⁰ que hoje se globalizou. Na filosofia africana cada um é porque é os outros. Ou dito de outro modo: eu sou todos os outros” (COUTO, 2011, p. 81).

Ao fabularmos damos visibilidade às conexões, inconscientemente, responsabilmente, negando-nos à proteção da ilusória inocência. Porque o ato de fabular afirma a evocação de nossas experiências, não como um patrimônio pessoal, mas como reveladoras de um “nós”, o que o configura numa dimensão política, a de fazer uma ciência encarnada. A fabulação nos coloca ativos na pesquisa, conecta sentidos, reproduz mundos. Fabular é narrar algo a partir do que nos passa, nos acontece. Nenhum comprometimento com a "verdade", todo o comprometimento com o vivido!

A multiplicação de narrativas aponta para uma nova maquinaria de construção do conhecimento, tanto por assumir a heterogeneidade dos sujeitos, dos objetos e de suas relações, como também por explicitar um processo de seleção da parte de quem narra e, portanto, por situar o narrador, cuja presença se evidencia pela parcialidade de sua escolha em meio à heterogeneidade (CUKIERMAN, 2012, p. 9).

Essa proposição de multiplicação de narrativas encontra-se fortemente pontuada por autoras engajadas em estudos feministas da ciência, algumas delas parceiras durante o período do doutorado e na escrita desse texto, dentre tantas, Haraway, Despret, Stengers, Butler e Bellacasa. Esta última, em seu interessantíssimo texto intitulado “Nada vem sem o seu mundo” (2012), desdobra sua escrita numa releitura de Haraway, elucidando muitos dos parâmetros norteadores dos estudos feministas. Estudos que deixam, a meu ver, especialmente para o que nos interessa, duas marcas importantes: a ênfase na multiplicidade de histórias e o tema do cuidado.

Ao contarmos muitas histórias estamos cuidando da inclusão das múltiplas formas de existência, do enriquecimento de formas de apreendê-la, de como são registradas em textos advindos dos mais variados espaços e, muito especialmente, nos “templos do saber”, as universidades. É lá que produzimos artigos que ganham o mundo, é lá que “formamos” profissionais multiplicadores desse saber. O cuidado está diretamente relacionado, portanto, ao deslocamento do lugar de “um” saber

⁷⁰ Conexão com o significado da palavra “pessoa” em latim, *persona*, que tem a ver com máscara.

para a afirmação de muitos - sem perder, no entanto, sua objetividade. Uma objetividade que, já o dissemos anteriormente, se afirma em outros pilares, como a produção de um conhecimento situado,

A afirmação de que o conhecimento é situado significa que conhecer e pensar são inconcebíveis sem um coletivo (multidão). Coletivo que também torna possível a existência dos mundos com que pensamos. A premissa do meu argumento pode, portanto, ser formulada da seguinte maneira: relações de pensamento e conhecimento requerem cuidado (BELLACASA, 2012b, p. 198).⁷¹

O conhecimento situado requer uma tomada de posição daquilo que escolhemos mostrar em nossas pesquisas, em nossos escritos. É um conhecimento que cuida da relação dos elementos (humanos e não-humanos) que estão presentes na rede, “cuidar de alguma coisa ou de alguém é, inevitavelmente, criar relação” (BELLACASA, 2012b, p. 198), para que eles sobrevivam. Um cuidado que obedece a bases ontológicas e não morais (BELLACASA, 2012b; MOL, 2008a). E isso não é simples, requer, por exemplo, a apreensão de nossa condição de interdependência e o engajamento em trabalhos que sustentem mundos interdependentes, e atuar seguindo esse caminho num mundo orientado por padrões de cuidado individualizantes e hierárquicos, como aquele no qual nos encontramos, se apresenta como tarefa árdua. Coloca-nos a proposição de pensar-com (HARAWAY, 2008), com pessoas e coisas, o que faz o pensamento mais denso, um pensamento que acrescenta camadas e camadas de leitura possíveis, e o torna, no nosso modo de ver, muito mais interessante. Como aponta Bellacasa:

“E” é a palavra predominante aqui – mais que “ou”, “de outro modo”, “de preferência”. A escrita situada, implicada e sedimenta a dificuldade de folhear, generalizar os argumentos, especialmente quando a escrita é intencionalmente atormentada por obstáculos ao desafio do reducionismo, o dissecar de redes de parentesco que compõem um mundo (2012b, p. 201).⁷²

Trazendo para o que faço, penso que a aproximação com esse “fazer/escrever-com”, sim, o digo aproximação por reconhecer-me ainda iniciante

⁷¹ No original: “That knowledge is situated means that knowing and thinking are inconceivable without a multitude of relations that also make possible the worlds we think with. The premise to my argument can therefore be formulated as follows: relations of thinking and knowing require care.” (BELLACASA, 2012, p. 198)

⁷² No original: “Situated, implicated and grounded writing makes it uneasy to skim through, or generalize the claims, especially when writing is deliberately plagued by obstacles to challenge reductionism, the dissection of the webs of relatedness that compose a world.” (2012, p. 201)

nessa prática, aproximando-me, em alguns momentos, fazendo-o de forma incorporada para mais a frente me perder nas armadilhas de outro fazer, experiência que, na sua fluidez de movimentos só reitera o encantamento por ocupar outros lugares possíveis, acompanho essa dança na quebra de padrões estabelecidos, meus, das alunas (os), da instituição, em nossas parcerias. Uma dança nas formas de cuidar. Cuidar não como negação ou apaziguamento das diferenças, mas como composição com elas. Para tanto, Bellacasa aponta uma diretriz fundamental de referência para nossas práticas, o cuidado com o que produzimos. Cuidado que se traduziria numa forma de amor nas relações com os outros, em nossas pesquisas, em nossos escritos – marcar o cuidado nessas interconexões ou estabelecer nas conexões, a marca do cuidado.

Espero ter conseguido deixar claro no decorrer do texto o encantamento que essa diretriz de método me traz na construção do pensamento, nos rastros seguidos na pesquisa e na escrita dessa tese, ciente, no entanto, lembrando o que disse Brum (2014), que contar uma história é muito e é pouco, é o possível - creiam, contar a história dessa tese, para mim, assim o tem sido!

HISTÓRIA NOVE: O ENCANTAMENTO DOS DIAS...

O mundo é salvo todos os dias por pequenos gestos. Diminutos, invisíveis. O mundo é salvo pelo avesso da importância. Pelo antônimo da evidência. O mundo é salvo por um olhar. Que envolve e afaga. Abarca. Resgata. Reconhece. Salva.

Inclui.

Essa é a história de um olhar. Um olhar que enxerga. E por enxergar, reconhece. E por reconhecer, salva (BRUM, 2014, p. 22).

Assim Eliane Brum inicia mais uma de suas crônicas, ali onde o cotidiano não nos deixa ver, nos embrutece ante as vidas que nos passam narrando a história da relação entre a professora Eliane Vanti e o andarilho Israel Pires e sua fome de estudos, de afago, de um olhar que lhe afirmasse, reconhecesse enquanto digno dele. E, ao se ver reconhecido, Israel perseguiu esse olhar e se espelhou nele. Um olhar que da professora, se expandiu para outros olhos, para uma classe, pelas ruas de pedra do vilarejo. E a professora que vivia entristecida, se sentindo sozinha, “[...] depois que se descobriu no olhar de Israel, ri sozinha e chora à toa. Parou de reclamar da vida e as aulas viraram uma cantoria. A redenção de Israel foi a revolução da professora” (BRUM, 2014, p. 25).

Ensaiar a escrita: exercício de liberdade

Ao me pegar em dúvida sobre trazer ou não Eliane Brum e pensando sobre o estilo de escrita que tenho adotado, me cai nas mãos dois artigos de Bondía, filósofo e educador que tomo como parceiro de pensamento em alguns momentos de minha trajetória. Bondía, no artigo “A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida”⁷³ (BONDÍA, 2004), aponta o que nos faz o contato com alguns outros, no caso desse artigo, Foucault, fazendo um balanço dos 20 anos de convivência com seu pensamento. A partir dele, afirma, nos tornamos *maiores*.

Ler essa afirmação logo de início em seu texto me toca, especialmente nesse momento de encaminhamento para o fechamento desse trabalho. E como efeito, ao ler e reler essa tese, prática de feitura de uma narrativa encarnada, muitas emoções

⁷³ Texto apresentado como palestra de encerramento no Seminário Internacional Michel Foucault: perspectivas, realizado em Florianópolis, em setembro de 2004, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

me atravessam. Me identifico com a marcação de Bondía em relação a Foucault, me sinto *maior*, de fato, chegando ao fim desse doutorado, ampliação de horizontes, embora me tenha acompanhado por outras parcerias.

Ao trabalhar no texto sua aproximação com as idéias de Foucault e a influência em sua forma de escrever, Bondía nos diz: “[...] preparei a minha participação nesta reunião, na qual eu já não sei se faço um balanço da obra de Foucault ou um balanço de mim mesmo” (BONDÍA, 2004, p. 31). E pontua os entrelaçamentos presentes em nosso modo de viver e escrever a pesquisa e tantos outros pensamentos. Onde trabalho no texto o pensamento de um autor e a partir de que momento o conecto ao meu? Como me distanciar no processo de uma escrita encarnada? Ele nos traz uma discussão que, embora a relacione ao pensamento de Foucault, nos remete a uma política de pesquisa no fazer uma ciência no feminino, como já apontamos antes e sua política de escrita.

Ele inicia, a partir de então, uma discussão acerca da escrita em forma de ensaio: “Não tanto sobre a forma do ensaio, mas sobre a operação do ensaio, sobre o que acontece ao pensamento quando ensaia, e à escrita, e à vida; sobre porque, às vezes, o pensamento e a escrita e a vida ensaiam, se fazem ensaio” (BONDÍA, 2004, p. 32). Discussão extremamente pertinente ao que fazemos em nossos escritos no grupo de pesquisa, me parece. Um ensaio surge ante a possibilidade de uma nova experiência ressalta ele, uma experiência que dá o que pensar. Entendo, dentro de uma forma de pensar gestáltica, que isso inclui o passado enquanto lembrança e o futuro enquanto possibilidade, mas é uma forma de escrita performada aqui e agora, no presente, e isso não é simples, diga-se de passagem.

Aí está a magia e o talento do ensaísta, nesse olhar afinado que lhe permite prestar atenção àquilo que habitualmente passa despercebido, ao detalhe, mas que, ao mesmo tempo, consegue que esse detalhe apareça sob uma nova perspectiva e que se amplie até o infinito, que expresse todo um mundo e toda uma forma de habitá-lo e, ao mesmo tempo, o estranhe até torná-lo inabitável (BONDÍA, 2004, p. 35).

E nisso o reconhecimento tão próximo ao que fazemos em nossas narrativas, tão afirmador de uma política de escrita para a disseminação de nossas pesquisas! Ficar com o que aparece, com o que nos afeta – e trazê-lo para o processo de escrita. E ao dizer da pesquisa dizer tanto de nós, em alguns momentos na primeira

pessoa e em outros em um “nós” que nos conecta a tantos outros. No ensaio nos expomos, e por isso ensaiamos, na experiência e na forma de registrá-la, a escrita.

Mas justamente sobre ser essa a forma que se estabelece, uma escrita híbrida entre filosofia e literatura, é que, na academia, diz ele, um lugar de “escrita pensante”, o ensaio muitas vezes é relegado a um lugar menor.

Reenamorar o pensamento: conexão com o sensível

Em artigo anterior, Bondía (2003), um crítico de práticas de educação engessadas, já trata das modalidades de leitura e de escrita privilegiadas pela academia, trazendo o ensaio como um modo de escrita, como uma forma de saber e pensar que é excluído dela, problematizando-a. No desenvolvimento de seu pensamento, chama nossa atenção para o quanto desenvolvemos mecanismos de assujeitamentos ao continuarmos reproduzindo esse fazer na academia, enfraquecendo-nos e super-valorizando outros saberes, formas de escritas e suas línguas. E traz Maria Zambrano⁷⁴ para a discussão,

Ante essa violência, afirma Maria Zambrano, a vida fica humilhada e se vinga rancorosamente. Para Maria Zambrano, a razão não deve dominar a vida, deve enamorá-la, e são justamente as formas de escrita com capacidade de enamorar a vida, quer dizer, de capturá-la e dirigi-la desde dentro, as que desapareceram (BONDÍA, 2003, p.105).

Me sinto tocada especialmente por essa fala que me remete a pensar o que me faz fazer essa tese tantos anos depois de terminado o mestrado. No rastro do que Zambrano me traz, penso que precisava enamorar-me, melhor dizendo, reenamorar-me do pensamento, da vida acadêmica em todos os seus desdobramentos. Porque, novamente o afirmo, a instituição pode nos endurecer!

Reenamorar-me numa forma de fazer e dizer, como as das políticas de pesquisa e escrita do pesquisarCOM, por exemplo, conectando-as com uma prática

⁷⁴ Filósofa e escritora [espanhola](#). Foi a primeira mulher a ser agraciada com o [Prêmio Miguel de Cervantes](#) (1988). Mais uma mulher fazendo história, ou criando caso?

clínica há muito incorporada e que, por certo, também se reencantou, conexão que se faz na inclusão de pensamentos e práticas.

Para o autor, o ensaio traz a confusão das fronteiras criadas entre “ciência, arte e filosofia”. Por ser um gênero de escrita híbrido coloca em xeque os mecanismos de controle e a ilusão da pureza.

E me vem à lembrança, quando falo de enamoramento, de fronteiras criadas, do encantamento dos dias, um texto de Despret (2011d), em que ela trata de emoção e ciência. Nele, Despret nos convida a pensar o tema das emoções e sua relação com a ciência de forma articulada à política, às relações de poder. Para tal, utiliza como referência de interlocução o trabalho da etnopsicóloga Catherine Lutz sobre as emoções nos habitantes da ilha Ifaluk, com o propósito não só de trazer um olhar diferente e sim de tornar visíveis coisas que, para nós, se perdem na cotidianidade da vida. A autora nos propõe, então, para apreendê-la, “pensar nos contrastes” (DESPRET, 2011d, p. 30). Desde o início do texto Despret, portanto, chama a atenção, mais uma vez, para a atenção na contextualização de nossos estudos, de onde se vem, de onde se fala, na marcação de um fazer “situado”.

Lutz logo de início situa o interesse pelo estudo das emoções como objeto de pesquisa como um dos efeitos da tomada de consciência dos movimentos feministas da década de 1970. Até então, esses estudos eram realizados pela ótica do masculino, e as emoções, relacionadas às mulheres, à irracionalidade, considerado como algo menor:

Isso vai levar nossa antropóloga a querer dar uma nova orientação a suas pesquisas: ela quis encontrar um campo de pesquisa que lhe permitisse colocar esta associação “mulheres-emoções-características desvalorizadas” à prova: encontrar-se-ia uma associação similar em uma sociedade mais igualitária? (DESPRET, 2011d, p. 32).

E procura, para desenvolvê-lo, uma sociedade na qual o oposto, a expressão aberta das emoções para os homens fosse uma norma, articulando “[...] um projeto de pesquisa, um projeto político e um projeto pessoal” (DESPRET, 2011d, p. 32). A conexão da história pessoal numa pesquisa, penso, pode se fazer numa articulação ético política que produz movimento naquilo que nos faz fazer. E ela logo percebe as contradições próprias da vida social daquela comunidade: o casamento, a herança e afiliação eram matrilineares e os conflitos presentes eram geridos sem violência.

O apontamento das contradições presentes nessa comunidade me fez lembrar, por exemplo, a fala de Rebeca lá atrás, em relação a sua escolha religiosa, que nos remete às nossas próprias contradições. Defendendo a universidade como uma instituição laica, como nos colocamos frente à diversidade de orientações religiosas? Somos uma universidade pioneira no sistema de cotas, será que temos uma política de inclusão que, de fato, funcione na prática? Questões que nos acompanham.

Voltando a Lutz, a partir daí, então, a pesquisadora vai modificar suas próprias motivações de pesquisa, numa torção que reconstrói o problema, ao invés de procurar soluções entre “outros”, voltar-se para um “nós”, para sua própria cultura. Lutz, em entrevista a Saraiva e Bastos (2007), diz que seu trabalho com a antropologia das emoções foi influenciado pelo feminismo e viu que a antropologia psicológica que ela conhecia não estava preocupada com os preconceitos implícitos às teorias que usávamos. E diz ter percebido que o poder “mascarado” e seus significados, contrastes e vulnerabilidades sempre lhe despertaram interesse e vê como um dos efeitos de seu trabalho, a busca por alternativas à nossa, assumindo explicitamente sua dimensão política. No momento da entrevista se dedica a estudar e compreender a forma de pensar da elite americana e sua compreensão e influência no resto do mundo.

A torção realizada por Lutz nos estimula a aprender com as questões que aparecem. Nem eu as coloco, nem eles, os outros, elas são performadas na relação que se estabelece no campo de pesquisa, no “entre”. “Em outros termos, o “de onde eu venho”, que no regime da reflexividade se define como uma medida de precaução – e uma cura para o etnocentrismo – transforma-se naquilo que se deve construir, aprender e colocar à prova” afirma Despret (2011d, p. 33).

De certa forma, nosso trabalho se coloca no curso dessas questões. De onde viemos, a que isso nos convoca e o que aprendemos com ele, pois como já o disse Lutz em artigo anterior (1988), citado no texto, o mundo emocional da pesquisa vai interessar tanto quanto o da cultura pesquisada. Pois quando um ifaluk fala de suas emoções, ele não o faz num âmbito individual, fala do contexto relacional no qual ela emerge, o que mais uma vez reforça as relações de poder presentes em sua marcação.

Precisamos atentar para os atores que performam essa marcação e suas contradições:

Porque, na análise, não podemos esquecer que nossas concepções das emoções são frequentemente habitadas por contradições espantosas. Assim, podemos dizer de nossas emoções que elas são “a vida” e valorizá-las, pois elas são o núcleo mais autêntico da pessoa, mas, ao mesmo tempo, somos capazes de considerá-las como aquilo que faz “com que não sejamos mais nós mesmos” devendo, portanto, serem controladas. As contradições são múltiplas (DESPRET, 2011d, p. 36).

Aqui identificamos uma versão da emoção similar à de Bondía (2002), “como aquilo que transborda”, como “o que nos acontece”, versão que adotamos no decorrer de nosso trabalho como orientação de experiência e um dos elementos que nos faz-fazer – na pesquisa, na escrita e na vida.

Será que a academia, nos moldes em que a estamos vivenciando, oferece espaço para lermos e escrevermos segundo esses parâmetros? Talvez, mas muito caminho há a caminhar. Daí a importância de continuarmos a fazê-lo. Pois, assim como o ensaísta é aquele que ensaia, que não coloca o texto como pronto, nós também podemos fazê-lo! Um ensaio se faz, bem como uma tese, em movimento.

A querida leitora (or) deve estar se perguntando por que colocar aqui essa discussão. Essa é uma tese, não um ensaio, por certo. Penso que o que me fez trazê-la foi querer afirmar o uso de uma narrativa híbrida, no caso dessa tese, a contação de histórias, lembrando Despret quando nos diz que a ciência moderna perdeu seu encanto ao não mais contá-las, “pois as teorias são e fabricam histórias” (DESPRET, 2016, p. 9). Contar histórias para nos reencantar e à ciência. Foi a possibilidade de ensaiar outras formas narrativas em minha escrita, a quebra de fronteiras de uma escrita acadêmica em seus moldes tradicionais, na tentativa de aproximá-la o máximo possível a uma “vida vivida”.

Pergunto: É... me diz uma coisa Letícia, você foi estagiária bolsista durante um tempo no GAPsi. Eu queria que você falasse um pouco do que foi essa experiência para você... de como você vê esse projeto e da tua experiência nele.

Letícia: É... eu acho que eu fiquei bastante tempo no GAPsi, fiquei dois anos e acho que foi o primeiro lugar que motivou minha mudança em me colocar nas coisas. E antes do GAPsi eu tinha muita vergonha de falar, tipo agora eu teria muita vergonha se fosse antes. E hoje eu já me sinto mais confortável. Lá eu tive a experiência de me apresentar, ir a palestras e ver como as pessoas se apresentavam e ter a experiência na prática de apresentações. Me fez perceber que eu podia de alguma forma ultrapassar esse obstáculo. Que eu podia continuar sendo uma pessoa tímida, mas que podia também falar, me colocar, dar minha opinião sobre as

coisas. Então o GAPsi foi o primeiro lugar que me motivou a querer sair, ir pra uma mudança (fragmentos de entrevista, 2016).

E mais nos diz Maria Adriana:

[...] E aí durante a formação muita coisa se mostra que você não tem contato lá fora, só pra quem realmente faz a graduação em psicologia passa a enxergar, e aí você vai modificando que a psicologia não é somente a clínica também, então é, assim, muita coisa muda nesse meio tempo, você passa a ver as psicologias né, porque todo mundo que tá aqui fala, não existe uma psicologia, existem psicologias, as psicologias. Ai você passa a ver isso, aí a partir daí sua vida vai se transformando...

Então pergunto: E como foi perceber isso? Como você experienciou isso?

Maria Adriana: Isso pra mim ao mesmo tempo que foi me dada uma abertura, ela te mostra muitas possibilidades e ao mesmo tempo você pode até ficar confuso nessas possibilidades, só que a sua vida às vezes vai se encaminhando para um lado... para uma dada área da psicologia, pela sua necessidade de vida pelo seu próprio gosto, pelo descobrimento que você vê novas coisas e acaba se interessando. Então isso para mim assim, ao mesmo tempo que foi muito bacana ver que não se restringe apenas a uma dada área, ela gera uma certa angústia, o que até já foi discutido algumas vezes, que o estudante de psicologia chega um certo período que, meu Deus, para onde vou, o que é que pelo menos muita gente que participou do grupo tinha essa mesma questão assim, entendeu, essa abertura de possibilidades ela é ótima, ok, mas ao mesmo tempo ela te traz uma angústia de ficar “O que eu vou fazer, para onde vou seguir, o que vou escolher”. Então assim, pelo menos nas vezes em que vim no grupo e eu tinha muito essa angústia dentro de mim de querer uma coisa assim, mas poxa, tô me definindo, mas o que eu vou fazer com esse monte de coisa que eu tô vendo na minha frente? Eu acho que a faculdade em si, a graduação em psicologia, tem um pouco disso sabe, de dar uma certa angústia (risos) de para onde ir. Então essas experiências né, que eu tenho com essas psicologias...

Eu: Você diz que foi um pouco isso que te trouxe ao GAPsi, me fala assim então do que foi o espaço do GAPsi pra você, do que foi vir aqui, já que você tá dizendo que foi um pouco em função dessa angústia que você procurou o GAPsi...

Maria Adriana: Então, esse espaço primeiramente foi de poder falar e ao mesmo tempo ver pessoas e não me sentir sozinha com essas questões. Pelo menos as pessoas enquanto eu frequentei aqui, elas tinham muitas coisas parecidas comigo nesse sentido, do futuro na psicologia, do futuro na profissão assim, sabe [...] pra mim eu acho que foi muito um encontro de pessoas...

Eu: Encontro de pessoas... é, esse encontro interferiu como na tua vida?

Maria Adriana: Ah, interferiu acho que, por exemplo, quando a questão tá com você e você tenta elaborar as vezes sozinha, estando você com você né, eu acho que é muito mais difícil do que você falar com o outro, e o outro falar pra você de novo. Então eu acho que o grupo interferiu pra poder eu acho que, elaborar um pouco melhor o que não tava claro. Eu acho que a outra pessoa às vezes enxerga algo que você falou, por exemplo, que você falou,

mas não sentiu que falou. Então eu acho que o outro puxa nisso. E eu acho que ao mesmo tempo que o outro fala, começo a enxergar coisas que também tava na minha vida mas que eu não tinha pensado, por exemplo nisso. Então, o grupo em si, ele me serviu pra isso entendeu, pra poder eu acho que, pra mim é uma expressão né, então a partir do momento em que ela se expressa acho que é muito mais tátil do que o pensamento que é tão abstrato. Então foi isso que o grupo me trouxe, o espaço me trouxe isso, tornar a coisa mais tátil, mais real nesse sentido (fragmentos de entrevista, 2016).

O encantamento de uma “vida vivida”

Letícia e Maria Adriana nos falam do que encontraram em nossos grupos, de demandas que estavam ali, sem espaço de escuta, sem espaço para a troca. Espaço pra viver uma vida que vai muito além das disciplinas cursadas, uma “vida vivida” no que nos acontece, no que nos passa e não apenas teorizada, olhada de sobrevôo. Essa expressão – “vida vivida” – como a leitora (or) pode notar, nos acompanha em todo o texto. Quero com isso marcar a valorização das ações cotidianas, do que nos é possível, aquelas absolutamente comuns e nem por isso indignas de serem vistas. Esse é um dos elementos que me faz atentar para “vidas que ninguém vê” (BRUM, 2014), que me coloca todos esses anos numa prática clínica, me faz desenvolver um projeto de extensão – o GAPsi e, por fim, esta tese.

Uma “vida vivida” porque do âmbito da experiência, daquilo que me passa no cotidiano, no encontro com a delicadeza dos pequenos/grandes acontecimentos que performam a vida e que, nesse movimento, me fazem redescobrir o encantamento dos dias. Redescobrir, descobrir outra vez, o mesmo no diferente, no outro - pessoas e coisas - numa circularidade sempre presente no processo do conhecimento. Um conhecimento que se faz pelo olhar, por ver e reparar, na vida, na pesquisa e especialmente na escrita daquilo que apreendemos nesse processo, sem nos abandonarmos no ato deste fazer, porque nós pesquisadoras (es), também formamos e somos formadas (os) por aquilo que lemos e escrevemos. Nossas pesquisas e textos povoam o mundo. Fazer uma ciência de uma “vida vivida”, uma vida praticada, uma vida em ação nos aproxima daquilo que somos, em possibilidades e incertezas, e nos faz fazer mundos possíveis, diferente do que por vezes faz uma perspectiva acadêmica científicista: uma ciência purificada, e por isso mesmo, tão distanciada da vida em suas práticas. Nós, mulheres na academia, com

o que apreendemos, podemos continuar fazendo histórias, ou criando caso, se assim se fizer necessário, pois essa é a vida que vivemos.

HISTÓRIA DEZ: “TÔ AQUI PENSANDO: SE A GENTE QUER TANTO SER VISTO, POR QUE A GENTE SE ESCONDE?”

Chego à UERJ e vou direto à cantina do 10º andar comprar uma garrafa de água. Passo na frente da Xerox e, novamente, presto atenção em dois cartazes que pedem ajuda para Wallace, com uma foto colorida de um rapaz que me é familiar. Na semana anterior quis parar, perguntar, não o fiz. Pergunto as estagiárias na supervisão e elas me dizem ser um funcionário da xerox: saiu de casa e foi pego na moto por um carro que veio na contramão. [...]

Fico muito impactada: lembro dele, não é um ex-aluno, como pensei num primeiro momento, tantas vezes me atendeu, lembro de seu sorriso...

Burburinho no corredor, aos poucos os alunos que vieram hoje para o GAPsi entram na sala. Maria Adriana entra na sala, me beija e diz “Graças a Deus que vocês voltaram!” Ri, ri, pulula e senta. (é o nosso primeiro grupo depois das férias, ela veio a quase todos eles no último ano. Se diz uma adepta, uma entusiasta do grupo). Mobilizada ainda com a lembrança do cartaz começamos. Informo sobre o funcionamento do grupo, espaço de acolhimento do que estiver presente no momento, a liberdade de frequência, nossos encontros como se dão. Pergunto se alguém tem algo para trazer. Um tempo de silêncio, espera.

Peço para que escolham um parceiro, de preferência que não conheçam muito para fazerem um exercício em dupla: escolher um objeto na bolsa que lhes seja significativo e se apresentarem ao outro através dele. Depois de um tempo, voltamos para o grande grupo e peço para que nos apresentem o parceiro com aquilo que ficou de mais significativo na troca. A partir disso começamos a conversa: fez sentido a apresentação? Como se sentiram?

Diz Maria Adriana: Me senti vista! (ênfase) Que loucura né, sinto falta disso, alguém chegar e dizer “Como você está?”

Raline: “Eu preciso da opinião do outro sobre mim, preciso saber se o que eu passo corresponde.”

Arthur: “Dificuldade de falar de mim, mas gosto muito de trocar. Incrível como ela (a outra aluna com quem fez a dupla) pode dizer tantas coisas sobre o objeto que tem tudo a ver”.

Verônica: “Eu quero muito falar, mas não consigo, acho injusto com os outros. Falo, falo pra não dizer de mim, faço isso o tempo todo. Reconheci esse movimento aqui!

Vou interferindo através de comentários, afirmação do vivido, questionamento de julgamentos... Algumas falas do grupo, acolhimento, reconhecimentos...

Vamos fechando o grupo e aos poucos surge uma ideia de como fazê-lo. Maria Adriana pede a palavra: “Tô aqui pensando: Se a gente quer tanto ser visto, por que a gente se esconde?” Impacto profundo no grupo. Silêncio.

Surpreendo-me com sua capacidade de síntese do que vivemos ali. Digo isso pro grupo, sugiro então terminarmos com essa pergunta e deixar que ela nos acompanhe (fragmentos de diário de campo da pesquisa, 2013-2017).

FINALIZANDO COM MAIS UMA HISTÓRIA...

Não agüento mais viver nesse mundo!

Num dia lindo de outono, cansada, após ter trabalhado todo o final de semana no fechamento da tese, mas feliz por tê-lo feito e gostado do que fiz, chego cedo a UERJ. Vou trabalhar num espaço cedido por uma colega, o IP só abrirá à tarde, limitações desses tempos de luta! Final da manhã terminado o trabalho, agradeço o acolhimento, laços que se fazem no percurso de uma vida, em parcerias institucionais. Almoço e subo para o 10º andar, me encaminho a minha sala no SPA onde farei algumas reuniões com alunos e posteriormente a supervisão de estágio em Gestalt-terapia. Vem ao meu encontro um aluno e lívido me conta em voz apressada, professora, acho que alguém ta tentando se jogar do 12º andar, acho que é um rapaz, tem umas alunas gritando! Olho e só vejo uma aluna em pé lá no alto da rampa com as mãos cobrindo o rosto. Em frações de segundos penso, aflita, que não consigo chegar rápido ao 12º! Corro pelos corredores, que mais longos hoje me parecem, vou à direção e peço para a secretária ligar para o setor de segurança e avisar. Em cada andar ficam um ou dois seguranças rotineiramente. Em grande parte, atentos a essas situações, infelizmente cada vez mais freqüentes no cotidiano da instituição e orientados, nesses casos, a conter as pessoas nessa situação e encaminhar ao NACE, setor da UERJ do qual já falei anteriormente, que acolhe e encaminha essas pessoas a outros lugares para um atendimento específico. Recebemos a resposta que já estão sabendo e imaginamos que o movimento de encaminhamento será realizado. Ali ficamos comentando, eu, a diretora, a secretária, agitadas, quantos casos nos últimos tempos, precisamos olhar mais pra isso, ainda mobilizadas pedimos a um professor que está indo embora para passar lá e ver se pode ajudar. Logo a seguir entra pela porta uma professora que muito pálida nos diz, não era no 12º andar, era no 11º, na rampa logo ali, perto de onde estava dando aula (o curso de psicologia na UERJ funciona no 10º andar). Duas alunas viram e saíram rápido da sala e conseguiram ir lá e conter a menina já no parapeito fora da passarela para de lá se jogar. Era uma mulher, não um homem, como o aluno tinha me dito. Está preocupada, inclusive, com o impacto às alunas. E se não tivessem conseguido contê-la? Volto para minha sala, no corredor vejo um segurança vindo em minha direção, agitado, falando o tempo todo no rádio, chegando perto me diz, preciso de uma psicóloga! Me identifico e ele quase que me arrasta até o hall de elevadores, diz pouco, nervoso, diz que precisamos ir à sala da segurança, imagino que tem relação com o acontecido e o sigo. Para o elevador, se identifica e diz que é uma urgência, pede para todos descerem. Me surpreendo com o espaço que se abre em mim para o inusitado, nunca tinha vivido situação semelhante, sou só acolhimento. No corredor antes da sala da segurança, algumas pessoas, curiosos, três alunas das quais reconheço uma, como estou distanciada da sala de aula por estar fazendo o doutorado, reconheço poucas pelos corredores. Nos olhamos, nos olhos delas sobressalto, ansiedade, tristeza. Uma segurança mulher vem ao meu encontro e me diz que ela não para de dizer que vai fazer de novo! Entro, num primeiro momento identificação, digo um pouco de mim e fico sabendo um pouco dela, uma estudante de psicologia de

outra universidade de 24 anos. Aos poucos, aproximação, olho no olho, conexão, presença. No movimento, escuta: diz não agüentar mais, por que não pulou? Repete isso várias vezes, arrependida de ter atendido ao chamado das garotas. Por que a UERJ, pergunto em determinado momento? Porque é alto, me diz! Não quer viver nesse mundo: as pessoas estão cheias de medo, não se olham. A cobram ser igual à antes do “surto”, não consegue. Onde estão os amigos que ao invés de me acolher, riem de mim? Que mundo é esse? Não quero mais viver aqui. Já tentei outras vezes e vou tentar de novo, quero isso! Estou muito sensível, mas não consigo nem chorar, estou apática! [apatia que me pareceu possível efeito de medicação, alguns sinais de impregnação medicamentosa]. Me pergunta por que não a deixamos se matar? Respondo que porque, ali, nós cuidamos de pessoas, na psicologia e na instituição (ainda o fazemos, penso agora, apesar do que vivemos nesses tempos!). Pergunto se ela entende isso, se entende que não podemos deixá-la fazer isso? Ela para, olha pra mim um tempo, olhar sem vida, sem brilho, quase opaco que me fisga o coração e me diz bem devagar: entendo! Mediamos alguns contatos com quem a estava acompanhando há um tempo, psiquiatra e psicóloga e, claro, familiares. Depois, algum tempo ainda juntas, conversamos, saímos da sala um pouco pra ela respirar até a chegada de um familiar que, ao chegar, se responsabilizou pelo encaminhamento a realizar. Despeço-me com carinho, ela me pergunta se vou dar aula, digo que sim e caminho devagar em direção novamente ao SPA, coração apertado, tanto sofrimento, uma menina de 24 anos que não agüenta mais viver nesse mundo... Isso conta de nós!

Ao chegar em casa tarde da noite, exausta, após encaminhar as atividades acadêmicas com certa dificuldade, ainda muito mobilizada, ligo para a colega Laura Quadros, chefe do SPA no momento, para informá-la do acontecido. Ela me ouve com cuidado, me acolhe e no final da conversa chama atenção para o curioso das conexões: desenvolvo um trabalho de cuidado com alunas (os) universitárias (os), faço um doutorado sobre isso, quantos atravessamentos presentes! Não o tinha percebido. Fico alguns dias com isso, recolhida, conversando com os atravessamentos dessa história em mim, no que faço, nesse trabalho. Resolvo transformá-la em mais uma história da tese, na afirmação do que experimentar e contar histórias faz fazer, e isso é bem diferente de dizer ou ouvir falar.

Termino esta tese com essas narrativas, em que diferentes impedimentos de se dizer se fizeram figura e, dentre tantas outras presentes no texto, marcam o que nos faz fazer. Querendo com isso afirmar, mais uma vez, que a tese aqui colocada é a de que o conhecimento se dá a partir da experiência e que formar alunas (os) de psicologia vai muito além do que lhes transmitimos em sala de aula. E principalmente, que ensinar a cuidar implica, inexoravelmente, a cuidar, na prática. Um cuidar que se faz COM. Não existem formas dadas *à priori*, a encontrada nessa tese foi sendo feita, efeitos do olhar de uma Gestalt-terapeuta na graduação em psicologia do IP/UERJ e os atores envolvidos nesse processo. Um olhar que

acolheu o que se fazia figura e ninguém via e no que este olhar nos fez fazer, contar histórias de uma “vida vivida.” Contar histórias como uma forma de cuidar, da vida, da pesquisa e da escrita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACRI, G. d'; LIMA, P.; ORGLER, S. (orgs.). *Dicionário de Gestalt-terapia: "Gestaltês"*. São Paulo: Summus, 2007.

ADICHIE, C. *O perigo de uma única história*. Vídeo publicado no YouTube em 19/5/2012. 19,16 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZUtLR1ZWtEY> . Acesso em: 17/7/2017.

AGUIRRE, A. M. de B. et al. A formação da atitude clínica no estagiário de psicologia. *Psicologia USP*. São Paulo, v. 11, n. 1, p. 49-62, 2000.

ALEKSIÉVITCH, S. *A guerra não tem rosto de mulher*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ARALDI, E. *Das escolas e escolhas teóricas às políticas cognitivas: legitimando a experiência e a contingência na colocação do problema do conhecer e do conhecimento psi*. 2012. 132 p. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do rio Grande do Sul.

ARANTES, E; CONDE, H.; SCHEINVAR, E. UERJ viva. *Jornal do CRP-RJ*. Rio de Janeiro, n. 43, p. 6 e 7, maio de 2017.

ARAUJO, E. S. Um cuidado tecido em rede: versões de um atendimento clínico. 2015. 45 f. Monografia de conclusão de curso de graduação em Psicologia. Instituto de Psicologia. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

ARENDT, R. Aos prezados colegas da Comissão de Avaliação dos Programas de Pós-Graduação em Psicologia da CAPES. In: BERNARDES, A. G.; TAVARES, G. M.; MORAES, M. (orgs.). *Cartas para pensar: políticas de pesquisa em psicologia*. Vitória: EDUFES, 2014, p.107- 115.

BARRETO, A. P. *Terapia comunitária: passo a passo*. 3. ed. Fortaleza: Gráfica LCR, 2008.

BELLACASA, M. P. de la. *Feminist knowledge politics in situated zones: A different history of knowledge construction*. Paper uploaded em 2012a. Disponível em: <http://women.it/cyberarchive/files/puig.htm> . Acesso em 10/12/ 2015.

_____. 'Nothing comes without its world': thinking with care. *The Sociological Review*. London, v. 60, n. 2, p. 197-216, 2012b.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo, n. 19, p. 20-28, jan/abr. 2002. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/275/27501903.pdf>. Acesso em 15/10/2011.

BRUM, E. Entrevista ao programa *Sempre um Papo*. Belo Horizonte, 29/10/2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SeeojASScDo> . Acesso em 21/8/2016.

- _____. *A vida que ninguém vê*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2014.
- _____. *A menina quebrada e outras colunas de Eliane Brum*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2015.
- BUTLER, J. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 48. ed. revista. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2010.
- CERCHIARI, E. A. M.; CAETANO, G.; FACCENDA, O. Utilização do serviço de saúde mental em uma universidade pública. *Psicologia Ciência e Profissão*. Brasília, v. 25, n. 2, p. 252-265, 2005.
- COUTO, Mia. Repensar o pensamento, redesenhando fronteiras. *Fronteiras do Pensamento*. Porto Alegre, 10/8/2014. Disponível em: <http://www.fronteiras.com/artigos/mia-couto-repensar-o-pensamento-redesenhando-fronteiras> . Acesso em: 16/5/2017.
- CUKIERMAN, H. O tapete de Eudóxia: a história das ciências e a narrativa das multiplicidades. *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, v. 189/190, p. 155-172, 2012.
- DESPRET, V. Pathos et resistances. In: CHAUVENET, A.; DESPRET, V.; LEMARIE, J.-M. *Clinique de la reconstruction: Une experience avec des réfugiés en ex-Yougoslavie*. Paris: 1996, p.125-158.
- _____. Leitura etnopsicológica do segredo. *Fractal: Revista de Psicologia*. Niterói, v. 23, n. 1, p. 5-28, 2011a.
- _____. Os dispositivos experimentais. *Fractal: Revista de Psicologia*. Tradução de C. Marconi. Revisado por R. J. J. Arendt. Niterói, v. 23 – n. 1, p. 43-58, jan./abr. 2011b.
- _____. O que as ciências da etologia e da primatologia nos ensinam sobre as práticas científicas? *Fractal: Revista de Psicologia*. Niterói, v. 23, n. 1, p. 59-72, jan./abr. 2011c.
- _____. As ciências da emoção estão impregnadas de política?: Catherine Lutz e a questão do gênero das emoções. *Fractal: Revista de Psicologia*. Niterói, v. 23, n. 1, p. 29-42, jan./abr. 2011d.
- _____. *Que diraient les animaux, si... on leur posait les bonnes questions?* Paris: La Découverte; Les Empêcheurs de penser en Rond, 2012.
- _____. O que diriam os animais se... *Caderno de Leituras 45*. Tradução de Cícero de Oliveira. Belo Horizonte: Chão da Feira, maio de 2016.

DESPRET, V.; STENGERS, I. *Les faiseuses d'histoires: Que font les femmes a La pensée?* Paris: La Découverte; Les Empêcheurs de penser em Rond, 2012.

FALCÃO, A. *Mania de explicação*. Ilustrações Mariana Massarani. São Paulo: Salamandra, 2001.

FERREIRA, A. A. L. Ao comitê de ética em pesquisa: termo de consentimento livre e esclarecido In: TAVARES, M.; MORAES, M.; BERNARDES, A. G. (orgs.). *Cartas para pensar políticas de pesquisa em psicologia*. Vitória: EDUFES, 2014, p.117-122.

FERREIRA, C. L. et al. Universidade, contexto ansiogênico?: Avaliação de traço e estado de ansiedade em estudantes do ciclo básico. *Ciência e Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 973-981, 2009.

FONSECA, A. H. *A experimentação fenomenológico-existencial em Gestalt Terapia*. Disponível em: <https://www.sites.google.com/site/eksistenciaescola/eksistencia/experimentacao-fenomenologico-existencial-em-gestalt-terapia> . Acesso em 20/3/2017.

FONSECA, M. L. G. *Sufrimento difuso, transtornos mentais comuns e problemas de nervos: uma revisão bibliográfica a respeito das expressões de mal-estar nas classes populares*. 2007. Dissertação de mestrado. Escola de Saúde Publica/Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

FRAVET-SAADA, J. Ser afetado. *Cadernos de campo*, n. 13, p.155-161, 2005.

GALEANO, Eduardo. *Es tiempo de vivir sin miedo*. Vídeo publicado em 13 de julho de 2012 no YouTube. 9,02 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=guijK5WEVG8g> . Acesso em 15/11/2014.

GINGER, S. *Gestalt: uma terapia do contato*. São Paulo: Summus, 1995.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*. Campinas, n. 5, p. 7-41, 1995.

_____. Able Bodies and Companion Species. In: _____. *When Species Meet*. Minneapolis; London: University of Minnesota Press, 2008, p. 161-179.

_____. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HARAWAY, D.; KUNZRU, H.; TADEU, T. (org. e trad.). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p.33-118.

HERZBERG, E. Efeitos psicoterapêuticos do processo psicodiagnóstico: vivências do psicólogo em formação. In: CONGRESSO NACIONAL DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA, 8, 1999, Porto Alegre, *Anais...* p. 69-75, 1999.

KOOGAN, A.; HOUAISS, A. *Enciclopédia e dicionário ilustrado*. Direção geral Abraão Koogan; supervisão editorial Antônio Houaiss. 4ª ed. Rio de Janeiro: Seifer, 1999.

LATOURE, B. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Tradução C. I. da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LATOURE, B. *Reagregando o social*. Salvador: EDUFBA, Bauru, São Paulo: EDUSC, 2012.

LATOURE, B. et al. Faturas/Fraturas: da noção de rede à noção de vínculo. *Ilha Revista de Antropologia*. Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 123-146, dez. 2015. ISSN 2175-8034. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2015v17n2p123/31059>>. Acesso em: 17/7/ 2017.

LAW, J. *After Method: Mess in social science research*. New York: Routledge, 2004.

_____. *Assembling the Baroque*. Working Paper, 109. Walton Hall, Milton Keynes: CRESC Working Papers Series, Dec. 2011. Disponível em: <http://www.cresc.ac.uk/sites/default/files/JohnLawAssemblingTheBaroqueWP109.pdf>. Acesso em 28/9/2013.

LIMA, P. Responsabilidade. In: ACRI, G. d'; LIMA, P.; ORGLER, S. (orgs). *Dicionário de Gestalt-terapia: "Gestaltês"*. São Paulo: Summus, 2007, p.186-188.

MILLER, A. *O drama da criança bem dotada: como os pais podem formar (e deformar) a vida emocional dos filhos*. 2. ed. ver. e atualizada. São Paulo: Summus, 1997.

_____. *The logic of care: health and the problem of patient choice*. Abingdon; New York: Routledge, 2008a.

_____. Política ontológica: Algumas ideias e várias perguntas In: NUNES, J. A.; ROQUE, R. (orgs.). *Objectos impuros: experiências em estudos sobre a ciência*. Porto: Edições Afrontamento, 2008b, p. 63-75.

MOL, A.; MOSER, I.; POLS, J. (eds.). *Care in Practice: on tinkering in clinics, homes and farms*. Transcript Verlag, Bielefeld, 2010.

MONTERO, R. *La ridícula idea de no volver a verte*. Ciudad de México: Editora Seix Barral, 2013. Col. Biblioteca Breve.

MORAES, M. [A ciência como rede de atores: ressonâncias filosóficas](#). *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*. Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p.321-333, maio-ago., 2004.

_____. PesquisarCOM: política ontológica e deficiência visual. In: MORAES, M.; KASTRUP, V. (orgs.). *O Exercício de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual*. Rio de Janeiro: Nau, 2010, p. 26-51.

MORAES, M.; ARENDT, R. Contribuições das investigações de Annemarie Mol para a psicologia social. *Psicologia em Estudo*. Maringá, v. 18, n. 2, p. 313-321, abr.-jun. 2013.

MORAES, M.; TSALLIS, A. C. Contar histórias, povoar o mundo: a escrita acadêmica e o feminino na ciência. *Revista Polis e Psique*. Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 39-50, 2016. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/PolisePsique/article/view/61380> . Acesso em 28/5/2016.

QUADROS, L. C. de T. *A construção artesanal do fazer clínico na psicologia*. 2011. Tese de Doutorado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ. Rio de Janeiro, Brasil.

QUADROS, L. C. de T.; MORAES, M. Editorial: O PesquisarCOM e o feminino na ciência. Parte I- Polifonia de uma experiência no ESOCITE. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*. São João del Rei, v. 11, 1, p.4-7, jan.- jun. de 2016.

PERES, R. S.; SANTOS, M. A dos; COELHO, H. M. B. Atendimento psicológico a estudantes universitários: considerações acerca de uma experiência em clínica-escola. *Rev. Estudos de Psicologia*. Campinas, v. 20, n. 3, p. 47-57, set.-dez. 2003.

PERLS, F. S. *A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

_____. *Escarafunchando Fritz: dentro e fora da lata de lixo*. São Paulo: Summus, 1979.

PERLS, F.; HEFFERLINE, R.; GOLDMAN, P. *Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus, 1997.

PERLS, F. S. et al. *Isto é Gestalt: compilação e edição da obra original de John O. Stevens*. São Paulo: Summus, 1977.

PRESTRELO, E. T. *Em busca de novos papéis sexuais na relação amorosa: um estudo sob a ótica feminina*. 1989. Dissertação Mestrado. PUC/RJ.

_____. No meio do caminho, um menino... *A Província*. Goiana, PE, out. 2002.

_____. O que o olho não vê o coração também sente: como cuidar do invisível que nos salta aos olhos. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*. Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, p. 1276-1290, 2015.

PRESTRELO, E. T. et al. "Ouvir é como a chuva": o apoio psicológico como parte da formação em psicologia. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*. São João del Rei, v. 11, n. 1), jan.-jun. 2016.

PRESTRELO, E. T.; QUADROS, L. C. de T. A abordagem gestáltica na universidade: desafio, construção, possibilidades... *Revista IGT na Rede*. Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 175-184, 2001. Disponível em: <http://www.igt.psc.br/ojs/ISSN1807-2526> . Acesso em: 17/7/2017.

PRESTRELO, E. T.; QUADROS, L. C. T. Apresentação: Abordagem gestáltica: um resgate da dimensão sensível do Humano. *Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia*. Dossiê Abordagem Gestáltica. Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 10-15, 1º. quadr. 2009. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/9131/7506> . Acesso em 25/8/2015

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RIBEIRO, J. P. *Gestalt-terapia: refazendo um caminho*. São Paulo: Summus, 1985.

RIBEIRO, W. *Existência → essência: desafios teóricos e práticos das psicoterapias relacionais*. São Paulo: Summus, 1998.

ROBINE, J.-M. *O self desdobrado: perspectiva de campo em Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus, 2006.

SANTOS, B. de S. Seis razões para pensar. *Lua Nova*. São Paulo, n. 54, p. 18 e 19, 2001.

SANTOS, M. C. dos. *O sabido sem estudo*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Literatura de Cordel, s. d. Disponível em: <http://www.ablc.com.br/o-sabido-sem-estudo/>. Acesso em 17/7/2017.

SARAMAGO, J. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SARAIVA, C.; BASTOS, C. Emoções e guerras: da Micronésia às bases militares americanas: entrevista com Catherine Lutz. *Etnográfica*. Lisboa, v. 11, n. 2, p. 473-485, nov. de 2007.

SILVEIRA, M.; CONTI, J. Ciência no feminino: do que é feita a nossa escrita? *Pesquisas e Práticas Psicossociais*. São João del Rei, v. 11, n. 1, p. 53-68, jan.-jun. 2016.

SIMBINE, A. *Concepções da deficiência: embates entre versões ocidentais e contemporâneas em Moçambique*. 2015. Qualificação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ.

SPANGENBERG, A. *Terapia Gestalt: un camino de vuelta a casa: teoría y metodología*. Montevideo: Psicolibros Universitarios, 2006.

STENGERS, I. A ciência no feminino. *Revista 34 Letras*, n. 5/6, p. 427-431, 1989.

_____. *Le Vierge et le neutrino: Les scientifiques dans la tourment*. Paris: La Découvert; Les Empêcheurs de Penser em Rond, 2006.

TEIXEIRA, M. A. P. et al. (2008). Adaptação à universidade em jovens calouros. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)*. Uberlândia, v. 12, n. 1, p. 185-202, 2008.

TELLES, L. F. Entrevista a Clarice Lispector. In: LISPECTOR, C. *Entrevistas*. Rio de Janeiro: Rocco, p.13-17.

TELLES, S. R. A.; WANDERLEY, K. S. A importância da supervisão na formação do psicólogo: uma contribuição da teoria winnicottiana. *Psikhê – Revista do Centro Universitário FMU*. São Paulo, v. 5, n. 1, p. 18-23, 2000.

URIARTE, U. M. O que é fazer etnografia para os antropólogos. *Ponto Urbe* [Online], 11 de 2012. Disponível desde 2014 em: <http://pontourbe.revues.org/300> . Acesso em 30 setembro 2016.

VIANNA, B.; SÁNCHEZ-CRIADO, T. E.; GÓMEZ-SORIANO, R. Das emoções-visões aos afetos-versões: uma crítica do discurso psicológico em Vinciane Despret. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE ANÁLISE DO DISCURSO, 3, 1-4 de abril de 2008, Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais.

XISTO, V. E agora? In: VASCONCELOS, E.; FROTA, L. H.; SIMON, E. (orgs.). *Perplexidade na universidade: vivências nos cursos de saúde*. São Paulo: Editora Hucitec, 2006, p.224-227.

ZANELLA, A. V. *Perguntar, registrar, escrever: inquietações metodológicas*. Porto Alegre: Sulina; Editora UFRGS, 2013.

APÊNDICES**Apêndice A – Roteiro de Entrevista**

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Nome: _____

Telefone de contato: _____

Aluna(o)

Você se sente cuidado no curso de Psicologia? _____

De que forma? _____

Você se sente cuidando no curso de Psicologia? _____

Você teria alguma história de cuidado para nos contar? _____

Apêndice B – O que o olho não vê o coração também sente: como cuidar do invisível que nos salta aos olhos

ARTIGOS

O que o olho não vê o coração também sente: como cuidar do invisível que nos salta aos olhos ¹

What the eyes doesn't see, the hart also feels: how to take care of the invisible that jumps to the eyes

Lo que los ojos no ven el corazón lo siente: cómo "cuidar" lo invisible que aparece frente a nuestros ojos

Eleonôra Torres Prestrelo*

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

RESUMO

Este artigo nasce de inquietações e questionamentos disparados por ecos das falas de alunos da Graduação em Psicologia. Acreditando que as disfunções relacionais se estabelecem pelo abandono da confirmação do outro enquanto ser legítimo em sua alteridade, a autora apresenta um projeto de extensão como espaço de acolhimento e cuidado na universidade, tema que se transformará, posteriormente, em objeto e método de sua pesquisa de doutorado. Em seu trabalho, referencia-se no cuidado que se dá como exigência ontológica dos mundos relacionais, na busca de ampliação de entendimento de nossos modos de existência. Inspirada na noção de cuidado desenvolvida por Annemarie Mol, a autora propõe em sua prática, inclusive a de pesquisa, a mapear, contactar e narrar o que é colocado à margem, os desacertos, os não ditos na elaboração do conhecimento em nossas pesquisas e com eles, talvez, tornar visível as demandas, articulações, afetações presentes no cotidiano acadêmico. Afinada com a diretriz de pesquisa do Laboratório PesquisadorCOM (UFF), a autora afirma a pesquisa como uma prática performativa que se faz com o outro e não sobre o outro.

Palavras-chave: cuidar, cuidado, pesquisar, política ontológica.

ABSTRACT

This article arises from a sum of concerns and questions raised by undergraduate Psychology students' reverberations. Considering that one's desertion of its confirmation as legitimate human being is established by their relational dysfunctions, the author presents an extension project as a reception and care space at the university, theme that becomes later in object and method of her doctoral research. It In his work, reference is the care that is given as an ontological requirement of the related worlds expanding beyond the ethical or affective needed, aiming the understanding of existence modes. Inspired by Annemarie Mol 's notion of care, the author proposes, in his practice, including research, mapping, and contacting narrate that detect what is placed at margin, the mistakes, the unspoken in knowledge development during our research and with them, making visible

ISSN 1808-4281

Estudos e Pesquisas em Psicologia	Rio de Janeiro	v. 15	n. 4	p. 1276-1290	2015
-----------------------------------	----------------	-------	------	--------------	------

Apêndice C – “Ouvir é como a chuva”: o apoio psicológico como parte da formação em psicologia

86

Prestrelo, Eleonôra Torres; Araujo, Erika da Silva; Moraes, Marcia; Marques, Leticia. “Ouvir é como a chuva”
– o apoio psicológico como parte da formação em psicologia.

**“Ouvir é como a chuva” – o apoio psicológico como parte da formação em
psicologia.**

**“To listen is like the rain” – the psychological support as part of the formation
in psychology.**

**“Oires como lalluvia” – elapoyo psicológico como parte de laformación em
psicologia.**

Eleonôra Torres Prestrelo¹

Erika da Silva Araujo²

Marcia Moraes³

Leticia Marques⁴

Resumo

Este artigo apresenta a experiência e conseqüente reflexão das autoras acerca do projeto de extensão denominado “GAPsi – grupos de apoio psicológico” que visa cuidar dos alunos do curso de Psicologia do Instituto de Psicologia/UERJ. Toma como proposição que o cuidado se faz na prática, se faz *com* e não *sobre* o outro, em pequenas práticas cotidianas, nas conexões que fazemos, no estabelecimento de parcerias, se faz numa ética do cuidado. O projeto se desenvolve através de “oficinas de cuidado”, tendo como premissa que o cuidado se constitui como ação paradigmática dos cursos de Psicologia. As oficinas são baseadas no dispositivo de trabalho grupal da Abordagem Gestáltica e da Terapia Comunitária Integrativa e apoiam-se na prática de fazerCOM, inspirada na orientação metodológica do Laboratório pesquisarCOM/UFF. Dessa forma, o GAPsi caracteriza-se como um trabalho de prevenção e valorização da vida nas ações cotidianas, buscando beneficiar toda a comunidade nele envolvida.

Palavras-chave: cuidado; grupos de apoio psicológico; extensão; pesquisarCOM.

¹ Eleonôra Torres Prestrelo. Professora Assistente do Instituto de Psicologia da UERJ; Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFF; Bolsista CAPES; Coordenadora do Projeto de Extensão “GAPsi- grupos de apoio psicológico”; Coordenadora do Núcleo de Extensão do Instituto de Psicologia/UERJ.

² Erika da Silva Araujo. Psicóloga formada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro; profissional vinculada ao projeto de extensão “Laboratório Gestáltico: configurações e práticas contemporâneas” e ex-bolsista do projeto de extensão “GAPsi – grupos de apoio psicológico”.

³ Marcia Moraes. Doutora em Psicologia pela PUC/SP. Professora Associada do Departamento de Psicologia, com atuação na graduação e na pós-graduação *strito sensu*, da Universidade Federal Fluminense. Financiamento de pesquisa: CNPq, Faperj, UFF/PROEX.

⁴ Leticia Marques de Oliveira estagiária bolsista do projeto de extensão “GAPsi – grupos de apoio psicológico” e estudante do 6º período de graduação em Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Apêndice D – Laboratório Gestáltico e Laboratório PesquisadorCOM: práticas no rastro de uma “psicologia no feminino” (no prelo)

1

Laboratório Gestáltico e Laboratório PesquisadorCOM: práticas no rastro de uma *psicologia no feminino*.

Eleonôra Torres Prestrelo (UERJ)¹

Laura Cristina de Toledo Quadros (UERJ)²

Márcia Oliveira Moraes (UFF)³

O artigo em questão tem como proposta discutir as práticas desenvolvidas no Laboratório gestáltico (UERJ) e no Laboratório PesquisadorCOM (UFF) a partir do que elas tem em comum e também de singular. Esses laboratórios compõem a formação acadêmica na psicologia através de uma certa ruptura com o saber hegemônico. Para conduzir essa discussão, nos reportaremos às práticas que são aqui entendidas não como subordinadas a uma teoria, mas sim no sentido proposto por Stengers (2006), que enfatiza as relações e negociações realizadas no processo de se fazer ciência. É também em Stengers (1989) que encontramos ressonâncias fundamentais para pensarmos uma direção: uma outra perspectiva para a noção de objetividade, a importância da escrita e da narrativa nos artigos e relatos de pesquisa e ainda a importância de acompanhar os modos de construção, os agenciamentos e negociações que emergem tanto do campo de pesquisa quanto das ações que realizamos no âmbito da formação acadêmica. Tais possibilidades nos permitem fazer *com* o outro e não *sobre* o outro, trazendo reflexões que nos deslocam de um pensamento mais tradicional para um espaço mais sensível, ampliando o campo do nosso fazer e produzindo novos efeitos na formação e práticas acadêmicas.

Palavras chave: Laboratório gestáltico; PesquisadorCOM; Prática de pesquisa; ciência no feminino.

¹ Professora Assistente do Instituto de Psicologia da UERJ e coordenadora do projeto de extensão Laboratório gestáltico: configurações e práticas contemporâneas.

² Professora Adjunta do Instituto de Psicologia e do Programa de Pós Graduação em Psicologia da UERJ e vice-coordenadora do projeto de extensão Laboratório gestáltico: configurações e práticas contemporâneas.

³ Professora Titular do Instituto de Psicologia e do Programa de Pós Graduação em Psicologia da UFF, coordenadora do laboratório PesquisadorCOM